



Mauricio Dal Castel

Tecnologias de Controle no Neoliberalismo:

uma Aproximação desde Byung-chul Han



Editora Fundação Fênix

"Estamos diante de um texto especial. Não apenas porque Maurício lê como poucos um autor que caiu nas graças do mercado editorial pelo mundo, às vezes rápido demais, como Han, mas porque trabalha suas categorias de modo rigoroso e inovador para analisar o contexto contemporâneo das práticas de controle social no neoliberalismo. Ao mesmo tempo em que a obra serviria como uma introdução sistematizada ao autor sul-coreano, reflete de forma aguda e mais importante sobre as formas de vida produzidas entre os estados de dominação, as relações estratégicas e, sobretudo, as técnicas de governo. Eis um escrito que muito tem a contribuir para o exercício de resistências nos jogos estratégicos entre liberdades."

Augusto Jobim do Amaral



Editora Fundação Fênix



**TECNOLOGIAS DE CONTROLE NO NEOLIBERALISMO:
UMA APROXIMAÇÃO DESDE BYUNG-CHUL HAN**

Série Tecnopolíticas do controle social

Conselho Editorial

Editor

Augusto Jobim do Amaral

Conselho Científico – PPG Direito PUCRS

Ricardo Timm de Souza
Nythamar Oliveira
Jair Tauchen
Ricardo Jacobsen Gloeckner
Nereu Giacomolli

Conselho Editorial Nacional

Acácio Augusto (UNIFESP)
Aknaton Toczek Souza (UCPel)
Alana Moraes (UFRJ)
Alexandre Moraes da Rosa (UFSC)
Alexis Brito (Mackenzie)
Andytias Matos (UFMG)
Ângela Espíndola (UFSM)
Cecília Coimbra (UFF)
Cícero Krupp da Luz (FDSM)
Cícero Krupp Luz (FASUL/MG)
Deivison Campos (PUCRS)
Draiton Gonzaga (PUCRS)
Edson Passetti (PUCSP)
Eduardo Baldissera Salles (UNOCHAPECÓ)
Evandro Pontel (PUCRS)
Fabio Caprio (PUCRS)
Felipe da Veiga Dias (Atitus)
Felipe Lazzari (UCPel)
Fernanda Martins (UFSM)
Fernando Hoffman (UFSM)
Fhoutine Marie (PUCSP)
Giuliana Redin (UFSM)
Gustavo Pereira (PUCRS)
Jayme Weingartner (PUCRS)
Jean Tible (USP)
José Luís Bolzan de Moraes (FDV)
José Luís Ferraro (PUCRS)
Karina Fernandes (UniRitter)
Marcia Junges (UNISINOS)
Margareth Rago (Unicamp)

Norman Madarasz (PUCRS)
Pablo Ornellas (UVV)
Raphael Boldt (FDV)
Regina Ruaro (PUCRS)
Renata Guadagnin (UniRitter)
Tássia Gervasoni (Atitus)
Teresa Cristina Marques (PUCRS)
Vanessa Chiari (UFRGS)

Conselho Editorial Internacional

Antonio Tucci (Università degli Studi di Salerno)
Bárbara Stock (Universidad de Sevilla)
Bernard Harcourt (Columbia University)
David Nemer (Virginia University)
Erik Bordeleau (Universidade Nova de Lisboa)
Fiammetta Bonfigli (University of Viena)
Gabriel Ignacio Anitua (Universidad de Buenos Aires)
Gonzalo Ana Dobranitich (Universidad de Buenos Aires)
Guilherme de Sousa Oliveira (Miami Dade College)
Jesus Sabariego (Universidad de Sevilla)
José Brandariz (A Coruña)
Marcelo Hoffman (Pace University)
Marcelo Raffin (Universidad de Buenos Aires)
Michael Hardt (Duke University)
Rodrigo Nunes (University of Essex)
Salomé Sola (Universidad de Sevilla)
Sandro Chignola (Università Degli Studi di Padova)
Sebastian Scheerer (Universität Hamburg)
Veronica Gago (NYU)
Wayne Morrison (Queen Mary University)

Mauricio Dal Castel

**TECNOLOGIAS DE CONTROLE NO NEOLIBERALISMO:
UMA APROXIMAÇÃO DESDE BYUNG-CHUL HAN**



Editora Fundação Fênix

Porto Alegre, 2023

Direção editorial: Ingo Wolfgang Sarlet
Diagramação: Editora Fundação Fênix
Capa: Editora Fundação Fênix

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –
http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Série Tecnopolíticas do controle social – 01

Catálogo na Fonte

D136t Dal Castel, Maurício
Tecnologias de controle no neoliberalismo [recurso eletrônico] : uma aproximação desde Byung-Chul Han / Maurício Dal Castel. – Porto Alegre : Editora Fundação Fênix, 2023.
125 p. (Série Tecnopolíticas do controle social ; 1)

Disponível em: <<http://www.fundarfenix.com.br>>
ISBN 978-65-5460-073-6
DOI <https://doi.org/10.36592/9786554600736>

1. Tecnologia. 2. Revolução digital. 3. Neoliberalismo. 4. Han, Byung-Chul 1959-. 5. Psicopolítica. 6. Filosofia. I. Título

CDD: 100

Responsável pela catalogação: Lidiane Corrêa Souza Morschel CRB10/1721

Para a memória de Marília. Para o amor de Eduarda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, à minha irmã, Marília, com quem tive o prazer, a honra e a alegria de conviver durante 26 anos. Quem me guiou durante a graduação e com quem iniciei minha jornada profissional. Quem me apresentou aos livros e às artes. Palavras, aqui, seriam insuficientes para expressar a gratidão e a saudade que sinto. Basta dizer muito obrigado.

Agradeço, também, aos meus pais pelo amor, apoio e incentivo constantes, por sempre acreditarem na educação e em mim.

Agradeço, ainda, ao meu orientador Prof. Dr. Augusto Jobim do Amaral, sem o brilhantismo de quem este trabalho não seria possível, e à PUCRS pela bolsa de estudos concedida através do Programa Institucional para Incentivo à Pós-Graduação Stricto Sensu – PRO-Stricto. Agradeço à minha agora orientadora Prof.^a Dra. Vanessa Chiari Gonçalves, que aceitou o desafio de prefaciar a obra agora apresentada e de ombrear comigo os estudos do controle social no Doutorado em Direito da UFRGS, onde não poderia deixar de agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – CAPES pelo financiamento que possibilita a continuidade da pesquisa.

Agradeço a Germano de Souza Castanho por todo auxílio na revisão da obra e pelo prazer que é testemunhar o início de uma carreira profissional e acadêmica brilhante, rigorosa e, acima de tudo, crítica.

Por fim, à minha amada Eduarda, quem torna tudo isso possível, com seu amor, afeto, discussões no café da manhã e incentivo em todas as empreitadas, por mais árduas que sejam, por mim almejadas. Sem ela, nem essa pesquisa nem a sua continuidade seriam possíveis.

"Da liberdade só posso ter a concepção do prisioneiro ou do indivíduo moderno no seio do Estado."

Albert Camus.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Augusto Jobim do Amaral 7

PREFÁCIO

Vanessa Chiari Gonçalves 9

1. INTRODUÇÃO 11

2. BREVE GENEALOGIA DAS TECNOLOGIAS DE PODER: DE MICHEL FOUCAULT A BYUNG-CHUL HAN 15

2.1 A emergência totalizante da positividade e a supressão da negatividade 24

2.2 O imperativo da transparência 36

2.3 O sujeito do desempenho 47

3. A REVOLUÇÃO DIGITAL E AS TECNOLOGIAS DE CONTROLE NA ERA NEOLIBERAL 57

3.1 A hipercomunicação e o fim da distância 66

3.2 A hiperexposição e a cessão voluntária do Eu 72

3.3 O panóptico digital e as novas técnicas de vigilância 77

4. A ASCENSÃO DOS DADOS COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE E VIGILÂNCIA 85

4.1 O big data e o protocolamento total da vida 87

4.2 Dataísmo: a religião do culto aos dados 96

4.3 A psicopolítica e as técnicas de controle no regime neoliberal 106

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 115

REFERÊNCIAS 119

APRESENTAÇÃO

Estamos diante de um texto especial. Não apenas porque Maurício lê como poucos um autor que caiu nas graças do mercado editorial pelo mundo, às vezes rápido demais, como Han, mas porque trabalha suas categorias de modo rigoroso e inovador para analisar o contexto contemporâneo das práticas de controle social no neoliberalismo. Ao mesmo tempo em que a obra serviria como uma introdução sistematizada ao autor sul-coreano, reflete de forma aguda e mais importante sobre as formas de vida produzidas entre os estados de dominação, as relações estratégicas e, sobretudo, as técnicas de governo. Eis um escrito que muito tem a contribuir para o exercício de resistências nos jogos estratégicos entre liberdades.

Augusto Jobim do Amaral.

PREFÁCIO

Carlos Drummond de Andrade, no poema Definitivo, nos lembra que “nossa dor não advém das coisas vividas, mas das coisas que foram sonhadas e não se cumpriram”. Parece correto pensar que desejos e expectativas frustradas contribuem para a sensação de mal-estar permanente que se observa nas sociedades contemporâneas. A questão é refletir sobre a origem e o conteúdo dessas aspirações que vamos adquirindo na velocidade das revoluções tecnológicas e isso significa questionar: Em que medida as novas tecnologias de armazenamento de dados, alimentadas por informações publicizadas por nós mesmos, seja para acessar aplicativos, sites de informações e serviços, seja para a busca de *likes* nas redes sociais, promovem a captura da nossa subjetividade e com isso passam a definir os nossos desejos?

É sobre essa e outras questões correlatas que Mauricio Dal Castel se propõe a refletir na obra que temos a imensa alegria de prefaciar: Neoliberalismo, Controle Social e Psicopolítica. A obra é fruto de sua dissertação de mestrado em filosofia, realizada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul com a brilhante orientação do amigo Augusto Jobim do Amaral.

Nela, Mauricio parte das reflexões do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han sobre a psicopolítica, fenômeno que ele apresenta como uma virada no conceito de biopolítica teorizado por Michel Foucault. A biopolítica consiste no mecanismo de controle dos corpos e das mentes das populações massificadas por meio de técnicas de disciplinamento e de condicionamento pelo hábito, pela vigilância e pela gestão da vida a pretexto de proteger e de aperfeiçoar, ainda que ao preço do aniquilamento do ego. Ela se impõe pelo convencimento ou pela coação. Já, a psicopolítica atua nos processos psíquicos mais profundos e invisíveis, mediante uma aparente lógica da positividade, da livre manifestação das liberdades.

Por meio da coleta, do processamento e do armazenamento de dados nossos pensamentos, comportamentos e aspirações passam a ser moldados de forma imperceptível. A vigilância digital alinhada aos conteúdos direcionados de acordo com características de diferentes personalidades promove o controle das

subjetividades com sutileza e rapidez, nossos preconceitos e medos são instrumentalizados em favor de pautas políticas, econômicas, ideológicas.

Com os *slogans* da transparência e da liberdade estimula-se a obsessão por desempenho, o empreendedorismo sem garantias normativas, a adesão ao risco como receita de sucesso. Ideias que são muito convenientes ao modelo econômico neoliberal, de estado social mínimo e de controle social/digital máximo. O próprio pensamento humanista passa ser objeto de questionamento e os *big data* com sua aparente objetividade e precisão aparecem como o caminho da libertação do conhecimento do arbítrio das subjetividades.

O desempenho torna-se a meta principal do sujeito, servindo como "fonte inesgotável de reprodução do capital e, assim, fazendo expandir cada vez mais o psicopoder na sociedade de controle". A ideologia do *dataísmo* emerge defendendo a noção de que o processamento de dados por algoritmos e tecnologias de *big data* consistiriam em uma racionalidade mais elevada do que a razão humana. Ela promete que as tecnologias e o uso de inteligência artificial seriam capazes até mesmo de prever o futuro. Existe, no entanto, uma distância significativa entre ser capaz de prever o futuro e ser capaz de induzir comportamentos por meio de um *marketing* enganoso gerador de efeitos pretendidos.

Maurício tem a habilidade de desenvolver ideias complexas com uma linguagem clara que envolve o leitor. Sua trajetória como pesquisador prossegue, atualmente, na condição de doutorando do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mantendo a sociedade de controle digital como horizonte de investigação.

Que esta obra possa inspirar muitos leitores a refletirem sobre que tipos de sonhos merecem orientar os seus caminhos!

Porto Alegre, inverno de 2023.

Vanessa Chiari Gonçalves.

Professora Associada de Direito Penal e Criminologia da Faculdade de Direito e do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFRGS.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Byung-Chul Han, o regime neoliberal impõe, hoje, novas formas e novas técnicas de poder. O exercício destas tecnologias de poder é, inexoravelmente, caracterizado pela digitalização da sociedade, fenômeno que vem se intensificando com extrema velocidade desde os primórdios da Quarta Revolução Industrial, a Revolução Digital, a partir do surgimento de tecnologias como *big data*, internet das coisas, algoritmos de processamento de dados e redes sociais.

Assim, as mudanças sofridas pela sociedade como um todo afetam, também, as formas de exercício de poder, como já havia antevisto Michel Foucault ao descrever em sua análise do poder as transições havidas entre o poder soberano, o poder disciplinar e o biopoder. Para Han, portanto, o poder agora é caracterizado não mais por sua incidência apenas nos corpos conforme a biopolítica foucaultiana, mas também na *psyche* dos sujeitos, em seus processos psíquicos, através da predição e indução de seu comportamento individual e de massa.

A presente pesquisa foi desenvolvida afeta à linha de pesquisa "Estado e Teorias da Justiça", na área de concentração Ética e Filosofia Política, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, uma vez que a dissertação analisa e descreve a crítica social desenvolvida na obra de Byung-Chul Han, especialmente sobre a incidência das tecnologias de controle neoliberais e os atores atingidos e controladores destas tecnologias, sejam atores governamentais/estatais, empresas privadas ou indivíduos.

Dessa forma, no primeiro capítulo será analisada, primeiramente, a transição entre diferentes tecnologias de poder, partindo da obra de Michel Foucault e sua descrição da sociedade disciplinar e da biopolítica, em direção à análise de poder característico do regime neoliberal, especialmente após a Revolução Digital, realizada por Byung-Chul Han e por ele denominado de psicopoder. Neste ponto, será apresentado o desenvolvimento genealógico das técnicas de poder, suas principais características, formas de atuação e atores atingidos, bem como sua repercussão na filosofia política e, especialmente, será analisada a capacidade de modelagem da subjetividade dos sujeitos através das tecnologias de controle apresentadas ao longo do subcapítulo.

Em sequência, serão analisadas as categorias que fornecem o sustentáculo da teoria de Byung-Chul Han e trabalhadas pelo autor ao longo de sua obra, de forma umbilicalmente ligadas entre si, como a supressão da negatividade e a persistência da positividade, para possibilitar o exercício de um poder simultâneo à liberdade e exercido através dela. A positividade, entendida como uma forma de manifestação do poder que instrumentaliza a liberdade e o desejo, fazendo convergir com eles os objetivos – por vezes ocultos, por vezes explícitos – dos atores que exercem de forma majoritária este poder (majoritária pois o indivíduo, ainda que afetado e em certa medida controlado por este poder, também o exerce em detrimento dos demais), identificados como órgãos governamentais e empresas de tecnologia, as *big techs*.

O imperativo da transparência, que possibilita a extração contínua e crescente da matéria-prima da vigilância contemporânea, os dados e as informações dos sujeitos, quem os fornecem voluntariamente, será analisado em sequência. A transparência, conforme será demonstrado, é um dos fenômenos que possibilita o exercício do poder psicopolítico, pois é através da exposição voluntária que boa parte dos dados privados são obtidos online e utilizados para os mais diversos fins, via de regra lucrativos ou de vigilância estatal e privada.

A subjetividade do sujeito neoliberal, caracterizada pela obsessão por desempenho, será analisada no terceiro subcapítulo, compondo, assim, os fenômenos que, inter-relacionados, possibilitam o surgimento do poder psicopolítico e a sua atuação, hoje virtualmente onipresente, sobre os sujeitos. A subjetividade, desde Foucault, compõe o ponto central da analítica do poder e, a partir de Byung-Chul Han, comporá a própria essência do poder psicopolítico, uma vez que o seu exercício depende necessariamente da voluntariedade dos sujeitos. Assim, o desempenho como objetivo máximo do sujeito servirá como fonte inesgotável de reprodução do capital e, assim, fazendo expandir cada vez mais o psicopoder na sociedade de controle descrita pelo autor.

No segundo capítulo, por seu turno, será realizada uma breve introdução sobre a Revolução Digital e suas consequências para o regime neoliberal e, em seguida, serão expostos os comportamentos fomentados e impostos aos sujeitos que,

disfarçados de liberdade, servem de instrumento de autodomação e autoexploração.

Primeiramente, a hipercomunicação será analisada para demonstrar que o incentivo à comunicação ilimitada não corresponde aos objetivos corriqueiramente aludidos pelas *big techs* como uma forma de eliminação das distâncias entre os sujeitos, mas, pelo contrário, servirá de fonte de superávit comportamental, no termo trazido por Shoshana Zuboff, e, assim, como instrumento de controle, ainda que vendido sob o pretexto da liberdade de comunicação.

Em seguida, a hiperexposição, fenômeno ocasionado pela ode à transparência já descrito, será analisada e sua funcionalidade para o psicopoder será demonstrada, uma vez que o excesso de exposição, não apenas de comunicação, fornecerá, também, acesso a dados de toda a sorte, muitas vezes íntimos e privados, sem que o sujeito oponha-se a tanto e, ainda, os forneça voluntariamente para o escrutínio dos demais e, ainda que inconscientemente, ao escrutínio das empresas que controlam as redes sociais onde a exposição é fomentada através de estímulos positivos, como o “curtir” e o “like”.

Por fim, esta análise culminará naquilo que Byung-Chul Han denominou de panóptico digital, uma versão do panóptico benthamiano, porém em que agora os sujeitos vigiados o são voluntariamente e funcionam, simultaneamente, como prisioneiros e carcereiros. Onde os sujeitos vigiam e são vigiados. Onde as informações fornecidas sem objeção – comunicações, imagens, dados privados – são instrumentalizados para a exploração econômica e o controle social, tudo isso com o consentimento – ou pelo menos sem a resistência – dos sujeitos.

Por fim, no terceiro e último capítulo, após uma breve introdução a respeito da ascensão dos dados na sociedade contemporânea como um fator determinante de diversos aspectos econômicos, sociais, políticos e privados, será realizada uma análise sobre a principal ferramenta de exercício do poder psicopolítico, o *big data*. O *big data*, ao possibilitar o processamento massivo de dados e em uma velocidade até então inimaginável, funcionará como a ferramenta ideal para o desenvolvimento de formas de controle novas, para o recrudescimento de formas de controle antigas, e proverá a eficiência, agilidade e precisão necessárias para o uso indiscriminado dos dados obtidos dos sujeitos para fins de acúmulo de capital e controle social.

Será realizada a analítica, ainda, da ideologia que lhe confere legitimação, o dataísmo, que consiste na ideia de que os dados e o seu processamento por algoritmos e tecnologias de *big data*, consistem em uma forma de razão mais elevada do que a razão humana e, portanto, o seu uso desenfreado é não só desejado como necessário, servindo, inclusive, para suprimir a razão humana por uma razão algorítmica. Além disso, os dataístas colaboram intensamente com o psicopoder ao delegarem o máximo de atividades e informações a tecnologias de processamento de dados, depositando sua crença na tecnologia como forma de aprimoramento da vida humana.

Finalmente, o capítulo encerrará a dissertação realizando a análise sobre a psicopolítica na obra de Byung-Chul Han, seu conceito, fundamentos, evolução e consequências de sua ascensão como novo paradigma do poder, um poder que é exercido com a participação ativa e voluntária de seus servos.

2. BREVE GENEALOGIA DAS TECNOLOGIAS DE PODER: DE MICHEL FOUCAULT A BYUNG-CHUL HAN

A sociedade contemporânea, diferentemente daquela descrita por Michel Foucault como uma sociedade disciplinar em seu clássico *Vigiar e Punir*¹, situada nos séculos XVIII e XIX e cujo apogeu se deu no século XX², é, para Byung-Chul Han, marcada pela desconstrução e supressão da negatividade e pela emergência totalizante da positividade, constituindo aquilo que cunhou de *sociedade do controle*³. O termo, no entanto, já havia sido trabalhado por Gilles Deleuze no *Post-scriptum sobre as Sociedades de Controle*, presente na obra *Conversações (1972-1990)*, extraído de uma entrevista concedida ao *L'Autre Journal* em 1990, onde desenvolve, a partir do conceito foucaultiano de sociedade disciplinar, o conceito de sociedade de controle. A origem do termo, no entanto, remonta a William S. Burroughs, pintor, escritor e crítico social americano, quem primeiro o cunhou⁴.

As sociedades disciplinares são caracterizadas por dois polos distintos identificados como *indivíduo* e o seu posicionamento no interior de uma *massa*. O poder pode ser, simultaneamente, *massificante* e *individuante*, sem, necessariamente, abrigar qualquer incompatibilidade entre os dois efeitos. Foucault, diz Deleuze, já havia descrito esta relação de via de mão dupla ao analisar o poder pastoral do sacerdote, quem detinha a atribuição de dispor do rebanho e de cuidá-lo e mantê-lo saudável simultaneamente, função posteriormente exercida pelo poder civil por outros meios. Nas sociedades de controle, no entanto, o essencial à

¹ Obra mais célebre do filósofo francês Michel Foucault, *Vigiar e Punir* é um estudo sobre a evolução histórica dos dispositivos penais, processuais penais, métodos coercitivos e dispositivos de punição adotados pelo poder público na repressão à criminalidade. Cf. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

² Para Deleuze, a sociedade disciplinar foucaultina tinha como característica o deslocamento contínuo do indivíduo de um espaço fechado para outro: da família para a escola, da escola para fábrica, eventualmente para o hospital ou para a prisão. É a prisão, portanto, o símbolo analógico dessa sociedade marcada pela disciplina e pela estruturação e disposição dos corpos em espaços rigorosamente determinados. As sociedades disciplinares sucedem às sociedades de soberania, nas quais o monarca soberano presava mais em açambarcar os súditos do que funcionar como gestor deles, "decidir sobre a morte mais do que gerir a vida". In: DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 223.

³ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, pp. 105-116.

⁴ Cf. DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2013, pp. 223-230.

identidade do sujeito deixa de ser uma "assinatura" ou "número" que identificaria e individualizaria o indivíduo no interior da massa como um ser único e dotado de características particulares como ocorria na sociedade disciplinar, tornando-o, ao mesmo tempo, individual e componente de um todo, e passa a representação deste indivíduo dar-se a partir de uma *cifra* (ou de uma *senha*)⁵, transformando-o em um *perfil*, delimitável e determinável. Desaparece, aqui, o par massa-indivíduo característico da sociedade disciplinar. Sintetiza o autor: "[o]s indivíduos tornaram-se *dividuais*", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou *bancos*."⁶ Ou seja, a representação do indivíduo na sociedade de controle não ocorre mais em termos voltados às particularidades individuais, mas a códigos designados a cada sujeito como forma de torná-los cognoscíveis ao sistema, através de (bancos de) dados, amostras etc. Assim, para Deleuze, a sociedade de controle diferencia-se da sociedade disciplinar pelas transformações morfológicas da subjetividade dos indivíduos e de suas relações interpessoais, que correspondiam ao que denominou de *massa* (para Foucault, *população* ⁷), transformações, estas, causadas principalmente pela influência sofrida através do desenvolvimento tecnológico característico do capitalismo do pós-guerra e das políticas do *welfare state*. Há, portanto, o rompimento com a concepção tradicional de massa/população a ser gerida pelo governo e passa-se a uma concepção de indivíduo *dividual*, cujos traços de personalidade, psicológicos e físicos, são cognoscíveis através de uma extração massiva de informações públicas e privadas, fenômeno possibilitado pela expansão da tecnologia e pelo avanço do neoliberalismo.

A informatização da vida fez surgir inúmeras novas possibilidades de controle, mais eficientes e mais rápidas, até então impensáveis. Através da informática, cada indivíduo é determinável e rastreável, pois todos portam uma *senha*, retomando o

⁵ Os termos *cifra* e *senha* conotam um signo cuja identificação se dá a partir da aferição da compatibilidade entre o sinal fornecido e o sinal oculto correspondente. Assim, no presente contexto, infere-se a relação com os signos *cifra* e *senha* como cognoscíveis a partir de amostras e dados informacionais, *i.e.*, os indivíduos, ou *divíduos*, no termo deleuziano, tornam-se divisíveis e cognoscíveis a partir de amostragens, dados, estatísticas. Cf. DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2013, pp. 225-226.

⁶ DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2013, pp. 225-226.

⁷ Cf. FOUCAULT, Michel. **Segurança, População, Território**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

termo empregado por Deleuze, para ter acesso a uma gama indefinida de serviços *online*: e-mail, redes sociais, aplicativos de relacionamento, *softwares* de uso profissional, aplicativos de *streaming* e de música. O *banco* de dados (novamente Deleuze) cresce exponencialmente, quantitativa e qualitativamente, a cada nova *account* (conta) criada para o usufruto de novos serviços, que funcionam como credenciais para o trânsito no ciberespaço, acumulando cada vez mais informações sobre o *divíduo* deleuziano, agora precisamente determinável através de amostragens e dados⁸, e aumentando a quantidade de informações disponíveis sobre cada *perfil* determinado.

No entanto, não apenas a mudança na subjetividade e a influência tecnológica explicam a emergência da sociedade de controle em detrimento da sociedade disciplinar para Deleuze. Aspecto fundamental para explicar o triunfo da sociedade do controle sobre a sociedade disciplinar (sem, no entanto, extingui-la⁹), reside justamente na maior *eficiência* da primeira, mantra intrínseco às noções neoliberais de produção (de si e de produtos) que norteará toda esta racionalidade e que será extensivamente escrutinada nos últimos seminários no *Collège de France* de Foucault (*Segurança, Território, População e Nascimento da Biopolítica*) e na obra de Han.

[P]ara Gilles Deleuze, o poder disciplinar diminui em importância diante das possibilidades oferecidas pelo poder de controle sobre as atividades dos indivíduos no dia a dia. Enquanto a disciplina demanda por um longo e descontínuo período de tempo necessário ao adestramento dos comportamentos, o controle se exerce em curto prazo, além de ser contínuo e ilimitado. Por isto, a eficiência do controle produz efeitos mais rápidos, haja vista

⁸ FERREIRA, Rubens da Silva. A sociedade da informação como sociedade de disciplina, vigilância e controle. **Información, cultura y sociedad**. n. 31, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2014, pp. 109-120. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17402014000200007&lng=en&tlng=en>. Acesso em: 06 ago. 2020.

⁹ Edgardo Castro, filósofo argentino e estudioso da obra de Michel Foucault, adverte que na obra foucaultiana as técnicas de poder não substituem umas às outras, mas se *complementam*, ainda que o sejam sucessivas no tempo, não o são em relação ao seu exercício. Assim, afirma que o poder disciplinar não fora solapado pelo biopoder, mas que estas diferentes técnicas de controle dos corpos apenas somaram-se, ainda que a primeira tenha perdido importância em detrimento da segunda, jamais desapareceu. Frisa, assim, que as técnicas de poder não são excludentes entre si, mas complementares. In: CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 110.

o desenvolvimento da informática que, por meio de uma linguagem binária, criou um recurso simples, a senha, capaz de identificar e de localizar as pessoas onde quer que estejam, e o que quer que estejam fazendo.¹⁰

A conclusão de Gilles Deleuze converge em grande medida com a de Byung-Chul Han, quem identifica, retomando, assim como o fez Foucault outrora na sua análise do poder, o conceito do panóptico benthamiano para descrever o funcionamento do poder subjacente à sociedade do controle e localizando, ainda que parcialmente, a fonte desta nova forma de poder, responsável por reformular a sociedade disciplinar foucaultiana em uma sociedade de controle, na tecnologia e no desenvolvimento agressivo do neoliberalismo¹¹. Apesar de não o dizer nominalmente, Deleuze, ao desenvolver seu conceito de sociedade(s) de controle, já atribui função relevante aos dados e estatísticas¹², fenômeno cuja evolução contemporânea é conhecida como *big data*¹³ – *big data* e estatística são fenômenos distintos, mas que, evidentemente, guardam certas semelhanças entre si, como a quantificação da informação, v.g., sendo aquele sucessor deste. Foucault, cujos conceitos Deleuze e Han consideraram ultrapassados para o diagnóstico do poder a

¹⁰ FERREIRA, Rubens da Silva. A sociedade da informação como sociedade de disciplina, vigilância e controle. **Información, cultura y sociedad**, n. 31, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2014, pp. 109-120. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17402014000200007&lng=en&tlng=en>. Acesso em: 6 ago. 2020.

¹¹ No *Post-scriptum sobre as Sociedades de Controle* em DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2013, pp. 223-230, Deleuze vale-se do termo "*capitalismo*" para designar o sistema econômico responsável por esta transformação morfológica do poder, no entanto, em razão da maior precisão teórica, utilizaremos o termo "*neoliberalismo*", que constitui não apenas o sistema econômico onipresente na(s) sociedade(s) de controle caracterizado pela economia de livre mercado, mas uma verdadeira racionalidade governamental, como a frente será abordado com o devida atenção, e por ser amplamente utilizado pelas análises de Michel Foucault e Byung-Chul Han, dois autores essenciais para a presente pesquisa.

¹² DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2013, pp. 225-226.

¹³ "O dataísmo surge com a ênfase em um *segundo Iluminismo*. No *primeiro Iluminismo*, acreditava-se que a *estatística* seria capaz de libertar o conhecimento do teor mitológico; por isso, a estatística foi festejada com euforia pelo primeiro Iluminismo. À luz da estatística, Voltaire almejava uma história que fosse separada da mitologia. De acordo com ele, a estatística seria «objeto de curiosidade para quem quer ler a história como cidadão e como filósofo». [...] Os *big data* devem libertar o conhecimento da arbitrariedade subjetiva. A intuição não representa nenhuma forma de conhecimento superior: ela é algo meramente subjetivo, um recurso que compensa a falta de dados objetivos. De acordo com esse argumento, em uma situação complexa, a intuição é cega. Até mesmo a teoria cai sob suspeita de ser ideológica. Quando os dados suficientes estiverem disponíveis, a teoria se torna dispensável." In: HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âynié, 2018, pp. 79-81.

que submetida a sociedade contemporânea, já havia antevisto a utilização da estatística e da coleta de dados para o controle e o gerenciamento da *população*,¹⁴ naquilo que denominou de *biopolítica*¹⁵ e, posteriormente, de *governamentalidade*¹⁶.

A literatura foucaultina é, portanto, de extrema importância para a compreensão desta evolução dos poderes disciplinar e biopolítico dos séculos XVII e XVIII e da primeira metade do século XX, respectivamente, para o poder de controle da segunda metade do século XX e do século XXI¹⁷. Foucault identificou inicialmente nos dispositivos disciplinares¹⁸ as principais funções destes poderes: constituir indivíduos politicamente dóceis e economicamente eficientes/rentáveis.¹⁹ No

¹⁴ O termo "*população*" adquire, em Foucault, especial relevância para designar a massa opaca de indivíduos visualizável através da estatística, dos dados, cujo gerenciamento norteará as técnicas governamentais. Cf. FOUCAULT, Michel. **Segurança, População, Território**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008. Portanto, na presente pesquisa, ao nos referirmos à "*população*", o faremos de acordo com o conceito foucaultiano do termo.

¹⁵ A biopolítica afirma-se como técnica de exercício de poder de maneira *positiva* sobre a vida dos sujeitos (aqui pensados como indivíduos que compõe determinada *população*), poder este que intenta administrar e aumentar as forças da população e do indivíduo, em nível geral e particular, gerando mais valor e utilidade aos corpos, através de, *v.g.*, técnicas e ciências medicinais, higienistas e de controle da mortalidade infantil. Cf. FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**. Tradução de Maria Thereza de Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 9. ed. Rio de Janeiro, RJ/São Paulo, SP: Paz e Terra, 2019, pp. 145-150.

¹⁶ "[A] governamentalidade se define pelo conjunto de instituições, cálculos e táticas que têm "como objetivo principal o governo da população, como forma maior a economia política e como instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança" (FOUCAULT, 2004c, p. 111, p. 143)." In: CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. 4. reimp. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020, p. 113.

¹⁷ Edgardo Castro aponta, com precisão, a insuficiência do conceito de poder disciplinar para designar os últimos cursos de Foucault, principalmente aqueles que denomina de cursos biopolíticos, fazendo-se necessário anotar a diferenciação entre o poder disciplinar, característico da sociedade homônima, e do biopoder e da biopolítica, posteriormente governamentalidade, característicos da sociedade moderna. Castro diz, no entanto, inexistirem "épocas históricas" aptas a demarcar o exato momento histórico de existência de cada uma dessas sociedades, pois estes poderes não são sucessivos, mas simultâneos. Cf. CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. 4. reimp. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020, p. 110.

¹⁸ "Os dispositivos de segurança se ocupam, em resumo, de fenômenos de massa, em série, de longa duração. Daí a importância que, no desenvolvimento desses dispositivos, teve o que no século XVIII se denominava ciência da polícia, vale, a estatística. Então, na medida em que se trata de administrar esse conjunto e seus efeitos, os dispositivos de segurança devem funcionar tendo em conta a aleatoriedade dos acontecimentos futuros. À diferença de quanto sucede nas disciplinas, não se trata de adaptar os acontecimentos a uma norma estabelecida com anterioridade, mas de seguir as tendências gerais que elas descrevem. Desse modo, enquanto no caso da disciplina a norma é anterior e externa, no dos dispositivos de segurança, em contrapartida, é intrínseca. Para distinguir essas duas diferentes maneiras de relacionar-se com o normal, Foucault propõe reservar o termo "normalização" para os dispositivos de segurança, e o termo "normação" para as disciplinas (FOUCAULT, 2004c, p. 65; p. 83)." In: CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 111.

¹⁹ CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. 4. reimp. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020, p. 86.

pensamento de Deleuze e de Han, estes objetivos permanecem hígidos, mas a eles são somados outros desígnios até então inexistentes, seja pela impossibilidade material de existirem no período anterior à Segunda Guerra Mundial, seja pela insuficiência tecnológica da época em comparação à presente. De igual forma, não se modificaram somente os objetos do poder, mas também os seus métodos de atuação sobre os indivíduos (ou para citar Deleuze novamente: os poderes que os atravessam, passam *entre* os indivíduos), agora muito mais incisivos do que aqueles diagnosticados por Foucault e que atuam não mais apenas sobre os corpos, mas também sobre a *psyche*²⁰.

Byung-Chul Han denomina esta nova forma de poder sobre a *psyche* de *psicopoder*, em homenagem e referência ao termo foucaultiano *biopoder*. Para Han, quem considera as noções de biopoder, biopolítica e controle biopolítico insuficientes para descrever o exercício do *poder de controle* na sociedade contemporânea, pois limitadas a "fatores externos como reprodução, taxa de mortalidade ou estado de saúde", o *psicopoder* detém o potencial de intervir nos processos psicológico-subjetivos do indivíduo.²¹ Para Han, a insuficiência no conceito de biopolítica elaborado por Michel Foucault reside no fato de o filósofo francês não ter antecipado que o neoliberalismo apropria-se das "*tecnologias do eu*", nem que a constante e incessante otimização de si seja uma forma *eficiente* de dominação e exploração do indivíduo. Ainda, identifica que a virada do controle dos *corpos* para o controle da *psyche* está calcada em "uma inter-relação com os modos imateriais e incorpóreos da produção de otimização estética", ou seja, o indivíduo na obsessiva busca pela otimização de si é, simultaneamente, *livre* e *explorado*, estreitando os conceitos de liberdade e exploração de si separados apenas por uma linha tênue (e muitas vezes inexistente). Assim, não há mais resistências corporais

²⁰ O termo *psyche* é utilizado por Byung-Chul Han na obra *No Enxame: Perspectivas do Digital* no capítulo dedicado à psicopolítica. *Psyche*, para os gregos antigos, denominava a alma, cujo nome fora extraído da deusa homônima. No contexto da obra de Han, infere-se que *psyche* conota a ideia moderna de "mente", pois, para o autor, a psicopolítica atua sobre a mente e a subjetividade dos indivíduos. Cf. HAN, Byung-Chul. **No Enxame: Perspectivas do Digital**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 129-134.

²¹ HAN, Byung-Chul. **No Enxame: Perspectivas do Digital**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 129-130.

a serem superadas em prol da produtividade, mas processos psicológicos a serem otimizados pela e para a produtividade.²²

Assim, os dispositivos *externos*²³ de administração e gerenciamento da população, como a punição dos desviantes e a vigilância no cumprimento das funções (laborais, educacionais) deixam de ser necessárias como outrora foram na sociedade disciplinar foucaultiana, pois o indivíduo, imerso na lógica do *desempenho*²⁴, internaliza para si estas funções. As funções de punição e vigilância passam a ser exercidas por cada indivíduo por conta própria e sobre si mesmo, processo este intensificado e facilitado pela expansão massiva das redes sociais.²⁵ Retorna-se, aqui, à lógica da exploração praticada pelo próprio sujeito contra si mesmo, confundida²⁶ com liberdade, através da qual torna-se explorador e explorado simultaneamente. Sobre a lógica da exploração mestre/escravo e sobre a sua substituição pela internalização do mestre pelo escravo, diz Jean Baudrillard:

A fim de compreender como a globalização e o antagonismo global funcionam, precisamos distinguir cuidadosamente entre dominação e hegemonia. Pode-se dizer que a hegemonia é o estágio final da dominação e sua fase terminal. A dominação é caracterizada pela relação mestre/escravo, que ainda é uma relação de dualidade com potencial alienatório, uma relação de força e conflito. Há um histórico de opressão e libertação. Há dominadores e dominados—permanece uma relação simbólica. Tudo muda com a emancipação do escravo

²² HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. A (auto)exploração do sujeito em rede digital: a liberdade em crise?. **Pro-Posições**, v. 31, Campinas, 2020, pp. 1-7. e-ISSN 1980-6248. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072020000100702&tlng=pt>. Acesso em: 11 ago. 2020.

²³ A distinção entre dispositivos *externos* e *internos* de coação é presença constante na obra de Byung-Chul Han. Para o autor, a violência externa tradicional perde espaço em detrimento da violência autoinfligida, interna. Cf. HAN, Byung-Chul. **Topologia da Violência**. Tradução de Enio Paulo Gianchini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

²⁴ Cf. HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

²⁵ NOYAMA, Samon. Da repressão das pulsões da vida aos "sujeitos-projetos": A servidão voluntária no mundo contemporâneo de Marcuse a Han. In: AMITRANO, Georgia; VIESENTEINER, Jorge L.; BARBOSA, Mariana de Toledo (orgs.). **Deleuze, Desconstrução e Alteridade**. São Paulo: ANPOF, 2019, pp. 175-182. Disponível em:

<https://www.academia.edu/42179451/Da_repress%C3%A3o_das_puls%C3%B5es_de_vida_aos_sujeitos_projetos_a_servid%C3%A3o_volunt%C3%A1rio_no_mundo_contempor%C3%A2neo_de_Marcuse_a_Han>. Acesso em: 12 ago. 2020.

²⁶ No sentido de *misturada*.

e a internalização do mestre pelo escravo emancipado. A hegemonia começa aqui no desaparecimento da dual, pessoal e agonística dominação por causa da realidade integral—a realidade das redes, do virtual e a mudança total onde não há mais dominadores e dominados.²⁷

Portanto, tanto em Baudrillard como em Byung-Chul Han, guardadas as óbvias diferenças de abordagem entre os dois autores, na sociedade contemporânea desaparecem as tradicionais formas de dominação marcadas pela dualidade dominadores-dominados. Para Han, no entanto, o dominador e o explorador agora subsistem na mesma pessoa do dominado e do explorado, a dominação e a exploração são exercidas pelo indivíduo contra si, processo intensificado pela substituição do Real pelo Virtual identificada por Baudrillard. O controle é, portanto, absoluto. Em entrevista cedida à revista *ZEIT Wissen*, em setembro de 2014, Han descreve, com seu tradicional poder de síntese, o desaparecimento da noção tradicional de exploração na era neoliberal, que se transmuta sob o signo da liberdade em uma técnica de exploração de si no interior de um sistema estruturado e voltado à autoexploração voluntária e pelo controle *total* do indivíduo:

Talvez, mas em sua estrutura, esta sociedade não é diferente do feudalismo medieval. Estamos em servidão. Senhores feudais digitais como o Facebook nos dão terras e dizem: ara-a e poderá tê-la de graça. E aramos como loucos esta terra. Ao final, os senhores feudais vêm e tomam a colheita. Esta é uma exploração da comunicação. Nos comunicamos uns com os outros e nos sentimos livres. Os senhores feudais ganham dinheiro com esta comunicação e os serviços secretos a vigiam. Este sistema é extremamente deficiente. Não há

²⁷ Tradução livre e contextualizada de “[i]n order to grasp how globalization and global antagonism works, we should distinguish carefully between domination and hegemony. One could say that hegemony is the ultimate stage of domination and its terminal phase. Domination is characterized by the master/slave relation, which is still a dual relation with potential alienation, a relationship of force and conflicts. It has a violent history of oppression and liberation. There are the dominators and the dominated—it remains a symbolic relationship. Everything changes with the emancipation of the slave and the internalization of the master by the emancipated slave. Hegemony begins here in the disappearance of the dual, personal, agonistic domination for the sake of integral reality—the reality of networks, of the virtual and total exchange where there are no longer dominators or dominated.” *In*: BAUDRILLARD, Jean. **The Agony of Power**. Introduction by Sylvere Lotringer. Translated by Ames Hodges. Los Angeles, CA: Semiotext(e), 2007, p. 33.

protesto contra isso porque estamos vivendo em um sistema que explora a liberdade.²⁸

No capítulo que encerra a obra *Sociedade da Transparência*, Han o dedica exclusivamente ao conceito de sociedade de controle como a entende e como este controle absoluto é possibilitado. Para o autor, à diferença da sociedade disciplinar foucaultiana, cuja analogia ideal consubstanciava-se no panóptico benthamiano, onde a um observador central era viabilizada a vigilância de todos os internos/presos de determinada instituição carcerária enquanto estes indivíduos não dispunham do mesmo poder de vigilância, na sociedade do controle a vigilância é *descentralizada e mútua*. No panóptico digital a comunicação entre os *habitantes digitais* é mútua, intensa e incentivada. A vigilância é possível justamente através da *voluntariedade* dos indivíduos em exporem-se uns aos outros e, assim, disponibilizarem, livres de coação externa, informações privadas sem o menor pudor. O controle é, então, mais *eficiente*, pois não enfrenta *resistências*, tudo é disponibilizado diretamente pelo detentor da esfera de privacidade (inexistente, agora) e adere ao *Virtual*, para retornar em Baudrillard. Assim, a liberdade é imprescindível para o perfeito funcionamento do panóptico digital, e, nisto reside, justamente, a fonte de seu controle incisivo e abrangente sobre os *corpos* e as *mentes* dos sujeitos. O *psicopoder* da sociedade de controle é tão poderoso por lograr converter o mesmo sujeito em vítima e agressor, explorado e explorador, oprimido e opressor, tudo fundamentadamente na liberdade, estimulada e explorada por seu valor econômico. A armadilha perfeita.²⁹

²⁸ Tradução livre e contextualizada de “[t]al vez, pero en su estructura, esta sociedad no es diferente del feudalismo medieval. Estamos en servidumbre. Señores feudales digitales como Facebook nos dan tierra y dicen: araña, y puedes tenerla gratis. Y lo aramos como locos, esta tierra. Al final, los señores feudales vienen y toman la cosecha. Esta es una explotación de la comunicación. Nos comunicamos unos con otros, y nos sentimos libres. Los señores feudales ganan dinero con esta comunicación, y los servicios secretos la vigilan. Este sistema es extremadamente eficiente. No hay protesta contra eso, porque estamos viviendo en un sistema que explota la libertad.” In: **BYUNG-CHUL HAN: “Si un sistema ataca mi libertad, debo resistir”**. Entrevista a Byung-Chul Han, publicada el 7 de septiembre del año 2014, realizada por la revista *ZEIT Wissen*. Bloghemia, 2020. Disponível em: <<https://www.bloghemia.com/2019/06/byung-chul-han-si-un-sistema-ataca-mi.html?m=1>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

²⁹ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, pp. 105-116.

2.1 A emergência totalizante da positividade e a supressão da negatividade

A positividade será o elemento central a possibilitar a emergência dessa sociedade de (psico)controle na obra de Byung-Chul Han que atua, agora, com ainda mais intensidade no controle dos sujeitos do que aquela submetida ao poder disciplinar extensivamente descrita na obra de Foucault, pois atuará não somente no controle dos corpos, mas também nas mentes dos sujeitos da sociedade contemporânea.

Para Han, a positividade é entendida como a supressão completa dos campos de dissonâncias e dissensos, que transforma todas as coisas em "*rasas e planas*" e as concebe uniformes, através da comunicação, informação e da livre circulação do capital excessivas³⁰, fenômeno sintetizado, primordialmente, pela globalização e pela massificação da internet. Na sociedade positiva de Han não há espaço oculto, informação desconhecida ou território não desbravado, o excesso característico da positividade estimulada pelo capital consome a tudo e a todos. Não há espaço para o desconhecido e para a incerteza, tudo deve ser alvo do escrutínio da informação e da exposição massificadas e estimuladas. O fenômeno da massificação da informação adquire, portanto, especial importância na análise social feita por Han, pois constitui um dos pilares de determinação do comportamento humano na era neoliberal³¹ e digital, mas não somente do comportamento intersubjetivo, atuando também na subjetividade dos sujeitos. Assim, a positividade da sociedade adquire efeito totalizante sobre o corpo social, abrangendo todos os aspectos, públicos e privados, da vida. A positividade é, portanto, percebida através excesso, seja pelo excesso de informação, de exposição, de transparência.³² A centralidade da positividade consubstancia-se em uma mudança de paradigma, cuja incidência vai

³⁰ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, pp. 09-13.

³¹ Benjamin Loveluck, contudo, dirá que a internet e a cibernética foram utilizadas, especialmente ao longo do século XX, muitas vezes em sentido ambivalente, para libertar ou para subjugar o indivíduo, tanto em países capitalistas como em países comunistas, não havendo, portanto, para o autor, este vínculo *necessário* do controle através da tecnologia para com o capitalismo. Cf. LOVELUCK, Benjamin. **Redes, Liberdades e Controle: Uma Genealogia Política da Internet**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 38.

³² HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. Psicopolítica, Neoliberalismo e as Novas Formas de Poder. **Reflexão e Ação**, v. 28, n. 2, Santa Cruz do Sul, 2020, pp. 304-309. e-ISSN 0104-6578. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14275>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

além dos campos da economia, da política e do social, senão que repercute nas dimensões estéticas e existenciais do ser humano.³³

A positividade, como tendência sistêmica prevalente, é caracterizada por uma ontologia que percebe todos os elementos da realidade como voltados para a operatividade, o rendimento e maximização da produtividade econômica, impondo, como consequência, o princípio positivo do "ótimo". O princípio do "ótimo" direciona os sujeitos, objetos, fenômenos, processos e relações a uma condição de máxima *funcionalidade*. O imperativo da otimização não comporta a contingência, o azar, o oculto ou o sofrimento, todos estes fenômenos *negativos* e, portanto, obstáculos à maximização da produtividade econômica.³⁴

Conceitos como o de disciplina e biopolítica em Michel Foucault, o de Estado de Exceção em Giorgio Agamben, o de Vida Activa em Hannah Arendt e de império e multidão em Antônio Negri seriam, segundo Han, adequados apenas para pensar a sociedade do século passado, caracterizada por instituições carcerárias, psiquiátricas e de reclusão, porém não seriam suficientes para a compreensão da sociedade contemporânea, marcada pela ausência de *negatividade*, e pelo surgimento de uma positividade *totalizante e inescapável*³⁵, suficiente a abarcar toda a realidade social.³⁶

Ricardo Timm de Souza, reafirma, a partir da obra de Theodor Adorno, a necessidade da negatividade em face da positividade totalizante, tautológica, para o

³³ ARELLANO, César Alcázar. Byung-Chul Han y la Positivización de la Sociedad: El Sentido, la Verdad y la Libertad en la Era Digital. In: **Argumentos de Razón Técnica**, nº 19, 2016, pp. 179-191. Disponível em: <<https://idus.us.es/handle/11441/64154>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

³⁴ ARELLANO, César Alcázar. Byung-Chul Han y la Positivización de la Sociedad: El Sentido, la Verdad y la Libertad en la Era Digital. In: **Argumentos de Razón Técnica**, nº 19, 2016, pp. 179-191. Disponível em: <<https://idus.us.es/handle/11441/64154>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

³⁵ Na entrevista à revista *ZEIT Wissen*, Han diz: "Me sinto incomodado quando não estou conectado, por óbvio. Eu também sou uma vítima. Sem toda esta comunicação digital, não posso fazer meu trabalho, como professor ou como escritor. Todos estão envolvidos, integrados." Tradução livre e contextualizada de "[c]omo todos los demás, me siento incómodo cuando no estoy conectado, por supuesto. Yo también soy una víctima. Sin toda esta comunicación digital, no puedo hacer mi trabajo, como profesor o como escritor. Todos están involucrados, integrados", ou seja, o próprio autor considera-se vítima desta racionalidade *totalizante* e, portanto, *inescapável*, que submete todos a seu jugo. In: **BYUNG-CHUL Han: "Si un sistema ataca mi libertad, debo resistir"**. Entrevista a Byung-Chul Han, publicada el 7 de septiembre del año 2014, realizada por la revista *ZEIT Wissen*. Bloghemia, 2020. Disponível em: <<https://www.bloghemia.com/2019/06/byung-chul-han-si-un-sistema-ataca-mi.html?m=1>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

³⁶ ROSA, Alex da. Psicopolítica e Neoliberalismo. **Revista Direitos Humanos & Sociedade**, v. 1, n. 2, Criciúma, 2019, pp. 228-232. ISSN 2595-8348. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/dirhumanos/article/view/5559>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

adequado funcionamento do pensamento a partir da realidade. Uma realidade desprovida de negatividade criaria, assim, um ambiente estéril ao pensamento. Segundo o autor, “[a] negação, a negatividade, não ocupa, portanto, um papel de destrutividade na boa lógica das construções. Pelo contrário, é ela que *determina* as consequências das construções para além das positivities totalizantes e tautológicas. *A negatividade é a alma do pensamento.*”³⁷

A ode ao excesso, raiz da sociedade positiva, elimina toda e qualquer ambivalência e alimenta tão somente uma obscenidade pornográfica que elimina obstáculos e estimula um contato entre sujeito e objeto cada vez mais direto, fazendo desaparecer qualquer possibilidade de nuances ou ambiguidades, levando o sujeito a um estado de percepção planejada dos objetos ou os objetos à uma exposição planejada ao sujeito. Assim como o dinheiro que, exceção às variações entre o preço atribuído, submete tudo a seu jugo e a tudo precifica de acordo com a sua unidade de valor, consubstanciada no preço e que “desfaz qualquer incomensurabilidade, qualquer singularidade”, tudo é precificado ou precificável³⁸. A planificação a que se refere o autor é causada, essencialmente, pela uniformização, seja da cultura, dos hábitos, dos objetos em sentido lato ou mesmo de mercadorias de massa, como roupas e acessórios, eletrodomésticos e veículos automotores. Enfim, tudo aquilo que é fruto da massificação e cuja identidade/singularidade não é mais tangível ou sequer concebido para conter qualquer grau de unicidade. O termo *pornografia*, no contexto do excesso de positividade e supressão da negatividade, é assim sintetizado pelo autor:

A pornografia evita desvios. Vai direto às coisas. Eróticos são, em oposição, signos que *circulam* sem se revelarem. Pornográfico seria o *teatro da revelação*. Eróticos são mistérios a princípio *irreveláveis*. Nisso se diferenciam das *informações ocultas, retidas*, que podem ser reveladas. Pornográfico é justamente a revelação progressiva até à *verdade* ou à *transparência*.³⁹

³⁷ SOUZA, Ricardo Timm de. **Crítica da Razão Idolátrica**: Tentação de Thanatos, Necroética e Sobrevivência. 1. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 256.

³⁸ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017, pp. 09-13.

³⁹ HAN, Byung-Chul. **A Salvação do Belo**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, pp. 92-93.

Infere-se, portanto, que pornográfico é tudo aquilo que se consubstancia na ausência de espaços de negatividade e faz predominar, portanto, a positividade, onde o contato sujeito-objeto é direto, sem nuances ou ambiguidades, apenas marcado pela transparência totalizante. A comunicação direta com o *outro* desaparece, e em seu lugar aparece tão somente a *tela*, do smartphone, do computador, do *tablet*, através da qual toda a hipercomunicação digital se dá.⁴⁰

A positividade, assim, adquire forma amável, flexível e permissível, em contraposição aos dispositivos disciplinares foucaultianos que eram voltados a repressão e normação dos sujeitos. Dessa forma, a positividade, como o principal instrumento da psicopolítica e do controle, faz com que o sujeito se submeta voluntariamente ao jugo deste psicopoder, voltado para a exploração econômica neoliberal, cuja maximização se mostra mais eficiente através do agrado e do estímulo do que do castigo e da repressão.⁴¹

Benjamin Loveluck identifica no incentivo ao compartilhamento de informações e conhecimentos na internet através do estímulo para que o usuário tenha *liberdade* de opinar, demandar, avaliar, uma verdadeira subversão destas atividades em uma forma de trabalho desenvolvido gratuitamente pelos indivíduos em prol das *big techs*. Diz o autor:

A implementação de sites e de plataformas destinados a coletar e promover o compartilhamento de conteúdos pelos internautas – opiniões, comentários, dicas, mas também imagens, vídeos etc. – se tornou um dos aspectos mais visíveis da economia da internet, principalmente sob a forma do “web 2.0”, a partir de 2004. Nesse aspecto é que foram utilizadas, da maneira mais eficaz, as dinâmicas sociais peculiares da rede. Mas, se esses serviços atendem a uma verdadeira demanda e fornecem ferramentas inéditas de compartilhamento da informação, dos conhecimentos e da cultura, os internautas se encontram nesse mesmo movimento, recrutados como “mão de obra gratuita” para engendrar

⁴⁰ ROSA, Alex da. Psicopolítica e Neoliberalismo. **Revista Direitos Humanos & Sociedade**, v. 1, n. 2, Criciúma, 2019, pp. 228-232. ISSN 2595-8348. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/dirhumanos/article/view/5559>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

⁴¹ CÁRCAMO, Nicolás Orrego. Negatividad como Resistencia: Una Respuesta a la Positividad de Byung-Chul Han. In: **Revista Bricolaje**, (5), 21-26. Disponível em: <<https://revistas.uchile.cl/index.php/RB/article/view/54239>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

conteúdos, sendo incentivados a colocar *on line* informações pessoais que também são “comodificadas” na medida em que elas são “consumidas” pelos outros usuários do serviço; e, enfim, os dados oriundos da observação de seus comportamentos na rede podem ser utilizados para fins de *marketing*. De acordo com alguns autores, a “cultura participativa” pode, assim, ser desviada para o mecanismo de criação de valor, a baixo custo, associado a uma nova forma de apreciação do trabalho cognitivo (*digital labor*).⁴²

A negatividade, por seu turno, percebida como algo não descoberto ou externalizado – na lógica da sociedade positiva aquilo que permanece internalizado não pode ser mercantilizado e é, portanto, contraproducente –, é considerada indesejável por carecer de valor mercadológico. A sociedade positiva opera, portanto, em uma via de mão dupla, pelo excesso estimulado de positividade e pela supressão da negatividade⁴³, fenômenos evidentemente convergentes, mas distintos em suas características fundamentais. Por essa razão, o adentramento na subjetividade faz-se imprescindível para a concepção de sociedade positiva, fenômeno estritamente ligado à razão neoliberal, para citar Dardot e Laval, não só por fomentar a ideia de positividade e de (auto)exposição, mas por seu valor mercadológico.

Nas páginas inaugurais de sua obra *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, Byung-Chul Han, ao tratar do tema da liberdade na era neoliberal, traz o conceito para o paradigma da positividade, ou seja, para ele a liberdade, percebida como o desaparecimento de limites à vontade individual, é estimulada como objeto de obsessão e enaltecimento, enquanto a negatividade, percebida como limites e restrições, é suprimida, mas, paradoxalmente, é essa noção particular de liberdade, construída sobre o pilar da positividade e que o indivíduo crê constituir-se em instrumento de libertação, é subvertida em mecanismo de controle e de coação interna. Diz Han:

⁴² LOVELUCK, Benjamin. **Redes, Liberdades e Controle: Uma Genealogia Política da Internet**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, pp. 223-224.

⁴³ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, pp. 09-13.

Hoje, acreditamos que não somos *sujeitos* submissos, mas *projetos* livres, que se esboçam e se reinventam incessantemente. A passagem do sujeito ao projeto é acompanhada pelo sentimento de liberdade. E esse mesmo projeto já não se mostra tanto como uma figura de coerção, mas sim como uma *forma mais eficiente de subjetivação e sujeição*. O «eu» como projeto, que acreditava ter se libertado das coerções externas e das restrições impostas por outros, submete-se agora a coações internas, na forma de obrigações de desempenho e otimização.⁴⁴

Não só o modo de exercício da liberdade vinculado ao seu aspecto mercantil(izado) exemplifica a dualidade entre positividade e negatividade no seio do corpo social. Contrapondo a positividade, Han aponta que a religiosidade, por exemplo, configura espécie de negatividade, pois impõe ao sujeito uma série de proibições, mandamentos, normas de conduta morais e "faz surgir sinais e espaços claramente delimitados", ou seja, a religião faz surgir limites bem definidos a serem observados pelo indivíduo e aos quais ele é desincentivado a transpor. Por outro lado, a sociedade positiva e sua ode à liberdade, na sua "orgia da libertação, a desregulamentação, a supressão de limites e a desritualização", opera na destruição da negatividade, gerando "excesso de positividade, grande promiscuidade e excesso de mobilidade, consumo, comunicação, informação e produção".⁴⁵

A tendência para a qual convergem todas as formas de positividade pode ser identificada no desejo. Foucault, em seu curso no *Collège de France* nos anos de 1977 e 1978, intitulado *Segurança, População, Território*, já havia identificado no desejo o motor de ação da população e como aquilo que o sujeito busca pela satisfação de seus desígnios. Assim, segundo os economistas fisiocratas do século XVIII cujas obras Foucault analisa, ao deixar-se fazer (*laissez-faire*) aos sujeitos aquilo que almejam e deixar-se o desejo fluir livremente dentro de um determinado contexto socioeconômico, acabaria produzindo-se o interesse geral da população. A espontaneidade da ação individual gerada pelo desejo seria a garantia do acerto na

⁴⁴ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, p. 09.

⁴⁵ HAN, Byung-Chul. **Topologia da Violência**. Tradução de Enio Paulo Gianchini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 185.

decisão, ainda que individualmente esta decisão pudesse estar equivocada, em termos gerais, produzir-se-ia o interesse dessa população⁴⁶. Adam Smith, expoente dos ideais liberais na Grã-Bretanha, já havia manifestado esta noção na sua obra inaugural, *Teoria dos Sentimentos Morais*, onde aduz que o interesse geral da humanidade seria melhor promovido a partir da promoção dos interesses particulares de cada indivíduo⁴⁷, ou seja, concebe, neste ponto, a noção liberal de uma economia fisiocrata, regida por leis naturais, e autorregulável, que veio a cunhar a célebre expressão “mão invisível do mercado”. Carl Schmitt, notório jurista antiliberal e presença constante nos escritos de Byung-Chul Han, na sua *Teoria Constitucional*, sintetiza que o liberalismo pode ser inferido a partir de dois princípios: liberdade individual em princípio ilimitada e capacidade governamental de intervir nessa liberdade em princípio limitada, ou seja, tudo o que não for proibido por lei, é permitido⁴⁸, noção esta central para o *laissez-faire*.

Justamente pela concepção naturalista da população, como algo pertencente à natureza e cujos fenômenos a técnica possui o poder de mensurar, prever e estimar, é que foi possível a criação dos meios necessários para o seu gerenciamento através do desejo. “Produção do interesse coletivo pelo jogo do desejo: é o que marca ao mesmo tempo a naturalidade e a artificialidade dos meios criados para geri-la”, completa Foucault⁴⁹.

A partir do momento em que o desejo é então reconhecido como motor da população, intrínseco ao corpo social, natural, mas manejável, o âmbito de atuação do poder desloca-se de uma concepção negativa, como a imposição de limites e punições, para uma concepção *positiva*, exemplificada como uma demanda crescente de interesses individuais e coletivos a serem atendidos pelo governo. Para Foucault:

⁴⁶ FOUCAULT, Michel. **Segurança, População, Território**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008, p. 95.

⁴⁷ Cf. SMITH, Adam. **Teoria dos Sentimentos Morais**. Tradução de Lya Luft. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2015, p. 288.

⁴⁸ “Isso significa que a esfera de liberdade do indivíduo é ilimitada por princípio, enquanto os poderes do Estado são limitados por princípio.” Tradução livre de “[t]hat means that the liberty sphere of the individual is unlimited in principle, while the power of the state are limited in principle.” In: SCHMITT, Carl. **Constitutional Theory**. Translated and edited by Jeffrey Seitzer. Foreword by Ellen Kennedy. Durham/London: Duke University Press, 2008, pp. 197-198.

⁴⁹ FOUCAULT, Michel. **Segurança, População, Território**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008, p. 95.

Ora, vemos formar-se, através desse pensamento econômico-político dos fisiocratas, uma idéia bem diferente, que é a seguinte: o problema dos que governam não deve saber absolutamente o de saber como eles podem dizer não, até onde podem dizer não, com que legitimidade eles podem dizer não; o problema é de saber como dizer sim, como dizer sim a esse desejo. Não, portanto, o limite da concupiscência ou o limite do amor-próprio, no sentido do amor a si mesmo, mas ao contrário tudo o que vai estimular, favorecer esse amor-próprio, esse desejo, de maneira que possa produzir os efeitos benéficos que deve necessariamente produzir. Temos aí portanto a matriz de toda uma filosofia, digamos, utilitarista.⁵⁰

A liberdade marcada pelo excesso, no entanto, conforme já dito, não necessariamente traduz-se em libertação. Pelo contrário, ao distinguir poder e dever, Han afirma que “[a] liberdade de *poder (Können)* produz até mais coações do que o *dever (Sollen)* disciplinar, que expressa regras e interditos. O *dever* tem um limite; o *poder* não.”⁵¹ O limite e o dever, marcados pela negatividade, não possuem o potencial totalizante da coerção autoinfligida, pois, a não ser que a coerção parta do próprio sujeito, não é possível que o controle adentre e, nos termos usados por Deleuze e Guattari n’*O Anti-Édipo*, desterritorialize e reterritorialize⁵² a complexa estrutura psíquica do sujeito. Assim, o regime da positividade atua diretamente na subjetividade do indivíduo, transformando-o no opressor de si mesmo ou, no termo usado por Han, no *empreendedor de si*. O sujeito como *empreendedor de si* é caracterizado pela obsessão com o desempenho, atitude necessária para que possa competir contra os outros *empreendedores de si*, competição essa fundada na lógica mercantil da (*livre*) concorrência, e, por paradoxal que pareça, acaba por explorar a si

⁵⁰ FOUCAULT, Michel. **Segurança, População, Território**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 96.

⁵¹ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, pp. 09-10.

⁵² Na obra *O Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari desenvolvem os conceitos de “desterritorialização” e “reterritorialização” no âmbito do Estado, além de entre tantos outros, quando este confisca para si o território e o substitui em signos abstratos como propriedade privada, da qual funciona como garante. Assim, no presente contexto os termos são usados para demonstrar o processo de substituição/alteração da subjetividade operante na sociedade positiva. A esse fenômeno de confisco e substituição os autores denominam “pseudoterritorialidade”. In: DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, SP: Editora 34, 2011, pp. 260-261.

mesmo⁵³ e funcionar como uma peça *eficiente* na engrenagem (ou na máquina social) do capital⁵⁴, assim como descrito acima a partir da obra de Benjamin Loveluck. Liberdade e coerção confundem-se e o sujeito obediente da sociedade disciplinar agora se transforma em explorador de si, assim “[o] sujeito de desempenho distingue-se do sujeito de obediência pelo fato de ser *soberano de si mesmo*; de, enquanto empreendedor de si, ser *livre*.”⁵⁵

Para desenvolver a transição da sociedade disciplinar foucaultiana para a sociedade de controle (ou positiva, de desempenho e suas inúmeras variações de nomenclatura), Han identifica nessa perseguição pelo desempenho aliada à oferta sedutora de liberdade (de comunicação, locomoção, informação) como elementos propiciadores do surgimento de novos dispositivos de controle e sua propagação em níveis jamais vistos até então, como armazenamento de dados, coleta de informações privadas, mapeamento de perfis psicológicos, que foram tornados possíveis pelo desenvolvimento tecnológico experimentado nos últimos séculos.⁵⁶

A liberdade estimulada e caracterizada pelo excesso, materializada no conceito do empreendedor de si e fundamentada na lógica mercantilista identificada em sua gênese por Foucault e no seu excesso de positividade por Han, subverte-se, como já dito, em fator de autocoerção do sujeito e causará o esgotamento da defesa neuronal-psíquica e, por decorrência, ocasionará uma série de doenças psicológicas. Em *Sociedade do Cansaço*, Han explica extensivamente as causas da moderna busca obsessivo-compulsiva pelo desempenho e as consequências que imprime na subjetividade do sujeito neoliberal. Segundo o autor, em *Topologia da Violência*, o

⁵³ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, pp. 09-13.

⁵⁴ “A máquina social, ao contrário, tem os homens como peças (ainda que os consideremos *com* suas máquinas) e os integra, interioriza-os num modelo institucional que abrange todos os níveis da ação, da transmissão e da motricidade.” *In*: DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, SP: Editora 34, 2011, p. 187.

⁵⁵ HAN, Byung-Chul. **Topologia da Violência**. Tradução de Enio Paulo Gianchini. Petropólis, RJ: Vozes, 2017, p. 262.

⁵⁶ NOYAMA, Samon. Da repressão das pulsões da vida aos “sujeitos-projetos”: A servidão voluntária no mundo contemporâneo de Marcuse a Han. *In*: AMITRANO, Georgia; VIESENTEINER, Jorge L.; BARBOSA, Mariana de Toledo (orgs.). **Deleuze, Desconstrução e Alteridade**. São Paulo: ANPOF, 2019. pp. 175-182. Disponível em:

<https://www.academia.edu/42179451/Da_repress%C3%A3o_das_puls%C3%B5es_de_vida_aos_sujeitos_projetos_a_servid%C3%A3o_volunt%C3%A1rio_no_mundo_contempor%C3%A2neo_de_Marcuse_a_Han>. Acesso em: 27 ago. 2020.

“excesso de superprodução, superdesempenho, superconsumo, supercomunicação e superinformação não ameaça o sistema imunológico”, em uma crítica ao pensamento de Jean Baudrillard, para quem a eliminação da negatividade causaria novas formas virais pela sedentariedade do sistema imunológico, “mas o sistema neuronal-psíquico”, ou seja, o excesso, seja qual for a sua natureza, resulta não no surgimento de novas patologias virais como historicamente experimentado pela humanidade, mas na exaustão do sistema neuronal-psíquico do sujeito inserido nessa sociedade caracterizada pela positividade e por seus fenômenos correlatos, cujo excesso é a característica comum⁵⁷.

No curso *Nascimento da Biopolítica*, ministrado nos anos de 1978 e 1979, Foucault identifica na concepção liberal de liberdade, fazendo questão de frisar o termo “liberal” para designar o surgimento das ideais representativas do liberalismo político e econômico, a convergência entre produção de liberdade e liberdade de deixar fazer (*laissez-faire*). O liberalismo é consumidor de liberdade, alimenta-se da produção excessiva propiciada pelo excesso de liberdade. Não é por motivos de fundamento ético-moral ou teológicos que a liberdade passa a ocupar o centro da discussão política e das técnicas de governo, mas em razão do resultado, já antevisto pelos fisiocratas e pelos utilitaristas, que a liberdade propicia ao acúmulo de riqueza, ou, para novamente voltar a Foucault, a partir do conceito de administrativação do Estado germinado pela disciplina da economia política. Assim, o Estado ocupa o lugar de gestor das condições graças às quais a liberdade é possível e passa a funcionar como garantidor e limitador da liberdade simultaneamente, operando em uma relação contraditória de produção e destruição da liberdade.⁵⁸

Já no contexto do século XXI, diferentemente de Foucault, mas de quem toma as teorias emprestadas, Loveluck assevera que o vínculo estreito entre tecnologias de informação, fomentadoras de ideais *libertários*⁵⁹, especialmente no contexto da

⁵⁷ HAN, Byung-Chul. **Topologia da Violência**. Tradução de Enio Paulo Gianchini. Petropolis, RJ: Vozes, 2017, pp. 185-191.

⁵⁸ FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008, pp. 86-87.

⁵⁹ O termo *libertário* é utilizado pelo autor com a conotação que lhe é dada, principalmente, nos Estados Unidos, que designa a teoria política segundo a qual a liberdade individual e a propriedade privada são princípios absolutos e o Estado deve ser visto, sempre, com ceticismo e rigorosamente delimitado à mínima ingerência possível na atividade econômica de particulares e empresas.

cultura da cibernética surgida a partir dos anos 1960 e, posteriormente, da cultura da internet, fortalecida a partir da década de 1990, e a globalização financeira do capitalismo, permitiu uma concentração exponencialmente maior de capital enquanto serviu para flexibilizar, i.e., precarizar, as relações de trabalho.⁶⁰

Novamente, faz-se necessário o diálogo com Foucault. No seminário *Segurança, População, Território*, o filósofo francês desenvolve a distinção entre o poder disciplinar, característico da sociedade, principalmente da europeia, até o século XVIII e os dispositivos de segurança, característicos das democracias liberais modernas. Para Foucault, o poder disciplinar atua(va) através de prescrições de caráter geral e que buscavam abranger de maneira extremamente exaustiva toda a realidade social, ou seja, somente aquilo que era legalmente previsto como permitido o era, impondo-se uma técnica de governo por demais onerosa e com uma pretensão totalitária irrealizável. Por outro lado, na concepção fisiocrata de uma sociedade regida por leis naturais, como o mercado e sua mão invisível, no termo de Adam Smith, a nova razão de Estado passou a inverter essa lógica, prescrevendo proibições e punições àquelas ações ou omissões que não poderiam ser praticadas para manter a coesão do tecido social e assegurar o normal funcionamento da economia de mercado, e, permitindo todo o restante, resultando nos modernamente conhecidos direitos fundamentais de primeira geração ou negativos. Assim, a liberdade foi instrumentalizada como técnica de governo e a regra, que antes era exceção, passou a ser a da mínima interferência no espaço de atuação do sujeito⁶¹, servindo o poder estatal como mero regulador que realiza tão somente os ajustes e interferências necessários na realidade social.

A liberdade instrumentalizada, ou subvertida, como técnica não só de governo, como antevisto por Foucault, mas também de mercado, é, para Byung-Chul Han, o alicerce do neoliberalismo no século XXI. Para o autor, diversos fenômenos, diferentes mas interligados, atendem aos mesmos objetivos de fomento à geração e ao acúmulo de capital. A autenticidade, que para o filósofo sul-coreano diferenciava-se da incomparabilidade por tornar, justamente, *iguais* a todos nesta característica

⁶⁰ Cf. LOVELUCK, Benjamin. **Redes, Liberdades e Controle: Uma Genealogia Política da Internet**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 80.

⁶¹ FOUCAULT, Michel. **Segurança, População, Território**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008, pp. 62-64.

ansiada e comum, opera em prol da racionalidade mercadológica de geração de (mais-)valor, ainda que através da própria imagem, do próprio corpo e da própria subjetividade, rejeitando a negatividade do distinto, cuja geração de capital dificulta, e cedendo espaço à positividade do igual, daquele e daquilo que é facilmente assimilável e, portanto, rentável.⁶²

A economia dos *likes*, nas palavras de Beiguelman, situa-se sobreposta sobre a organização dos dados que, algoritmicamente distribuídos, detém o controle sobre a forma como nos comunicamos, expressamos e vivemos quando em rede. Segundo a autora:

A economia liberal dos *likes*, e suas fórmulas de sucesso, tende a homogeneizar tudo o que produzimos e vemos. Padroniza ângulo, enquadramentos, cenas, estilos, o que está por trás disso são os critérios de organização dos dados para que sejam mais rapidamente “encontráveis” nas buscas (os recursos de Search Engine Optimization – SEO) e os modos como os algoritmos contextualizam os conteúdos nas bolhas específicas que pertencemos (algo que não controlamos e que nos controla).⁶³

O fenômeno da positividade, embora assim designado somente a partir de Byung-Chul Han para descrever os efeitos das novas tecnologias sociotécnicas, especialmente com a emergência do neoliberalismo, encontra raízes profundas no pensamento de Michel Foucault e sua análise do pensamento fisiocrata e liberal dos séculos XVII e XVIII, principalmente, quando o ideal da liberdade e do estímulo à liberdade e à produção semeou o terreno para que fosse possível a ascensão vertiginosa dos fundamentos daquilo que Han veio, no século XXI, a identificar como sociedade positiva. Mas não só em sua análise do liberalismo primordial Foucault havia antevisto a positividade como nova forma de controle social. Já na Idade Média, especialmente nos anos da Peste Negra, o autor francês identifica na substituição dos modelos governamentais/estatais de combate à doença o germinar

⁶² HAN, Byung-Chul. **La Expulsión de lo Distinto**: Percepción y Comunicación en la Sociedad Actual. Traducción de Alberto Ciria. Barcelona: Herder & Herder, 2021, p. 21.

⁶³ BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem**: Vigilância e Resistência na Dadosfera. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021, pp. 39-40.

daquilo que viriam a ser as técnicas *positivas* de poder, que passaram a ocupar cada vez mais espaço em detrimento das técnicas *negativas* de poder. Segundo Foucault:

[N]o fundo, a substituição do modelo da lepra pelo modelo da peste corresponde a um processo histórico importantíssimo que chamarei, numa palavra, de invenção das tecnologias positivas de poder. A reação à lepra é uma reação negativa; é uma reação de rejeição, de exclusão, etc. A reação à peste é uma reação positiva; é uma reação de inclusão, de observação, de formação de saber, de multiplicação dos efeitos de poder a partir do acúmulo da observação e do saber. Passou-se de uma tecnologia do poder que expulsa, que exclui, que bane, que marginaliza, que reprime, a um poder que é enfim um poder positivo, um poder que fabrica, um poder que observa, um poder que sabe e um poder que se multiplica a partir de seus próprios efeitos.⁶⁴

Assim, é possível identificar a positividade como um fenômeno antigo, mas agora potencializado pelas novas tecnologias de vigilância disponíveis.

2.2 O imperativo da transparência

Tema central do debate público contemporâneo, a transparência atinge âmbitos da vida muito além daqueles reservados à política, onde a demanda por cada vez mais controle, propiciado pela transparência, cresce exponencialmente. Demanda-se transparência dos gastos públicos, transparência na arrecadação de impostos, transparência nas votações parlamentares, transparência no trabalho policial, transparência nas ações das agências reguladoras e de controle. A busca pelo controle propiciado pela transparência não é recente no âmbito da política, do governo e das técnicas de governo. Este mote, no entanto, há muito passou a ocupar, também, outros âmbitos da vida social.⁶⁵

Benjamin Loveluck, em sua genealogia da internet, narra que segundo Nibert Weiner, na década de 1940, temia-se o risco do crescimento de uma "entropia"

⁶⁴ FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**: Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 41.

⁶⁵ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 09.

causada a partir de uma desorganização causada pela falta de comunicação. A partir dessa lógica, paz e harmonia seriam alcançadas a partir da “libertação” da circulação de informação e, portanto, era necessário eliminar obstáculos à essa livre movimentação da informação e facilitar a *transparência*, pois era necessário compensar “o colapso dos valores” representativo dos anos de 1914-1945, período que abrange as duas grandes guerras mundiais e o período entreguerras, e evitar, assim, através da transparência, que crimes contra a humanidade da dimensão do Holocausto fossem novamente praticados em sigilo.⁶⁶

Entretanto, como dito, ainda que o fenômeno da busca incessante por transparência não tenha surgido tão recentemente, foi a partir do surgimento do neoliberalismo como programa político na segunda metade do século XX que, na obra de Han, esta busca foi intensificada e vem servindo de bandeira política e prática social (in)voluntária.

Na obra *La Expulsión de lo Distinto*, Byung-Chul Han, através de sua característica simbiose de categorias, dirá que:

A sociedade digital da transparência elimina a aura e desmitifica o mundo. A hiperproximidade e a superiluminação, enquanto efeito geral que provoca a pornografia, destroem toda distância aréola, a qual constitui também o erótico. [...] O imperativo neoliberal do rendimento, atratividade e boa condição física acabam reduzindo o corpo a um objetivo funcional que deve-se otimizar.⁶⁷

A transparência, portanto, gera efeitos objetivos, na condição de fenômeno compartilhado por todos os indivíduos, retomando o sentido de Espírito objetivo em Hegel como aquelas instituições, tais quais o direito e a moral, que são comuns a todos os sujeitos, mas também incide na subjetividade destes indivíduos,

⁶⁶ Cf. LOVELUCK, Benjamin. **Redes, Liberdades e Controle: Uma Genealogia Política da Internet**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, pp. 39-40.

⁶⁷ Tradução livre e contextualizada de: “La sociedad digital de la transparencia elimina el aura y desmitifica el mundo. La hipercercanía y la sobreiluminación, en cuanto el efecto general que provoca la pornografía, destruyen toda lejanía aureolar, la cual constituye también lo erótico. [...] El imperativo neoliberal de rendimiento, atractivo y buena condición física acaba reduciendo el cuerpo a un objeto funcional que hay que optimizar.” In: HAN, Byung-Chul. **La Expulsión de lo Distinto: Percepción y Comunicación en la Sociedad Actual**. Traducción de Alberto Ciria. Barcelona: Herder & Herder, 2021, pp. 09-10.

constrangendo-os, ainda que imperceptivelmente e sem o conhecimento desta situação, a adequar-se aos seus imperativos.

Benavides, a partir de uma leitura crítica das obras *Sociedade da Transparência* e *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, cunha o estágio atual do capitalismo de *capitalismo de transparência*. Esta transparência que dá nome ao atual estágio da economia de mercado capitalista é, para o autor, subdividida em três elementos: (i) a avaliação constante e multilateral, (ii) a exposição automática e voluntária e (iii) a delação premiada e cidadã.⁶⁸ Para o autor:

[A]s práticas de avaliação constante e multilateral, de exposição automática e voluntária e de delação premiada e cidadã serão compreendidas como práticas que se espalham pelas diversas instituições e operam formas de controle ao ar livre. A partir dos estudos acerca do Big Data e da propagação de seus efeitos em termos de produção de transparência (Duran, 2016; Mayer-Schönbergen & Cukier, 2013; Mosco, 2016), essas três modalidades de práticas imanentes do capitalismo da transparência serão pensadas não como circunscritas ao estrito âmbito pedagógico (no caso da avaliação), nem ao estrito âmbito jurídico-criminal (no caso da delação) e, ainda, não somente no âmbito das plataformas virtuais (no caso da exposição). Trata-se, diferentemente, de uma teia de relação entre essas práticas, de um tipo de comunicabilidade entre as instituições e os procedimentos de controle e, ainda, de um corpo de técnicas e de discursos que borram as fronteiras entre avaliar, expor e delatar – isso de modo que avaliar passa a ser uma forma de expor, expor passa a ser uma forma de delatar e delatar passa a ser uma forma de expor.⁶⁹

⁶⁸ As três modalidades de transparência descritas no artigo dialogam profundamente com a obra de Byung-Chul Han, conforme será visto a seguir, onde a avaliação constante e multilateral será descrita como uma espécie de panóptico digital, à semelhança do panóptico benthamiano exaustivamente trabalhado por Foucault, mas agora exercido de *fora*. A noção de exposição voluntária, de igual forma, será amplamente trabalhada pelo filósofo germano-coreano ao longo de sua obra ao tratar da exploração mercadológica da imagem e dados privados nas redes sociais. Cf. BENAVIDES, Pablo Severiano. Neoliberalismo, Psicopolítica e Capitalismo da Transparência. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, e164064, 2017. Disponível: em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100244&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 ago. 2020.

⁶⁹ BENAVIDES, Pablo Severiano. Neoliberalismo, Psicopolítica e Capitalismo da Transparência. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, e164064, 2017. Disponível: em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100244&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 ago. 2020.

Em outras palavras, as técnicas ou modalidades de transparência encontram-se entrelaçadas entre si e funcionam de forma inseparável, imanentes ao capitalismo tardio, e constituem elemento essencial para o controle. Benavides adverte, no entanto, que a transparência, apesar de fornecer os instrumentos para um maior controle da população, poderá, também, em diversos contextos, dificultar a capacidade governamental, funcionando, portanto, como um controle *descentralizado*⁷⁰, nos termos do panóptico digital descrito por Han em sua *Sociedade da Transparência*.

Os dois primeiros elementos que compõe a sociedade da transparência, conforme exposto por Benavides, são identificados na obra de Byung-Chul Han da seguinte forma: (i) a avaliação constante e multilateral consiste em um vigilância mútua dos sujeitos sobre os seus pares, ou seja, todos são ao mesmo tempo vigias e vigiados, sendo constantemente avaliados uns pelos outros através, especialmente, das redes sociais, que quantificam desde performances atléticas (em aplicativos como o *Strava*, que mede o desempenho do usuário em diversas modalidades esportivas) até performances profissionais e sociais (como em redes sociais como o *LinkedIn*, cujo objetivo é a troca de informações profissionais e a busca por emprego⁷¹, e o *Instagram*, voltado ao cultivo da imagem pessoal perante os demais através de fotos e vídeos) e (ii) a exposição automática e voluntária, estreitamente conectada ao elemento anterior, consiste na autoexposição nas redes sociais e na internet de modo geral, livre de coações externas diretas e que possibilita a vigilância mútua.⁷²

A transparência necessita, por óbvio, algo a transparecer. E no que consistiria esse algo, precisamente no que se refere ao contexto contemporâneo? Informação.

⁷⁰ BENAVIDES, Pablo Severiano. Neoliberalismo, Psicopolítica e Capitalismo da Transparência. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, e164064, 2017. Disponível: em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100244&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 ago. 2020.

⁷¹ Segundo Loveluck, em um contexto de *fluidez* do trabalho, a alimentação constante de redes pessoais e profissionais, entre as quais inserirem-se, obviamente, as redes sociais voltadas para este fim, assegura a determinados grupos profissionais, especialmente aqueles cuja mobilidade empregatícia seja facilitada em decorrência das particularidades do serviço desenvolvido, a segurança na continuidade do trabalho, ainda que sob empregadores e empresas diferentes. Cf. LOVELUCK, Benjamin. **Redes, Liberdades e Controle: Uma Genealogia Política da Internet**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 82.

⁷² Cf. HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Para Han, a sociedade da transparência justamente é uma sociedade da informação, por ser a informação, e especialmente o excesso de informação, um fenômeno fomentado pela transparência. A linguagem positivada utilizada para a manifestação da informação carece de negatividade, outro ponto, portanto, umbilicalmente ligado à noção de (excesso de) positividade. A informação necessita de clareza, objetividade. Não há nuances na informação, tampouco há espaço para a ambiguidade, para a ambivalência. Toda a informação resume-se na opacidade de uma linguagem pornográfica.⁷³

No entanto, ainda que as estruturas informacionais midiáticas, macroscopicamente expandidas pela internet, através não só dos canais de mídia tradicionais, mas também pelas redes sociais e inúmeros serviços independentes de informação, gerem uma quantidade colossal de informação em tempo real a todo instante, fenômeno este traduzido por Han como hiperinformação, não há desvelamento da *verdade*, aqui concebida como a clarificação do mundo, a compreensão da realidade. Pelo contrário, a massa de informação e de comunicação que inunda o indivíduo não se transforma em conhecimento, não é interiorizada, apenas informa, mas não aprofunda, não clarifica o mundo ou a realidade, não se transmuta em conhecimento.⁷⁴

A transparência não atinge, porém, somente os âmbitos da política, do governo e da administração pública em geral através da informação. Atravessa, de igual forma, âmbitos da vida privada até então reservados unicamente aos sujeitos, até então inalienáveis, eliminando, assim como ocorre com a vida pública, qualquer espaço de negatividade, desfazendo a distância física e a transformando em proximidade digital. É dizer, a transparência elimina a privacidade. Diz Han:

As mídias sociais e sites de busca constroem um *espaço de proximidade* absoluto onde se elimina o *fora*. Ali encontra-se apenas o si mesmo e os que são iguais; já não há mais negatividade, que possibilitaria alguma modificação. Essa *proximidade digital* presenteia o participante com aqueles setores que lhe

⁷³ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 92-93.

⁷⁴ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 92-96.

agradam. Com isso, ela derriba o caráter público, a consciência pública; sim, a consciência *crítica*, privatizando o mundo. A rede se transforma em esfera íntima ou zona de conforto. A proximidade pela qual se elimina a distância também é uma forma de expressão da transparência.⁷⁵

Importante perceber neste trecho da obra *Sociedade da Transparência*, a preocupação do autor com uma das consequências da transferência de âmbitos da vida privada para o digital: a perda da consciência crítica a partir da blindagem do sujeito daqueles conteúdos que o desagradam. O sujeito é exposto e estimulado tão somente para aquilo que lhe dá prazer – nota-se aqui, novamente, a supressão da negatividade e o estímulo à positividade –, eliminando-se o atrito gerado pela negatividade e, simultaneamente, sepultando a possibilidade de surgimento de uma consciência crítica a partir da contestação de crenças. Por decorrência, fomenta-se, de maneira ainda mais aguda, em razão da amplitude do mundo digital em comparação ao físico, o viés de confirmação⁷⁶, impulsionando o sujeito à uma (auto)alienação cada vez mais profunda. As “bolhas” ou “câmeras de eco”, como conhecido o fenômeno pelo qual o usuário é apenas direcionado para conteúdos psicologicamente confortáveis propicia:

A limitação das pessoas a uma exposição seletiva, alimentada pelos algoritmos, intensifica as tendências homofílicas, ou seja, aquelas de só se buscar concordâncias e fugir das discordâncias, tendências, de resto, que já fazem parte do funcionamento do psiquismo humano.⁷⁷

⁷⁵ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 81.

⁷⁶ “Viés de confirmação, como o termo é tipicamente utilizado na literatura psicológica, conota a busca ou interpretação de evidências de modo a confirmar crenças, expectativas ou hipóteses anteriores.” Tradução livre e contextualizada de “[c]onfirmation bias, as the term is typically used in the psychological literature, connotes the seeking or interpreting of evidence in ways that are partial to existing beliefs, expectations, or a hypothesis in hand.” In: NICKERSON, Raymond S. Confirmation Bias: A Ubiquitous Phenomenon in Many Guises. **Review of General Psychology**. 1998, p. 175-220. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1037/1089-2680.2.2.175>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

⁷⁷ KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. In: **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-10, jan.-dez. 2020. e-ISSN: 1980-3729. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.34074>>. Acesso em: 03 set. 2020.

A tendência à acentuação de vieses de confirmação nas redes sociais e na internet de modo geral, quando Han descreve que “[a]li encontra-se apenas o si mesmo e os que são iguais”, não é acidental. Os algoritmos que estruturam estas redes são programados para apresentar aos internautas apenas conteúdos psicologicamente confortáveis, no intuito de mantê-los conectados pelo maior tempo possível, e disso extrair o maior valor econômico possível de sua navegação *online*, através da venda de publicidade, ao mesmo tempo em que serve, também, para direcioná-lo a *marketing* virtual adaptado às suas preferências particulares⁷⁸ e, novamente, mas agora de forma direta, extrair do indivíduo ainda mais ganhos econômicos através da contratação de serviços e aquisição de mercadorias, funcionando estes dispositivos como verdadeiras iscas psicológicas, onde o alvo fornece de iniciativa própria o instrumento utilizado para capturá-lo na armadilha da exposição e do consumo. Os algoritmos conseguem, através de *machine learning*⁷⁹ e *deep learning*⁸⁰, técnicas de inteligência artificial pelas quais estes dispositivos logram reconhecer padrões e assimilar uma quantidade massiva de dados, o que seria impossível para os *softwares* tradicionais através da programação, o que demandaria a formulação de regras *a priori* e, portanto, inviabilizaria o manuseio de uma quantidade de dados tão volumosa. Assim, essas técnicas possibilitam, por exemplo, traçar perfis psicológicos de vendas para clientes da Amazon e direcionar anúncios para usuários do Facebook, com base nos padrões reconhecidos e dados colhidos pelos algoritmos.⁸¹

⁷⁸ Neste ponto, importante o alerta de Cathy O’Neil: “[s]e foi verdade durante os primórdios da internet que “ninguém sabe que você é um cachorro” (como no cartum de um cão atrás do teclado), é o exato oposto hoje em dia. Somos classificados, categorizados e pontuados em centenas de modelos com base em nossas preferências e padrões exibidos. Isso estabelece uma base poderosa para campanhas publicitárias legítimas, mas também abastece seus primos mais predatórios: anúncios que identificam com precisão pessoas em necessidade e que as vendem promessas falsas ou exageradas. Eles encontram desigualdade e se fartam com ela. O resultado é que perpetuam nossa estratificação social existente, com todas as suas injustiças. A maior divisão é entre os vencedores em nosso sistema, como nosso investidor de risco do início do capítulo, e as pessoas de quem seus modelos são vítimas.” In: O’NEIL, Cathy. **Algoritmos de Destruição Matemática: Como o Big Data Aumenta a Desigualdade e Ameaça a Democracia**. Tradução de Rafael Abraham. 1. ed. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020, p. 112.

⁷⁹ Aprendizado de máquina.

⁸⁰ Aprendizado profundo.

⁸¹ KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. In: **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 27, pp. 1-10, jan.-dez. 2020. e-ISSN: 1980-3729. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.34074>>. Acesso em: 03 set. 2020.

A transparência, além dos efeitos diretamente causados na própria subjetividade dos sujeitos como acima descrito, também gera implicações diretas ao exercício do poder, aqui concebido como o poder soberano, estatal e burocrático-administrativo, exercido por agentes políticos e públicos. O poder e a transparência não se associam de forma completamente harmônica, pois esta impõe uma supervisão constante àquele, limitando sua liberdade de ação. Esta supervisão encontra crescimento exponencial atuando na lógica da transparência e se retroalimenta – quanto mais cresce, mais consegue impor controle, quanto mais controle impõe, mais cresce e assim sucessivamente –, logrando impor limites cada vez mais rígidos ao exercício do poder. Para Han, esta supervisão, levada a cabo, resulta na uniformização, sedimentando o controle entre servos e senhores e vice-versa.⁸² No mesmo sentido, Benavides adverte que, apesar de a transparência ter o condão de fortalecer o poder estatal-burocrático e o controle por ele exercido, também tem a capacidade de facilitar a *accountability*⁸³ por partes dos cidadãos em detrimento do Estado⁸⁴, ou seja, o controle exercido através da transparência, à diferença do controle do panóptico benthamiano, cujo poder de vigilância se encontrava concentrado e centralizado em um único indivíduo ou em uma única instituição, é exercido de forma *mútua* e bi ou multilateral, portanto, independe da qualidade de cada uma das partes para ser empreendido.

No entanto, ainda que essa equalização entre súditos e senhores possa parecer, à primeira vista, favorável ao sujeito e servir como instrumento de limitação do poder estatal, soberano e burocrático-administrativo, a transparência, em última instância, aniquila a confiança. “A confiança só é possível em uma situação que conjuga saber e não saber”, ou seja, “[s]e de antemão sei tudo, já se torna supérflua a confiança.” Assim, a confiança, tão importante para a manutenção saudável do corpo social, é destruída pela transparência. No seu lugar surge desconfiança e

⁸² HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 110-111.

⁸³ No português o termo poderia ser traduzido como “prestação de contas”, no entanto optou-se pelo uso do termo em inglês pela sua maior abrangência, sem igual correspondente no idioma pátrio.

⁸⁴ BENAVIDES, Pablo Severiano. Neoliberalismo, Psicopolítica e Capitalismo da Transparência. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, e164064, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100244&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 set. 2020.

suspeita. A sociedade da transparência faz surgir, então, mais um dentre seus tantos leviatãs: quanto maior a desconfiança, quanto maior a suspeita, maior será a demanda por controle. Novamente, criam-se mecanismos que se retroalimentam e agudizam os sintomas causados pelo mote da transparência, pública ou privada. Para Han, adentrando no controverso campo da filosofia moral, “[a] intensa exigência por transparência aponta precisamente o fato de que o fundamento moral da sociedade se tornou frágil, que os valores morais da honestidade estão perdendo cada vez mais importância.”⁸⁵

Para Beiguelman, a necessidade de exposição serve não apenas como forma de rentabilização do eu, mas também como forma de inserção social, fazendo com que indivíduos mais bem adaptados às exigências algorítmicas de alavancagem da exposição extraiam mais benefícios sociais e financeiros das redes sociais, ainda que ao custo da própria privacidade, que na cultura popular convencionou-se chamarem *influencers*.⁸⁶

A lógica por trás do ideal da transparência é a mesma identificada por trás do ideal do desempenho, nesta o sujeito que explora e é explorado converge na mesma pessoa, assim a coação autoinfligida é (ainda que falsamente) percebida como liberdade; naquela o vigia e o vigiado também convergem na mesma pessoa, transmitindo a sensação de liberdade ao sujeito que vigia seus pares enquanto ele mesmo é submetido ao escrutínio das mais diversas formas de vigilância. “A autoiluminação completa é muito mais eficiente do que a iluminação feita pelos outros, pois vem acompanhada do sentimento de liberdade”, sintetiza Han, para quem, ao tratar do sujeito de desempenho, “a derrocada da instância de domínio não leva a uma real liberdade e falta de coação, uma vez que o sujeito do desempenho também se autoexplora”.⁸⁷

O panóptico, agora digital, em analogia ao panóptico concebido pelo filósofo britânico Jeremy Bentham em 1791, dispõe de um potencial de supervisão muito

⁸⁵ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, pp. 111-112.

⁸⁶ BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: Vigilância e Resistência na Dadosfera**. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021, p. 40.

⁸⁷ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 112.

mais abrangente através da tecnologia e da vigilância em tempo real, algo inconcebível na época de Bentham. O panóptico benthamiano visava a possibilidade de vigilância ininterrupta sobre os indivíduos, senão transmitir a sensação de vigilância, no interior das instituições disciplinadoras, como escolas, hospitais, manicômios e prisões, a todos os indivíduos lá presentes, como forma de controle a partir da observação contínua. Assim, o indivíduo permanentemente vigiado ou com a constante sensação de estar sempre sendo observado pelo panóptico modularia seu comportamento em adequação ao prescrito por esse poder onipresente e onisciente.⁸⁸ Diz Han:

O projeto panóptico de Bentham tem motivação acima de tudo *moral* ou *biopolítica*. Segundo ele, o primeiro efeito a ser esperado do controle panóptico é *moral reformed* (a moral reformada). Como outros efeitos, ele menciona: *health preserved* (a saúde preservada), *instruction diffused* (a instrução difundida) e *the gordion knot of the poor-laws are not cut* (o nó górdio da lei dos pobres não é cortado, mas desatado). A coação por transparência, hoje, não é um imperativo explicitamente moral ou biopolítico, mas sobretudo um imperativo econômico; quem se ilumina completamente se expõe e se oferece à exploração econômica. *Iluminação completa é exploração*. Quando uma pessoa é superfocalizada e iluminada, maximiza sua eficiência econômica. O cliente transparente é o novo presidiário, sim, o *homo sacer* do panóptico digital.⁸⁹

Dessa forma, o panóptico digital, ao contrário daquele imaginado por Bentham para vigiar estruturas especificamente determinadas, engloba virtualmente todo o planeta. Nada mais se encontra fora do panóptico. Tudo nele está contido em uma incessante e incansável presentificação do agora. Não há sujeito que não tenha sua vida impactada por esta vigilância onipresente e onisciente. Mesmo aqueles que não estão voluntariamente presentes nas redes sociais, nos sites de buscas ou na internet em geral, têm seus dados lá disponíveis, seja através de agências

⁸⁸ BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. 2. ed. Organização de Tomaz Tadeu. Tradução de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno e Tomaz Tadeu. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2008, pp. 19-20.

⁸⁹ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 113.

governamentais ou grandes corporações. O universo online, anteriormente visto como um espaço de liberdade, torna-se cada vez mais um espaço de controle e vigilância e o sujeito, acreditando estar assumindo essa liberdade, colabora cada vez mais para o seu próprio controle. "O presidiário do panóptico digital é ao mesmo tempo o agressor e a vítima, e nisso é que reside a dialética da liberdade, que se apresenta como controle."⁹⁰

Para que esta vigilância seja possível, não somente a busca incessante por transparência necessita ser fomentada, mas requisitos de ordem técnica também precisam ser alcançados. Han reconhece no dataísmo, crença que pressupõe nos dados a fonte superior de conhecimento em detrimento do conhecimento "meramente" humano, a fonte da obsessão por cada vez mais transparência. O conhecimento dataísta, por evidente, é gerado pela coleta massiva de dados através de dispositivos eletrônicos, técnica essa conhecida como *big data*, o instrumento viabilizador daquilo que cunhou como panóptico digital. Diz o autor:

A transparência como imperativo dataísta impõe a obrigação de passar tudo aos dados e informações, é dizer, torná-los visualizáveis. É uma pressão para produzir. A transparência não declara livre o homem, somente os dados e as informações. É uma forma eficaz de domínio em que a comunicação total coincide com a vigilância total. A dominação se faz passar por liberdade. O *big data* gera um saber dominador que faz possível intervir na psique humana e manejá-la. Considerando isso, o imperativo dataísta de transparência não é uma continuação da Ilustração, mas o seu final.⁹¹

Por estas razões, Han conclui não ser o dataísmo, e todos os fenômenos a ele correlatos, uma nova fase do Iluminismo ou um incremento da convicção na razão

⁹⁰ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petropolis, RJ: Vozes, 2017, pp. 115-116.

⁹¹ Tradução livre e contextualizada de "La transparencia como imperativo dataísta impone la obligación de pasarlo todo a datos e informaciones, es decir, de visibilizarlo. Es una presión para producir. La transparencia no declara libre al hombre, sino solo a los datos y las informaciones. Es una eficaz forma de dominio en la que la comunicación total coincide con la vigilancia total. La dominación se hace pasar por libertad. El big data genera un saber dominador que hace posible intervenir en la psique humana y manejarla. Considerándolo así, el imperativo dataísta de transparencia no es una continuación de la Ilustración, sino su final." In: HAN, Byung-Chul. **La Desaparición de los Rituales**. Barcelona: Herder Editorial, 2020, p. 61. E-book. ISBN: 9788425444012.

humana.⁹² Pelo contrário, o conhecimento humano perde terreno para o conhecimento forjado a partir dos dados, conhecimento este cuja detenção recai sobre os dispositivos eletrônicos e não mais ao cérebro humano, incapaz de um processamento informacional tão massivo. A razão humana perde, assim, seu lugar privilegiado como fonte primária de conhecimento, lugar que ocupava desde a teoria kantiana da razão.

Por fim, imprescindível frisarmos que, para o autor, a transparência, *per se*, não é algo indesejável, pois poderá servir a propósitos benevolentes. Diz o autor: “[p]ara se evitar qualquer mal-entendido: nada a opor à transparência em nome do combate à corrupção ou em defesa dos direitos humanos. Ela é bem-vinda. A crítica à transparência se dirige à sua ideologização, fetichização e totalização.”⁹³

2.3 O sujeito do desempenho

O conceito de *sujeito do desempenho*, extensamente trabalhado por Byung-Chul Han, especialmente em sua obra *Sociedade do Cansaço*, remonta ao conceito de *homo oeconomicus*, trabalhado por Foucault em seus cursos finais no *Collège de France* e cuja análise consiste em elemento imprescindível para a compreensão do sujeito obcecado pelo desempenho cunhado pelo filósofo sul-coreano.

Para Foucault, a ascensão do neoliberalismo marca o surgimento do *homo oeconomicus*. Este *homo oeconomicus*, no entanto, não se constitui em um parceiro de trocas comerciais livres, como imaginado por liberais clássicos como Adam Smith, John Stuart Mill ou John Locke, que integraria um sistema de livre mercado harmônico regido por leis econômico-naturais. Pelo contrário, a partir da consolidação das leis de mercado o homem transforma-se em empresário de si,

⁹² No mesmo sentido do que o declarado na obra *La Desaparición de los Rituales*, Han retoma, na obra *La Expulsión de lo Distinto*, o raciocínio segundo o qual a ordem neoliberal não seria uma sequência ou continuidade do Iluminismo, mas sua antítese, ou seu fim, por suplantando a razão humana em detrimento do “saber” algorítmico e dataísta. Além disso, nessa obra, complementa afirmando que, na mesma serra de diversas outras obras de sua autoria, o neoliberalismo, diferentemente da Ilustração, não é caracterizado por promover a liberdade, mas por explorá-la. Cf. HAN, Byung-Chul. **La Expulsión de lo Distinto**: Percepción y Comunicación en la Sociedad Actual. Traducción de Alberto Ciria. Barcelona: Herder & Herder, 2021, p. 17.

⁹³ HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte**: Ensaios e Entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p. 70.

sendo ele próprio seu capital, seu produtor e sua fonte de renda, assumindo, a partir desta lógica, uma postura individualizante, fazendo com que a economia de mercado seja apenas o instrumento para a própria alavancagem social e o próprio aprimoramento pessoal e profissional, e não como meio de distribuição e produção de riqueza através do qual o bem-estar comum seria alcançado.⁹⁴ Já no seminário intitulado *Os Anormais*, Foucault identifica na ascensão da era capitalista o surgimento do imperativo do desempenho como característica da nova subjetividade emergente:

No momento em que se desenvolve a sociedade capitalista, o corpo, que era até então – diz Van Ussel – um “órgão de prazer”, se torna e deve se tornar um “instrumento de desempenho”, desempenho esse necessário às próprias exigências da produção. Donde uma cisão, uma cesura, no corpo, que é reprimido, como órgão de prazer e, ao contrário, codificado, adestrado, como instrumento de produção, como instrumento de desempenho.⁹⁵

A produção ocupa, então, lugar central na analítica foucaultiana do neoliberalismo. Até mesmo quando figura como coadjuvante na relação de produção, ou seja, como consumidor do produto produzido por outrem, o sujeito neoliberal visa a produção. Foucault identifica na teoria do consumo de Gary Becker o sustentáculo desta afirmação: para Becker, o homem do consumo não é simplesmente um consumidor, mas o produtor da própria satisfação, ou seja, funciona simultaneamente como consumidor e produtor.⁹⁶

Mas como o homem do consumo, ou o sujeito-empresa neoliberal, poderá consumir/produzir? A partir do dispêndio do seu salário. O salário, por seu turno, passa a ser percebido como uma remuneração pelo capital humano despendido/utilizado pelo indivíduo no exercício laboral. E no que consiste esse capital humano? O capital humano é composto por dois elementos: biológico (inato)

⁹⁴ FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008, p. 311.

⁹⁵ FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**: curso dado no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2010, p. 205.

⁹⁶ FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008, p. 311.

e adquirido (educação e conhecimento técnico). Há, para Foucault, um vínculo indissolúvel entre o capital humano, a renda e o indivíduo portador de ambos. O capital humano, e por decorrência a renda advinda, são intrínsecos ao indivíduo, compondo a conexão entre valorização do capital humana e seu decorrente incremento da renda percebida.⁹⁷

A partir de então, com o capital humano assumindo a função de atração de renda ao indivíduo, surge o imperativo de aprimoramento constante deste capital, para que o lucro possa ser percebido de forma cada vez mais volumosa e, conseqüentemente, possibilitando o aprimoramento do capital humano de forma sucessiva, criando, assim, um moto perpétuo entre lucro/renda e aprimoramento/valorização pessoal-profissional. O lugar central assumido pelo capital humano como aspecto intrínseco ao indivíduo criará a busca incessante pelo autoaprimoramento e modelará todo o comportamento humano a partir de então. Para Foucault, a busca pelo aprimoramento do capital humano inato irá estimular a procura por parceiros biologicamente saudáveis, com o fim de aprimorar o capital humano da prole. No entanto, para que o indivíduo consiga para si um parceiro cuja carga genética possa proporcionar uma prole cujo capital humano inato seja "ao menos tão bom quanto o meu ou tanto quanto possível melhor" será necessário que se aumente o capital humano adquirido para possibilitar a concorrência pelos melhores pares com os outros sujeitos-empresa. Para tanto, o capital humano adquirido, necessariamente, também deverá ser aprimorado de antemão, através da educação e do conhecimento técnico-profissionalizante, a fim de proporcionar a busca por um parceiro com equipamento genético tão bom quanto for possível, para atrair mais renda e capital humano e propiciar esse aprimoramento sucessivo, fazendo surgir o ciclo vicioso de acumulação de capital humano e renda. Assim, para se ter um casamento com um parceiro portador de bom material genérico, que irá aprimorar o capital humano inato da prole, o indivíduo terá de aprimorar o seu capital humano adquirido (e com eles, seus bens, posses etc.), numa espécie de ciclo vicioso intergeracional, pois a prole, por seu turno, também irá ter de aprimorar seu capital

⁹⁷ FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008, pp. 311-312.

humano adquirido a fim de aprimorar o capital humano inato de sua prole e assim sucessivamente⁹⁸.

Desta forma, a partir da noção de independência do indivíduo produzido como livre, a racionalidade governamental descarregará os custos sobre o sujeito, imiscuindo-se de interferências desnecessárias em sua vida privada, as quais serão reservadas ao mínimo possível, especialmente no âmbito da chamada “liberdade econômica” e, em contrapartida, estimulará a responsabilidade, o cuidado de si e de sua prole, fazendo-o responsável pelo próprio destino e pela própria liberdade, assim fomentando a autovalorização de seu capital humano inato e adquirido⁹⁹, pelo qual será responsável em aprimorar para se manter competitivo com os demais sujeitos, uma vez que a lógica mercantil-concorrencial balizará todo o corpo social.

De igual forma, não só o comportamento individual e coletivo será remodelado para a lógica do capital, as políticas públicas também serão voltadas ao aprimoramento do capital inato da população, através de políticas de higiene, de saúde etc., e do capital humano adquirido, através da educação e da profissionalização técnica da população. A partir dessa busca por aprimoramento do capital humano também por parte do Estado nasce aquilo que Foucault denominou de biopolítica¹⁰⁰. Entretanto, este biopoder não é provocado a manifestar-se e agir sobre o corpo social através de critérios morais ou objetivando o bem-estar humano do sujeito enquanto indivíduo, mas para manter o bem-estar e a saúde coletivos busca tão somente fomentar a eficiência do sistema e da população, tolhendo das políticas públicas seu caráter antropocêntrico¹⁰¹.

A análise econômica obtém, assim, status de imperativo, subvertendo tudo e a todos à sua ótica. A conduta humana racionalmente realizada, por seu turno, pode ser submetida à análise econômica, pois guiada pelo mote do custo-benefício. Neste ponto, importante frisar a qual racionalidade nos referimos. A racionalidade a qual o

⁹⁸ FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008, pp. 313-314.

⁹⁹ CHIGNOLA, Sandro. **Foucault além de Foucault**: Uma Política da Filosofia. Tradução, notas e revisão técnica de Augusto Jobim do Amaral (coord.), Evandro Pontel e André Rocha Sampaio. Porto Alegre, RS: Criação Humana, 2020, p. 56.

¹⁰⁰ FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008, pp. 315-316.

¹⁰¹ BRANCO, Guilherme Castelo. **Michel Foucault**: Filosofia e Biopolítica. 1. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019, pp. 25-26.

homo economicus atende é a racionalidade do capital, a racionalidade neoliberal, no termo utilizado por Dardot e Laval. Assim, a análise econômica terá como objeto o conjunto de respostas sistemáticas do indivíduo às variáveis do meio em que inserido, possibilitando, assim, o emprego de técnicas que estimulem ou desestimulem determinados comportamentos, a depender do objetivo de determinada política pública. O *homo oeconomicus* é, justamente, o indivíduo que aceita essa realidade racional e racionalizante a partir da análise econômica. Ao fim e ao cabo, o comportamento humano orbita em torno do valor econômico agregado ou potencial de suas ações, que a análise custo-benefício bem sintetiza.¹⁰²

Diferentemente de Foucault, quem identifica o surgimento do sujeito-empresa no interior do Estado administrativizado pela lógica governamental, Dardot e Laval apontam que, partindo da crítica de libertários como Ludwig von Mises até a anarcocapitalistas como Murray Rothbard, o empreendedor de si emergiria não do seio do Estado neoliberal identificado na literatura foucaultina, mas justamente na *ausência* de intervenção estatal, falta esta que criaria as condições propícias para o pleno desenvolvimento das capacidades individuais e fomentaria o empreendedorismo, sem as amarras coercitivas do Estado, seja ele liberal ou não.¹⁰³

Sobre a concepção de “homem empresarial”, termo empregado pelos autores, Dardot e Laval o identificam da seguinte forma no pensamento de Ludwig von Mises:

A partir da luta dos agentes é que poderá se descrever não a formação de um equilíbrio definido por condições formais, mas a própria vida econômica, cujo ator real é o empreendedor, movido pelo espírito empresarial que se encontra em graus diferentes em cada um de nós e cujo único freio é o Estado, quando este trava ou suprime a livre competição.¹⁰⁴

Embora a concepção distinta entre o “homem empresarial” descrito por Dardot e Laval e do “sujeito neoliberal” de Foucault, o núcleo do conceito, em ambas

¹⁰² FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008, pp. 369-370.

¹⁰³ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2016, pp. 136-139.

¹⁰⁴ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2016, pp. 135-136.

interpretações, permanece o mesmo: a concorrência. Será a concorrência e o estímulo concorrencial, seja através da governamentalidade estatal ou da ausência de Estado, cada qual por suas razões, que criará esta figura central para análise do fenômeno do (neo)liberalismo e, por derradeiro, da centralidade da economia na racionalidade governamental. A concorrência entre os sujeitos, por consequência, impulsiona o individualismo, pois cada um será responsável por si e compelido a competir com os demais.

Em *La Desaparición de los Rituales*, Han identifica como consequência desse individualismo fomentado ao sujeito empreendedor de si a pressão por autenticidade. Esta pressão por autenticidade tem como ponto central seu valor de mercado, estimulada, também, pelo individualismo característico do neoliberalismo, fazendo surgir, outra vez, um ciclo vicioso de valorização do capital e obtenção de renda sucessivos entre si. Essa pressão estimula a produção de si mesmo, a constante otimização do sujeito e tem como consequência o culto à personalidade, que atomiza a sociedade. O "eu" passa a ser objeto de adoração narcísica.¹⁰⁵

Para Han, é justamente essa busca incessante por desempenho, por autovalorização do capital humano e do culto a si, que marca a virada entre a sociedade disciplinar de Foucault e a sociedade do desempenho. Embora Foucault, de certo modo, também tenha antevisto tais traços no comportamento individual do sujeito da sociedade neoliberal do século XX, o filósofo sul-coreano vai além em sua análise e coloca a conduta individual como ponto central de sua análise, lugar antes ocupado pelas instituições disciplinares. Diz o autor:

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias *fitness*, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais "sujeitos de

¹⁰⁵ HAN, Byung-Chul. *La Desaparición de los Rituales*. Barcelona: Herder Editorial, 2020, p. 17. E-book. ISBN: 9788425444012

obediência", mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos.¹⁰⁶

As novas "instituições" descritas acima por Han, diferente daquelas identificadas por Foucault no âmago da sociedade disciplinar, consubstanciam-se em locais de aprimoramento, como academias e laboratórios de genética, ou de consumo e produção de prazer, como shopping centers. As novas instituições voltam-se para o sujeito e não mais o sujeito que é impelido coercitivamente às instituições, senão através de uma coerção autoinfligida. Nisso reside, também, a adoração narcísica já referida. Mas não somente as capacidades físicas buscarão ser aprimoradas em prol da busca obsessiva pelo desempenho. Capacidades cognitivas, técnicas profissionais, educação formal e outras formas de especialização do trabalho, ou, para lembrar Marx, para propiciar divisão social do trabalho, através do incremento das capacidades técnicas do indivíduo, também farão parte do espectro de objetivos almejados para possibilitar a concorrência com os demais empreendedores de si. O ciclo vicioso de *otimização* do indivíduo e, simultaneamente, da população, como antevisto por Foucault, intensifica-se com o advento do capitalismo digital característico do século XXI, cuja transição de modelos, daquele pré-Revolução Digital e aquele pós-Revolução Digital, Han busca diagnosticar.¹⁰⁷

A partir do conceito de sujeito de desempenho, estimulado obsessivamente a produzir liberdade, prazer e bens de consumo, instigado ao aprimoramento contínuo, ininterrupto e interminável de si, para concorrer com os seus semelhantes e obter vantagens pessoais e financeiras, colocado em um ciclo vicioso por mais desempenho, mais renda, mais liberdade, mais informação, mais prazer (mais... mais... mais...), todos valores positivos, conforme já bem assentado anteriormente, surge, com o colapso da subjetividade destes sujeitos, aquilo que Han denominou

¹⁰⁶ HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, pp. 23-24.

¹⁰⁷ AUGUSTO FILHO, Florêncio; ROSA, Pablo Ornelas; MARCHIORI, Giovanna Rosario Soanno. From homo oeconomicus to the performance subject: the trajectory of the subject in the neoliberal model in the thoughts of Foucault and Byung-Chul Han. In: **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. e130942964, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2964>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

sociedade do cansaço, traço marcante da sociedade globalizada, complexa e de comunicação instantânea.

A sociedade do cansaço de Han é marcada pelo excesso de positividade, que marca o surgimento de novas formas de violência, cuja fonte não é mais o Outro exterior, mas surgem a partir da coerção autoinfligida, umbilicalmente ligada com a já extensamente descrita incessante busca por desempenho e aprimoramento do capital humano. A partir desta violência marcada pelo excesso de positividade e não mais da agressão física como costumeiramente pensada, mas praticada contra si, livre de qualquer negatividade e de dicotomias antagônicas como amigo e inimigo, surge a violência neuronal, responsável por enfermidades psíquicas marcadamente presentes na atualidade. A violência neuronal é sistêmica, inerente ao próprio sistema que a fomenta e possibilita. Depressão, síndrome de *burnout* e TDAH (transtorno do déficit de atenção com hiperatividade) "apontam para um excesso de positividade".¹⁰⁸

Todo este cenário patológico a que o sujeito se submete voluntariamente já havia sido percebido pela analítica foucaultiana, quando o filósofo descreve em seus seminários finais no *Collège de France* a ligação umbilical entre a governamentalização do Estado, a emergência do *homo oeconomicus* e as técnicas disciplinares e biopolíticas de controle do sujeito e da população. Contudo, é com Byung-Chul Han, com a vantagem de sua contemporaneidade ao fenômeno na sua forma mais aguda conhecida até então, que a noção de autoexploração adquire ainda mais vigor, mas não somente a noção da coerção autoinfligida a si em termos de vigilância, noção esta que será tratada em momento oportuno, mas na própria noção de produção e exploração para a produção, vinculada às questões do desempenho/rendimento e da concorrência já desenvolvidas anteriormente. Para Han, "[o] sujeito do rendimento, exilado em si mesmo, explora-se a si mesmo de modo mais eficiente quando se mantém aberto a tudo, quando é flexível."¹⁰⁹

¹⁰⁸ HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 19-21.

¹⁰⁹ Tradução livre de "[e] sujeto del rendimiento, aislado em sí mismo, se explota a sí mismo del modo más eficiente cuando se mantiene abierto a todo, cuando es flexible." In: HAN, Byung-Chul. **La Desaparición de los Rituales**. Barcelona: Herder Editorial, 2020, p. 23. E-book. ISBN: 9788425444012

A sociedade do cansaço, marcada pelo sujeito do desempenho, não se constitui como uma *quebra* para com a sociedade disciplinar foucaultiana, mas como sua continuidade, diferentemente da analítica do poder em Foucault, nos termos em que descrita por Edgardo Castro, para quem as técnicas de poder não são sucessivas, mas simultâneas, pois somam-se ao invés de substituírem-se¹¹⁰. Segundo Regatieri:

Nos termos de Han, a sociedade disciplinar era uma sociedade da negatividade, na qual essa última se apresentava como proibição. No lugar da proibição, a sociedade de desempenho coloca "projeto, iniciativa e motivação" (HAN, 2015, p. 24). Seus membros "não se chamam mais 'sujeitos da obediência', mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos." (HAN, 2015, p. 20). Entretanto, ao invés de uma ruptura, Han vê uma continuidade entre esses dois paradigmas, no sentido de que o sujeito do desempenho conta com o estágio disciplinar atrás de si, tendo sido devidamente preparado por ele.¹¹¹

O sujeito neoliberal se vê, portanto, forçado a render cada vez mais e, sem amo, explora-se a si mesmo de forma ininterrupta e ainda mais contundente.¹¹² Assim, as patologias psíquicas cada vez mais comuns no século XXI seriam causadas pelos próprios indivíduos, ao explorarem a si mesmos, exigindo de si uma demanda infindável por mais rendimento.

O que tornaria o sujeito da sociedade de desempenho depressivo seria o próprio imperativo de obedecer a si mesmo, disfarçado pela idealização de que se trata de autonomia e mérito o que permaneceria sendo poder coercitivo e coação. Outra característica fundamental da depressão, como patologia que daria tom à sociedade do cansaço, seria a consequente falta de vínculos produzida pela

¹¹⁰ Cf. CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 110.

¹¹¹ REGATIERI, Ricardo Pagliuso. HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. São Paulo: Vozes, 2015, 136 p. In: **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 42, n. 4, pp. 223-226, Out./Dez., 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0101-3173.2019.v42n4.12.p223>>. Acesso em: 19 set. 2020.

¹¹² HAN, Byung-Chul. **La Desaparición de los Rituales**. Barcelona: Herder Editorial, 2020, p. 27. E-book. ISBN: 9788425444012.

violência de si: o que resta ao sujeito do cansaço seria então ciclos de “infartos psíquicos”. Tornou-se, então, agressor e vítima de si mesmo.¹¹³

Outra categoria trabalhada por Han ao longo de sua obra também se encontra umbilicalmente conectada ao sujeito do desempenho: a autenticidade. Anteriormente, ao referirmo-nos à autenticidade, foi dito que ela serve como instrumento de ostentação narcísica do indivíduo, da qual percebe vantagens econômicas e sociais. O imperativo da autenticidade é, também, um produto da racionalidade neoliberal. Autenticidade, nesse contexto, significa criar a si mesmo, vigiar a si mesmo, produzir a si mesmo. Significa uma produção constante do Eu. O Eu como mercadoria. O sujeito como empresário de si mesmo, que se produz, se representa, se expõe e se vende.¹¹⁴

Assim, a transparência, a positividade e a subjetividade voltada ao desempenho servirão de sustentáculo do exercício do poder psicopolítico na sociedade de controle descrita por Byung-Chul, possibilitando a expansão de seus instrumentos e tecnologias de controle, dentre os quais a hipercomunicação e a hipere Exposição, que funcionarão como mecanismos essenciais para o exercício da vigilância no panóptico digital.

¹¹³ Holanda, Mariana Assunção Figueiredo. O cansaço é também colonial? Crítica à Sociedade do cansaço, de Byung-Chul Han, desde o Pluralismo Bioético. In: **Revista Brasileira de Bioética**, 2018;14(e18):1-14. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbb/article/download/21958/20154/38953>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

¹¹⁴ HAN, Byung-Chul. **La Expulsión de lo Distinto**: Percepción y Comunicación en la Sociedad Actual. Traducción de Alberto Ciria. Barcelona: Herder & Herder, 2021, p. 20.

3. A REVOLUÇÃO DIGITAL E AS TECNOLOGIAS DE CONTROLE NA ERA NEOLIBERAL

A partir de meados do século XX, o mundo passou a experimentar o fenômeno denominado de Quarta Revolução Industrial, também conhecida como Revolução Tecnológica ou Digital, fenômeno este que vem se intensificando durante o século XXI através do desenvolvimento e ampliação da inteligência artificial, da automação industrial e partir de novas tecnologias de transporte autônomo, manufatura automatizada, internet das coisas, impressões 3D, inteligência artificial, engenharia genética, *blockchain*, *big data*, além de tecnologias com ainda maior penetração social como algoritmos de coleta de dados e tecnologias de vigilância em massa.

Com o crescimento desenfreado da técnica científica como forma de desenvolvimento de novas tecnologias, o indivíduo passa a estar cada vez mais imerso em uma sociedade em estado de dependência da tecnologia. Essa dependência, entretanto, não se restringe unicamente às formas facilitadoras das atividades rotineiras e geradoras de conforto com as quais o corpo social vai se habituando e assimilando ao seu viver, mas também reflete nas formas de controle, especialmente de controle penal, que o Estado passa a utilizar e assimilar às suas técnicas corriqueiras de administração das massas, tornando-se, também, dependente, cada vez mais, da técnica científica para o exercício do seu poder.

Bertrand Russell, com precisão, assinala que a técnica científica possui certo efeito totalizante sobre a sociedade, tornando o homem um ser cada vez mais dela dependente e, por conseguinte, mais dependente de seus comuns, não podendo sobreviver, assim, fora da sociedade ou sem o auxílio da técnica científica representada pela tecnologia:

A técnica conferia sensação de poder: hoje, está o homem muito menos à mercê do ambiente do que no passado. Ainda assim, o poder que a técnica confere é social, não individual; um homem comum perdido numa ilha deserta poderia

fazer mais no século XII do que faria hoje. A técnica científica exige a cooperação de uma quantidade grande de indivíduos organizados sob uma única direção.¹

No entanto, segundo Russell, as filosofias inspiradas unicamente na técnica científica tendem a ocupar-se tão somente da eficiência dos métodos e não mais com os fins almejados, sendo esses indiferentes e, portanto, independentemente das consequências – por mais nefastas que sejam – essas filosofias mantêm-se neutras e alheias aos efeitos potencializadores do sofrimento humano que podem vir a causar, desde que a lógica eficientista seja perseguida e a eficiência fomentada. Faz, ainda, outro alerta sobre os possíveis efeitos de longo prazo a partir do irrestrito e desregulado avanço da técnica científica sobre o corpo social: “O mundo moderno, tal qual se encontra hoje, parece caminhar rumo a solução semelhante à da Antiguidade: uma ordem social imposta pela força, representando antes a vontade dos poderosos do que os anseios dos homens comuns.”²

Na obra *The Fourth Industrial Revolution*, o economista alemão Klaus Schwab sintetiza o que caracteriza a Revolução Digital, por ele chamada de Quarta Revolução Industrial e a diferencia das revoluções industriais que a antecederam, da seguinte forma:

A quarta revolução industrial, no entanto, não diz respeito apenas a sistemas e máquinas inteligentes e conectadas. Seu escopo é muito mais amplo. Ondas de novas descobertas ocorrem simultaneamente em áreas que vão desde o sequenciamento genético até a nanotecnologia, das energias renováveis à computação quântica. O que torna a quarta revolução industrial fundamentalmente diferente das anteriores é a fusão dessas tecnologias e a interação entre os domínios físicos, digitais e biológicos.

Nessa revolução, as tecnologias emergentes e as inovações generalizadas são difundidas muito mais rápida e amplamente do que nas anteriores, as quais continuam a desdobrar-se em algumas partes do mundo. A segunda revolução industrial precisa ainda ser plenamente vivida por 17% da população mundial,

¹ RUSSELL, Bertrand. **História da Filosofia Ocidental – Livro 3: A Filosofia Moderna**. Tradução de Hugo Langone. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 14.

² RUSSELL, Bertrand. **História da Filosofia Ocidental – Livro 3: A Filosofia Moderna**. Tradução de Hugo Langone. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, pp. 14-15.

pois quase 1,3 bilhão de pessoas ainda não têm acesso à eletricidade. Isso também é válido para a terceira revolução industrial, já que mais da metade da população mundial, 4 bilhões de pessoas, vive em países em desenvolvimento sem acesso à internet. O tear mecanizado (a marca da primeira revolução industrial) levou quase 120 anos para se espalhar fora da Europa. Em contraste, a internet espalhou-se pelo globo em menos de uma década.³

Para Schawb, no entanto, conforme citado, não é *apenas* a expansão das tecnologias digitais a característica central dessa “nova” revolução, mas a fusão, a convergência, de tecnologias digitais, físicas e biológicas. A interação entre estas tecnologias, contudo, não se limita entre os escopos apontados pelo autor⁴, mas são instrumentalizadas, também, em tecnologias de controle social e vigilância.

A Revolução Digital, caracterizada principalmente pelo surgimento e pela massificação da internet, bem como pela passagem das tecnologias mecânicas e analógicas para as tecnologias digitais, marcou o início da era da informação, uma era onde a livre circulação da informação passou a ser facilitada, estimulada e transformada em produto comercializável, para fins diversos como marketing direcionado ou para fins de persecução estatal de indivíduos-alvo⁵, fazendo surgir

³ Tradução de “The fourth industrial revolution, however, is not only about smart and connected machines and systems. Its scope is much wider. Occurring simultaneously are waves of further breakthroughs in areas ranging from gene sequencing to nanotechnology, from renewables to quantum computing. It is the fusion of these technologies and their interaction across the physical, digital and biological domains that make the fourth industrial revolution fundamentally different from previous revolutions.

In this revolution, emerging technologies and broad-based innovation are diffusing much faster and more widely than in previous ones, which continue to unfold in some parts of the world. The second industrial revolution has yet to be fully experienced by 17% of the world as nearly 1.3 billion people still lack access to electricity. This is also true for the third industrial revolution, with more than half of the world’s population, 4 billion people, most of whom live in the developing world, lacking internet access. The spindle (the hallmark of the first industrial revolution) took almost 120 years to spread outside of Europe. By contrast, the internet permeated across the globe in less than a decade.” In: SCHWAB, Klaus. **The Fourth Industrial Revolution**. Genebra, CH: World Economic Forum, 2016, pp. 12-13.

⁴ Cf. SCHWAB, Klaus. **The Fourth Industrial Revolution**. Genebra, CH: World Economic Forum, 2016, p. 12.

⁵ O exemplo mais paradigmático desta subversão da internet para fins de persecução estatal de indivíduos foi o conteúdo das denúncias realizadas por Edward Snowden, ex-agente da NSA (National Security Agency), que revelou ao mundo técnicas de espionagem que conferiam poder praticamente ilimitado à agência americana para espionar indistintamente indivíduos e governos de todo o mundo. Cf. POITRAS, Laura. **Citizenfour**. Produção e direção de Laura Poitras, Mathilde Bonnefoy e Dirk Wilutzky. Praxis Films. Estados Unidos da América, 2014. Documentário. 114 min.

aquilo que Shoshana Zuboff cunhou de *capitalismo de vigilância*⁶.

A internet, inicialmente percebida como uma tecnologia portadora e fomentadora de um ideal libertador de comunicação, capaz de desvincular o indivíduo de limitações físicas e geográficas, nascida em um ambiente de euforia utópico-libertária, como descreve Benjamin Loveluck⁷, e que serviria ao indivíduo como instrumento dessa libertação, garantindo acesso a conhecimento, entretenimento e, posteriormente, sustento, foi subvertida em instrumento de dominação e opressão veladas, funcionando não mais *para nós*, como explica Zuboff, ou seja para o indivíduo, mas *para eles*, os detentores do superávit comportamental extraído de nossas interações online, à semelhança da diferenciação entre detentores dos meios de produção – os burgueses, a classe dominante – e o proletariado, identificados por Marx ainda no século XIX,⁸ época em que o capitalismo já funcionava de forma parasítica e autorreferente.⁹

Zuboff não está sozinha em sua análise quando descreve que a internet, sob o signo da liberdade, instrumentaliza os indivíduos para a captação de recursos, especialmente aqueles obtidos através da coleta de dados comportamentais, que são posteriormente revertidos em complexos algoritmos de marketing direcionado e cujos *outdoors* personalizados, oniscientes e onipresentes são vendidos para companhias de todos os setores e tamanhos imagináveis. Loveluck assim sintetiza essa relação de domínio pela liberdade muito explorada por Byung-Chul Han anteriormente:

⁶ "O capitalismo da vigilância começa com a descoberta do superávit comportamental. Mais dados comportamentais são transmitidos do que o necessário para as melhorias nos serviços. Esse superávit alimenta a inteligência de máquina – o novo meio de produção – que gera predições do comportamento do usuário. Esses produtos são vendidos para empresas clientes em novos mercados futuros comportamentais. O ciclo de reinvestimento de valor comportamental é subordinado a esta nova lógica." In: ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância: A Luta por um Futuro Humano na Nova Fronteira do Poder**. Tradução de George Schlesinger. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2020, p. 118.

⁷ Cf. LOVELUCK, Benjamin. **Redes, Liberdades e Controle: Uma Genealogia Política da Internet**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

⁸ KELSEN, Hans. **A Teoria Comunista do Direito**. Tradução de Pedro Davoglio. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Contracorrente, 2021, pp. 15-16.

⁹ "Em sua essência, o capitalismo de vigilância é parasítico e autorreferente. Ele revive a velha imagem que Karl Marx desenhou do capitalismo como um vampiro que se alimenta do trabalho, mas agora com uma reviravolta. Em vez do trabalho, o capitalismo de vigilância se alimenta de todo aspecto de toda a experiência humana." In: ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância: A Luta por um Futuro Humano na Nova Fronteira do Poder**. Tradução de George Schlesinger. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2020, p. 118.

A implementação de sites e de plataformas destinados a coletar e promover o compartilhamento de conteúdos pelos internautas – opiniões, comentários, dicas, mas também imagens, vídeos etc. – se tornou um dos aspectos mais visíveis da economia da internet, principalmente sob a forma do “web 2.0”, a partir de 2004. Nesse aspecto é que foram utilizadas, da maneira mais eficaz, as dinâmicas sociais peculiares da rede. Mas, se esses serviços atendem a uma verdadeira demanda e fornecem ferramentas inéditas de compartilhamento da informação, dos conhecimentos e da cultura, os internautas se encontram nesse mesmo movimento, recrutados como “mão de obra gratuita” para engendrar conteúdos, sendo incentivados a colocar *on line* informações pessoais que também são “comodificadas” na medida em que elas são “consumidas” pelos outros usuários do serviço; e, enfim, os dados oriundos da observação de seus comportamentos na rede podem ser utilizados para fins de *marketing*. De acordo com alguns autores, a “cultura participativa” pode, assim, ser desviada para o mecanismo de criação de valor, a baixo custo, associado a uma nova forma de apreciação do trabalho cognitivo (*digital labor*).¹⁰

Para Zuboff, a atual fase do capitalismo, caracterizada principalmente pela emergência da economia digital e pela hegemonia das *big techs*¹¹ como Google, Facebook, Amazon e Apple, dentre outras gigantes do Vale do Silício, na gestão da internet de forma privada, ao arrepio da ordem jurídica, muito em razão da lentidão do processo legislativo em comparação com avanço tecnológico no desenvolvimento dos produtos dessas empresas, consiste no capitalismo de vigilância, uma nova forma de capitalismo marcada pela extração constante e irrestrita de superávit comportamental, isto é, de dados comportamentais originados da atividade individual na internet de cada indivíduo conectado à rede e da interação entre indivíduos, voltada ao lucro dessas empresas, transformando a experiência humana em mercadoria através dos dados revendidos a anunciantes.¹²

¹⁰ LOVELUCK, Benjamin. **Redes, Liberdades e Controle: Uma Genealogia Política da Internet**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 40.

¹¹ Empresas de tecnologia de grande porte.

¹² ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância: A Luta por um Futuro Humano na Nova Fronteira do Poder**. Tradução de George Schlesinger. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2020, p. 118.

O surgimento do capitalismo de vigilância, em certos aspectos, lembra o surgimento do capitalismo industrial. Max Weber declarou, em sua clássica obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, que o capitalismo de sua época apresentava-se como irracional ao ponto de incidir na subjetividade do indivíduo para que ele passasse a perseguir a acumulação de capital como um fim em si mesmo, assumindo essa acumulação o papel de uma máxima ética.¹³ Na atual conjuntura, a busca pela acumulação de superávit comportamental, no termo cunhado por Zuboff, ou simplesmente de dados comportamentais, que, ao fim e ao cabo, de igual forma, também se transformará em acúmulo de capital, assume a função de máxima ética das *big techs*.¹⁴

Para Byung-Chul Han, o capital de vigilância é produzido através da liberdade individual em prol dos detentores desse capital. Segundo o autor, enquanto os indivíduos competem entre si livremente, a liberdade individual estimulada pelo mantra neoliberal da concorrência é explorada pelo capital, subvertendo-a, em verdade, em *liberdade do capital*. Han vai além e afirma que "o indivíduo livre é rebaixado a órgão genital do capital", isto é, ele é diretamente responsável pela sua (re)produção, fornecendo-lhe capacidade de reprodução ativa e automática/autônoma. Os detentores do capital não necessitam mais, a exemplo dos capitalistas industriais, despender quaisquer gastos com a manutenção da mão-de-obra, ela é gratuitamente oferecida pelo indivíduo.¹⁵

Na obra *Sociedade Paliativa*, Han, em menção à obra de Zuboff, assim aduz sobre o capitalismo da vigilância em que o capitalismo industrial se transformou:

¹³ WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Tradução de Mário Moraes. São Paulo, SP: Martin Claret, 2013, p. 55.

¹⁴ Nesse sentido, Evgeny Morozov argumenta que "o que antes se fazia por prazer, ou só para cumprir as normas sociais, passa a ser firmemente guiado pela lógica do mercado. As outras lógicas não desaparecem, mas se tornam secundárias em relação ao incentivo monetário", ao referir-se sobre a subversão do comportamento espontâneo *offline* no comportamento observado *online* estimulado pelas gigantes da tecnologia, estímulo esse voltado para induzir os indivíduos à geração de mais dados comportamentais e, conseqüentemente, mais lucro para essas empresas." In: MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A Ascensão dos Dados e a Morte da Política**. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2018, pp. 66-67.

¹⁵ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, p. 13.

Já o regime de vigilância digital que, nesse meio tempo, adquire traços totalitários, enterra a ideia liberal de liberdade. A pessoa humana é degradada a uma entrada de dados geradora de lucros. O capitalismo se desenvolve, hoje, em um capitalismo da vigilância. Vigilância gera capital. Somos permanentemente vigiados e conduzidos por plataformas digitais. Nossos pensamentos, sentimentos e intenção são lidos e explorados. A internet das coisas amplia a vigilância até a vida real.¹⁶

É, portanto, dessa simbiose entre interesses privados, isto é, cujos objetivos resumem-se à expansão ilimitada do lucro e do acúmulo de capital, e interesses estatais voltados ao controle administrativizado da população, para referirmo-nos novamente a Foucault, através da vigilância proporcionada e viabilizada por estas tecnologias, que vai surgir aquilo que Byung-Chul Han identificou como um passo *além* da biopolítica foucaultiana, como o novo paradigma do controle social, agora na era do capitalismo da vigilância.

Loveluck é assertivo: ao interceptar, segmentar, realizar associações, interceptar e identificar dados, as grandes empresas, através do incentivo ao uso de suas plataformas pela concessão de “facilidades” ao usuário, fomentam um poder colocado a serviço do acúmulo de capital e do controle social.¹⁷

Beiguelman, em sua abordagem das novas tecnologias de vigilância e comunicação a partir da imagem, assim assevera:

Alteraram-se, com a digitalização da cultura e da ubiquidade das redes, os processos de distribuição de imagem e as formas de ver. Cada vez mais mediados por diferentes dispositivos simultâneos, esses regimes emergentes consolidaram novos modos de criar, de olhar e também de ser visto. Ambivalente, a nova cultura visual que se instaura com as redes oscila entre polos contraditórios. Nela estão contidas possibilidades de democratização do acesso

¹⁶ HAN, Byung-Chul. **Sociedade Paliativa**: A Dor Hoje. Tradução de Lucas Machado. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021, p. 109.

¹⁷ LOVELUCK, Benjamin. **Redes, Liberdades e Controle**: Uma Genealogia Política da Internet. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, pp. 297-298.

ao audiovisual, novos regimes estéticos, superexposição, vigilância e formatos inéditos de padronização (da imagem e do olhar).¹⁸

A sociedade contemporânea é, assim, caracterizada pela emergência da vigilância viabilizada por agentes privados cujos interesses são motivados pelo lucro e pelo acúmulo de capital, aqui identificado como superativit comportamental e acúmulo de dados, e fomentada por agentes estatais cujos objetivos vão de encontro com aquilo que há muito Foucault já havia identificado como técnicas de administratização do Estado e gerenciamento da população, mas agora não mais somente em uma perspectiva biopolítica, isto é, de controle dos corpos, mas sob uma nova perspectiva, uma perspectiva psicopolítica, caracterizada por um poder enraizado na subjetividade humana a ponto de incidir seu controle na mente dos sujeitos inseridos na sociedade neoliberal, na sociedade do capitalismo de vigilância.

Byung-Chul Han, por seu turno, vai além e aduz que o capitalismo, na etapa em que se encontra, é movido por um impulso de morte, categoria adotada desde Freud, consistente em ser orientado por uma ética de acumulação, outrora identificada por Weber, que funciona como um fim em si mesmo e fim último do sistema social e econômico, que leva, inexoravelmente, à aniquilação da possibilidade de existência harmônica dos seres humanos e da natureza, uma vez que o extrativismo guiado pela necessidade de crescimento econômico constante mostra-se insustentável no longo, ou mesmo médio, prazo.¹⁹

Para o autor, o capitalismo industrial sobreviveu às contradições que, segundo Marx, levariam ao seu colapso, por ter se *mutacionado* em neoliberalismo e capitalismo financeiro com modos de produção pós-industriais e imateriais, fulminando a divisão de classes entre burguesia e proletariado e, por derradeiro, a própria luta de classes, ao eliminar a exploração alheia, exercida pelos donos dos meios de produção sobre os trabalhadores assalariados. Agora, os sujeitos estão submetidos à coação interna, tornaram-se a sua própria empresa. O sistema neoliberal, portanto, à diferença do capitalismo industrial, não é marcado por

¹⁸ BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: Vigilância e Resistência na Dadosfera**. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021, p. 32.

¹⁹ HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte: Ensaio e Entrevistas**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, pp. 07-30.

contradições internas intransponíveis entre diferentes classes, uma vez que na produção imaterial cada um é (ou possui) seu próprio meio de produção. O sujeito *proletário*, isto é, detentor apenas da própria *prole*, já não existe – ao menos não na proporção em que existia outrora –, foi substituído pelo empreendedor de si mesmo, livre de coações externas, mas exposto ao esgotamento autoimposto, o cidadão transformado em consumidor. Justamente por estas razões que o neoliberalismo e o capitalismo financeiro contemporâneos tornaram-se sistemas econômicos e sociais estáveis, duradouros. A uniformização e homogeneização estimuladas pelas mídias digitais, especialmente pelos algoritmos que realizam a gestão autônoma das redes sociais, servem não apenas como fonte de acúmulo de capital (ainda que imaterial), mas também como vetor de estabilidade do sistema, fazendo desaparecer (ou pelo menos mitigar) as divergências.²⁰

Han esboça duas consequências distintas e, à primeira vista, contraditórias, advindas do capitalismo financeiro e do neoliberalismo em duas de suas obras: a primeira, a impossibilidade de estabilidade da existência da própria vida humana no planeta em decorrência dos impactos catastróficos causados pelo extrativismo incessante dos recursos naturais no meio-ambiente, orientado pela noção neoliberal de necessário crescimento econômico contínuo *ad infinitum*, ao mesmo tempo em que, na segunda consequência, paradoxalmente, este mesmo sistema fornece a estabilidade social necessária para a sua manutenção praticamente sem oposição. É dizer, ainda que as contradições do capitalismo contemporâneo não sejam mais aquelas identificadas por Marx no seu diagnóstico do capitalismo industrial, especialmente o inglês do século XIX, as contradições hoje existentes no modo de produção pós-industrial, imaterial, mas também no modo de produção industrial remanescente, apesar de extremamente graves e perigosas à própria existência da espécie humana, não coincidem com contradições sociais, com conflitos de ordem social, segundo o autor. As contradições do capitalismo na obra de Byung-Chul Han não desaparecem, apenas *mutacionaram* na esteira do próprio capitalismo. A diferença, porém, reside na sua estabilidade social. É dizer, o mundo está acabando e ninguém se importa.

²⁰ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, pp. 13-15.

3.1 A hipercomunicação e o fim da distância

Franco Berardi, em sua obra *Asfixia*, identifica como característica da sociedade conectiva, isto é, em rede, conectada, a presença onipresente do ruído, instrumento de poder oposto ao emudecimento da multidão²¹ característico do exercício do poder em tempos passados, contudo mais potente.

Em nossa sociedade conectiva pós-industrial de hoje, o oposto é verdadeiro: o poder não é mais construído pelo emudecimento da multidão (como, por exemplo, pelo uso da censura, da grande mídia ou da solenidade do discurso político), mas tem como base a intensificação desenfreado do barulho. A significação social já não é mais um sistema de trocas e de decodificação de significantes, e sim a saturação de mentes que ouvem – um hiperestímulo neural. Enquanto o poder político de ontem costumava ser concretizado por uma voz que proclamava a lei em meio ao silêncio da multidão, o poder pós-político contemporâneo é a função estatística que emerge do ruído da multidão.²²

Berardi, ao parafrasear a obra de Han, classifica esse comportamento em rede como comportamento de enxame. Um enxame ruidoso, como acrescenta Bifo.²³

A hipercomunicação, fenômeno possibilitado pela expansão da comunicação digital, que hoje consiste na principal forma de comunicação no mundo todo, será um dos pilares constitutivos da descrição da sociedade espalhada pela obra de Byung-Chul Han e sua análise crítica dos dispositivos contemporâneos de poder. Para o autor, a comunicação digital, valendo-se de característica idêntica de outro

²¹ Fenômeno correlato e frequentemente constatado nas redes sociais, especialmente durante a pandemia de covid-19, é o das teorias da conspiração propagadas, majoritariamente, por grupos de extrema-direita, coordenados ou não, buscando desacreditar cientistas, técnicas medicinais e decisões políticas opostas ao campo ideológico destes indivíduos através não só da propagação de *fake news* voltadas ao *convencimento* da população, mas a partir da "mera" geração de dúvida quanto a consensos há muito estabelecidos, como, *v.g.*, a necessidade de imposição de regras sanitárias de distanciamento e higiene pública para o controle da pandemia, no intuito de minar o enfrentamento à doença. Cf. KALIL, Isabela et al. Politics of fear in Brazil: Far-right conspiracy theories on COVID-19. In: **Global Discourse**, vol 00, no 00, 1-17, DOI: 10.1332/204378921X16193452552605. Disponível em: <<https://www.isabelakalil.com/conspiracy-theories>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

²² BERARDI, Franco. **Asfixia**: Capitalismo Financeiro e Insurreição da Linguagem. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2020, p. 145.

²³ Cf. BERARDI, Franco. **Asfixia**: Capitalismo Financeiro e Insurreição da Linguagem. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2020, pp. 145-146.

fenômeno intimamente correlato, a globalização, fulmina a distância entre os indivíduos de forma generalizada, indiferente, e torna-a homogênea.²⁴ A homogeneização promovida pela economia digital, ou pela economia dos *likes*, como descreve Beiguelman, é promovida e fomentada pela lógica algorítmica que rege as relações sociais em rede. O algoritmo identifica ângulos, enquadramentos e características mais desejáveis e palatáveis e que, por consequência, gerarão um maior engajamento dos demais usuários e, em uma espécie de seleção natural darwinista digital, vai moldando, paulatinamente, as formas de expressão, sejam imagéticas ou de comunicação, em rede, padronizando-as nas formatos mais bem adaptados aos algoritmos, premiando aqueles usuários melhor adaptados e dilapidando o engajamento daqueles menos adequados aos padrões estabelecidos pelo algoritmo regente de determinada rede social.²⁵

A comunicação digital, em razão dessa desconstrução da distância, acaba por desconstruir, também, as esferas da intimidade e da privacidade, concedendo acesso a exposição pornográfica do indivíduo aos demais de forma irrestrita. Não apenas a comunicação digital propriamente dita, mas também a exposição autoinfligida através das redes sociais tem o condão de desconstruir espaços de intimidade e da vida privada, dissolvendo-os até a sua completa dissolução.²⁶

A hipercomunicação, além da hipervisibilidade (fenômeno intimamente ligado ao imperativo da transparência já analisado) e da hiperinformação, constitui um dos pilares do controle social, ou do controle psicopolítico como descrito por Han, no neoliberalismo do século XXI.²⁷ Impossível, portanto, compreender a categoria denominada “psicopolítica” sem antes adentrarmos nos fenômenos que lhe dão sustentação (positividade, transparência, subjetividade voltada ao desempenho) e as tecnologias de poder que lhe caracterizaram (hipercomunicação, hiperexposição e vigilância). Durante toda a obra de Byung-Chul Han, diferentes conceitos inter-

²⁴ HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: Perspectivas do Digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 12.

²⁵ Cf. BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem**: Vigilância e Resistência na Dadosfera. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021, pp. 39-40.

²⁶ HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: Perspectivas do Digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 13.

²⁷ DOMECCO, Martin. Sobre a Noção de Transparência em Byung-Chul Han e a Defesa de Nossa Desacreditada Opacidade. In: **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa - BA, v.20, n.3, p.342-361, outubro, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.31977/grirfi.v20i3.1860>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

relacionam-se e formam um todo direcionado à compreensão das técnicas de poder intrínsecas ao neoliberalismo digital, ao capitalismo tardio, e que, ao fim, dão forma à psicopolítica. Nesse sentido, Domecq assim descreve a atuação conjunta e inter-relacional das diversas categorias presentes na obra de Han, especialmente tratando sobre a relação estreita entre a (hiper)comunicação, a (hiper)informação e a violência positiva(da):

O problema não é a comunicação: a violência só se manifesta quando a comunicação interpela o outro como um *igual* e elimina o silêncio, a pausa, a reflexão, a distância, o recolhimento, o tempo para amadurecer o que se sente ou o que se diz. Da mesma forma, o que gera a autoagressão não é a mera exposição, e sim, a pressão para produzir constantemente imagens positivas e originais de si mesmo para se autovalorizar num mercado de imagens altamente competitivo e evanescente.²⁸

A comunicação, portanto, manifesta-se através da exclusão não só da distância entre os indivíduos, mas também através da exclusão da diferença, tornando o *outro* em um *igual*, aplainando as relações, inclusive as de poder, entre os sujeitos, para, assim, promover, sem obstáculos, uma comunicação instantânea e ilimitada que, ao fim, será revertida em dados, isto é, em capital aos detentores do novo ouro do século XXI, o superávit comportamental.

Han adverte, contudo, que a presença inexorável da hipercomunicação e da hiperinformação na sociedade contemporânea não traz os benefícios que poderiam advir de uma sociedade mais bem informada e comunicativa. Pelo contrário, o ruído, como anteriormente descrito a partir de Franco Berardi, não clarifica o mundo, mas o torna cada mais vez incognoscível e, paradoxalmente, mais “intransparente”, no termo utilizado pelo autor. O excesso característico destes fenômenos causa a sobrecarga do sistema neuronal do sujeito e, assim, impede a percepção que iluminaria os objetos percebidos, mas tão somente os torna obnubilados.²⁹

²⁸ DOMEQ, Martin. Sobre a Noção de Transparência em Byung-Chul Han e a Defesa de Nossa Desacreditada Opacidade. In: **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa - BA, v.20, n.3, p.342-361, outubro, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.31977/grirfi.v20i3.1860>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

²⁹ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, pp. 95-96.

As novas formas de produção, imateriais e informacionais, características do capitalismo neoliberal, além de criarem os instrumentos técnicos que possibilitaram a hipercomunicação e a hiperinformação, extraem dela o valor de mercado gerado pelos usuários das plataformas digitais que geram capital a partir da exploração voluntária de si. Diferentemente da noção marxista de sujeito sócio-histórico definido como pertencente à determinada classe, burguesia ou proletariado, na era neoliberal a autoexploração praticada contra si, por redundante que pareça, não distingue classes. Todos, em maior ou menor medida, contribuem para a reprodução, o aumento e a proliferação, da lógica extrativista de dados, fazendo com que as distinções entre explorador e explorado confundam-se não raras vezes nos mesmos sujeitos.³⁰ Aqui não é negar, por óbvio, a existência de flagrantes e imensas desigualdades sociais no século XXI, mas de constatar que, ao fim e ao cabo, independentemente de classe social (agora não mais no sentido marxista do termo), a autoexploração afeta a todos.

As plataformas de comunicação, vendidas ao público como serviços gratuitos ou não, vêm acompanhadas de um discurso profundamente liberal, ou ultraliberal para ser mais preciso, segundo o qual as características negativas, ou os efeitos colaterais prejudiciais, do uso excessivo das mídias sociais, como as sensações de cansaço, distração e até mesmo baixa autoestima, seriam fruto da incapacidade humana de conter os próprios desejos, ou vícios. Além disso, este discurso prolifera, ainda, a ideia de que a liberdade é conquistada no mercado, através da “escolha racional” do consumidor, agora usuário, e não de conquistas históricas ou lutas na arena política.³¹ Morozov, desconstruindo estas narrativas, que considera falaciosas, assim aduz:

A primeira concepção decorre de uma narrativa falsa que pouco se preocupa com os efeitos estruturais do extrativismo de dados. Pregador o autocontrole diante do extrativismo de dados é como pregar o empreendedorismo diante da destruição

³⁰ ARELLANO, César Alcázar. Byung-Chul Han y la Positivización de la Sociedad: El Sentido, la Verdad y la libertad en la Era Digital. In: **Argumentos de Razón Técnica**, nº 19, 2016, pp. 179-191. Disponível em: <<https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/64154/Byung-Chul%20Han%20y%20>>. Acesso em: 21 set. 2021.

³¹ MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A Ascensão dos Dados e a Morte da Política**. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2018, pp. 176-177.

causada pelo neoliberalismo: é uma maneira de reduzir um problema coletivo e político ao nível individual, adequado ao consumo. [...] Há um motivo para que o segundo tipo de narrativa seja tão forte. Nele, a liberdade é visto como algo a ser alcançado e proporcionado pelo uso mais profundo e prolongado de tais serviços: ele extrai sua força do fato de estar arraigado num discurso muito anterior, o da sabedoria do consumidor, que está no centro do projeto neoliberal. A ideia de que os mercados nos proporcionam condições melhores para exercer nossa liberdade e individualidade – pois todos os nossos “votos” contam, e também porque, em última instância, as empresas que nos servem serão punidas bem antes do que os partidos políticos – pode se basear em premissas falsas, mas continuam a desfrutar cada vez mais de apoio político.³²

Morozov, acertadamente, identifica as raízes do discurso legitimador do extrativismo de dados e toda a cultura corporativa que acompanha o fenômeno da digitalização absoluta da vida social, especialmente a comunicação, em discursos originariamente elaborados para a sociedade capitalista industrial, mas que ainda encontram reverberação em uma retórica acrítica, voltada ao interesse das *big techs*.

A hipercomunicação consiste, portanto, não somente em novas formas de comunicação humana, facilitada pela tecnologia, mas também em instrumento de exploração do sujeito neoliberal que, ao fim e ao cabo, mais o distancia do que o aproxima de seus semelhantes, que deixam de ser *outros*, e passam a ser *iguais*, homogêneos.

A comunicação em uma sociedade majoritariamente digital deixa de criar relações, caracterizadas por sua durabilidade, criando apenas *conexões*, efêmeras, que se esvaem tão rapidamente quanto se constroem.³³

Segundo Han, é justamente a hipercomunicação, aliada ao fenômeno da hiperexposição que será a seguir descrito, que possibilita e garante a transparência caracterizadora da sociedade digital. “Não é a solidão pelo isolamento, mas a hipercomunicação que garante a transparência”, afirma o autor, servindo este

³² MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A Ascensão dos Dados e a Morte da Política**. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2018, p. 177.

³³ HAN, Byung-Chul. **La Desaparición de los Rituales**. Barcelona: Herder Editorial, 2020, p. 10. E-book. ISBN: 9788425444012.

fenômeno como colaboração voluntária à construção daquilo que denominou de panóptico digital, colaboração esta na qual empenha-se o próprio sujeito, acreditando na liberdade promovida pelos digitalização do mundo, mas que em verdade fornece os instrumentos de sua dominação espontaneamente³⁴, fazendo com “liberdade e controle coincidam, tornando-se uma coisa só”.³⁵

As tecnologias digitais passam a açambarcar diversos aspectos da vida, sendo incorporados ao cotidiano e alterando, ainda que imperceptivelmente, as formas como desenvolvemos as mais diversas atividades, desde afazeres domésticos a processos de trabalho. Com a comunicação não seria diferente. O problema, sob a perspectiva do autor, centraliza-se não no problema da comunicação instantânea em si, que de fato facilita o contato e possibilita novas experiências humanas. O problema não é quantitativo, mas qualitativo. A hipercomunicação digital cria uma forma virtual de percepção da realidade e de construção de sentidos até então desconhecidas pelo ser humano, viabilizada pela instantaneidade e pela ausência de obstáculos à comunicação, basta desbloquear a tela do *smartphone* e praticamente qualquer pessoa no planeta está a uma mensagem de distância, de forma simultânea com todas as outras. O diálogo deixou de ser limitado a um determinado número de pessoas, seja este número determinado pela proximidade dessas pessoas ou pela quantidade de pessoas passíveis de serem contatadas, à diferença do diálogo estabelecido através das formas de comunicação então tradicionais, caracterizadas pela bilateralidade e/ou pela proximidade, pela presença.³⁶

³⁴ Sobre a (im)possibilidade do livre arbítrio e da ação voluntária na era do *big data* e da digitalização da realidade, Cf. SCHMIDT NETO, André Perin. **O Livre-Arbítrio na Era do Big Data**. 1. ed. São Paulo, SP: Tirant lo Blanch, 2021.

³⁵ HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte**: Ensaio e Entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

³⁶ MELO, Marco César de Souza. Psicopolítica em Byung-Chul Han: Novas Formas de Controle na Civilização Tecnológica. In: **Revista Dialectus**, ano 9, n. 17, mai-ago/2020, pp. 68-81. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/60608/162099>>. Acesso em: 14 out. 2021.

3.2 A hiperexposição e a cessão voluntária do Eu

Fenômeno intimamente ligado com a emergência daquilo que Byung-Chul Han denominou de "sociedade da transparência", a hiperexposição pode ser compreendida, simultaneamente, como causa e consequência do imperativo da transparência, uma vez ambos os fenômenos, assim como tantos outros descritos por Han, retroalimentam-se em uma espiral de produção de dados e, neste caso, imagens.

Nesse sentido, o autor descreve, na obra *Sociedade da Transparência*, a exposição voluntária nas redes sociais como corolário da transparência:

Já de há muito que o "semblante humano, com seu valor cultural, desapareceu da fotografia. Na era do facebook e do photoshop o 'semblante humano' se transformou em *face*, que se esgota totalmente em seu valor expositivo. A *face* é o *resto exposto* sem qualquer 'áurea de visão'. É a *forma de mercadoria* do "semblante humano". A *face* como *superfície* ou semblante que representa para Emmanuel Levinás o lugar excepcional no qual irrompe a *transcendência do outro*. A transparência é uma contrafigura da transcendência, e a *face* habita a *imanência* do igual.³⁷

Han aponta para uma comercialização da imagem, da *face*, praticada através das mídias sociais. O rosto, transformado em *face*³⁸, assume, portanto, a necessidade de ser apresentável, de agregar valor ao sujeito, não servindo mais unicamente como característica única, individual, transcendente. O rosto, agora, é tornado produto que, na já descrita homogeneização ínsita ao neoliberalismo, especial ao neoliberalismo digital, estabelece padrões rigorosos a serem seguidos, observados, obedecidos. Beiguelman aponta para a proliferação de inumeráveis aplicativos, ou *apps*, voltados à manipulação de imagens, principalmente do rosto, tornando as pessoas mais "jovens", bonitas e adequadas aos ideais estéticos exigidos, impostos, pela massa

³⁷ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 29.

³⁸ Trocadilho com a palavra inglesa "face" que significa "rosto" e dá nome à maior plataforma social da internet atualmente, o Facebook.

de sujeitos *online*.³⁹ A exigência por padrões irrealizáveis de beleza passíveis de exposição e comercialização nas redes sociais extrapola, contudo, o ambiente virtual: estudos apontam que o uso massivo do Instagram, aliado à ferramenta de filtros, que permite ao usuário a manipulação em tempo real da própria imagem, fez disparar o número de cirurgias plásticas, principalmente de rinoplastia, realizadas por sujeitos dispostos a submeterem-se a procedimentos cirúrgicos extremamente invasivos a fim de adequar a sua imagem real à virtual, adequando-se aos padrões exigidos pelo ambiente virtual, até então inexistentes ou, pelo menos, menos influentes, no mundo real.⁴⁰

O sujeito hiperexposto destrói os obstáculos naturais de conhecimento de sua personalidade, de seu eu, cedendo-a (ou cedendo-se) aos outros de forma pornográfica, isto é, sem nuances, de forma direta, através da destruição da distância existente entre cada indivíduo. Para Han:

A aura é inerente à negatividade do distinto, do estrangeiro, do enigma. A sociedade digital da transparência elimina a aura e desmitifica o mundo. A hiperproximidade e a sobreiluminação, enquanto efeito geral que prova a pornografia, destrói toda a distância aureolar, a qual constitui também o erótico.⁴¹

Segundo o autor, na exposição pornográfica nas mídias sociais, todos os corpos assemelham-se, tendendo a um ideal algorítmicamente fundado ⁴² ,

³⁹ BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: Vigilância e Resistência na Dadosfera**. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021, pp. 147-148.

⁴⁰ EIRAS, Natália. Os Filtros do Instagram estão Mudando nossa Aparência na Vida Real? **Elle Brasil**, São Paulo, 25 mai. 2020. Beleza. Disponível em: <<https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais/particle-2>>. Acesso em: 21 set. 2021.

⁴¹ Tradução livre e contextualizada de "Al aura le es inherente la negatividad de lo distinto, de lo ajeno, del enigma. La sociedad digital de la transparencia elimina el aura y desmitifica el mundo. La hiper cercanía y la sobreiluminación, en cuanto el efecto general que provoca la pornografía, destruyen toda lejanía aureolar, la cual constituye también lo erótico." In: HAN, Byung-Chul. **La Expulsión de lo Distinto: Percepción y Comunicación en la Sociedad Actual**. Traducción de Alberto Ciria. Barcelona: Herder & Herder, 2021, p. 09.

⁴² Sobre a tendência de homogeneização como resultado da gerência algorítmica das redes sociais, é sintetizada por Beiguelman da seguinte forma: "A economia liberal dos *likes*, e suas fórmulas de sucesso, tende a homogeneizar tudo o que produzimos e vemos. Padroniza ângulos, enquadramentos, cenas, estilos. O que está por trás disso são os critérios de organização dos dados para que sejam mais rapidamente "encontráveis" nas buscas (os recursos de Search Engine Optimization – SEO) e os modos como os algoritmos contextualizam os conteúdos nas bolhas

despojados de toda a linguagem, transformados tão somente em objetos de apreciação sexual(izada), despídos de quaisquer outras características que não aquelas voltadas aos intentos sexuais, de narrativas, viradas linguísticas, mistério, fenômeno que reflete não apenas na forma de exposição do sujeito em rede, mas também em sua comunicação.⁴³

Para demonstrar o quão distantes os sujeitos do século XXI estão das gerações passadas na percepção da vigilância, da transparência e da exposição exercidas sobre (e por) eles, Han exemplifica a questão valendo-se dos protestos de massa contra o censo demográfico ocorridos na Alemanha na década de 1980, quando os cidadãos alemães se consideraram ultrajados em fornecer dados pessoais como profissão, grau de formação e distância do trabalho para agentes públicos incumbidos de realizar o censo. À época, pensava-se estar fazendo oposição ao Estado como instância dominante que almejava deter informações privadas dos cidadãos contra as suas vontades. No entanto, no século XXI, a solicitação de informações como as solicitadas pelo censo democrático seria considerada algo banal, senão ridículo. Basta uma rápida busca ao Facebook de determinada pessoa e todas essas informações – e muitas outras, de caráter ainda mais pessoal – estarão lá, disponíveis, para quem quiser acessá-las, tudo isto exposto voluntariamente, sem nenhuma oposição ou desconforto, pelo contrário, o usuário sente-se incentivado, motivado, a expor-se, afinal, com a exposição poderá obter ganhos de ordem pessoal, profissional, financeira e social.⁴⁴

Como resultado objetivo e concreto na realidade da conexão digital, da hipertexto e dos fenômenos correlatos, Han adverte que empresas privadas detém, hoje, informações suficientes para realizar avaliações próprias de indivíduos determinados e, com base nesses dados, praticar ações discriminatórias.⁴⁵ Cathy O’Neil, em seu aprofundando estudo sobre o efeito do *big data* e dos algoritmos na

específicas a que pertencemos (algo que não controlamos e que nos controla).” In: BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: Vigilância e Resistência na Dadosfera**. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021, pp. 39-40.

⁴³ HAN, Byung-Chul. **La Expulsión de lo Distinto: Percepción y Comunicación en la Sociedad Actual**. Traducción de Alberto Ciria. Barcelona: Herder & Herder, 2021, pp. 09-10.

⁴⁴ HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte: Ensaio e Entrevistas**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, pp. 34-35.

⁴⁵ HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte: Ensaio e Entrevistas**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p. 45.

vida real das pessoas comuns, esmiúça o poder destrutivo dessas tecnologias e, principalmente, enfatiza o seu poder de reforçar e retroalimentar condições pessoais e sociais desfavoráveis, criando um ciclo vicioso de intensificação de desigualdades.⁴⁶ Na conclusão de sua obra sobre o tema, *Algoritmos de Destruição em Massa*, a autora sintetiza:

Pessoas pobres são mais propensas a ter pouco crédito e viver em bairros com maior incidência de crimes, cercadas por outras pessoas pobres. Uma vez que o universo sombrio das ADMs digere esses dados, ele inunda essas pessoas com anúncios predatórios de empréstimos imobiliários de alto risco ou universidades com fins lucrativos. Envia mais policiamento para prendê-las, e quando são condenadas as sentença com penas mais duras. Esses dados alimentam outras ADMs, que marcam as mesmas pessoas como de alto risco ou alvos fáceis e prosseguem a bloqueá-las de empregos, enquanto aumentam seus juros para empréstimos imobiliários, de carros e todo e qualquer plano de seguro imaginável. Isso derruba ainda mais sua classificação de crédito, criando nada menos que uma espiral mortal de modelagem. Ser pobre em um mundo de ADMs está se tornando cada vez mais perigoso e custoso.⁴⁷

A exposição, ainda que voluntária, desencadeia uma série de efeitos adversos em detrimento dos indivíduos, efeitos esses sofridos de forma involuntária. O acesso dificultado, e até restringido, a toda sorte de serviços, públicos e privados, ao invés de concretizar o ideal libertador da internet, como advertiu Benjamin Loveluck⁴⁸, torna a vida controlável e manipulável. Para Han, “[a] sociedade do controle culmina ali onde o seu sujeito se desnuda não por coação externa, mas de uma necessidade gerada desde si mesmo, onde, portanto, o medo de perder sua esfera íntima e privada dá lugar à necessidade de se exhibir impudicamente”. A sociedade do controle, na

⁴⁶ Cf. O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de Destruição Matemática**: Como o Big Data Aumenta a Desigualdade e Ameaça a Democracia. Tradução de Rafael Abraham. 1. ed. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020.

⁴⁷ O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de Destruição Matemática**: Como o Big Data Aumenta a Desigualdade e Ameaça a Democracia. Tradução de Rafael Abraham. 1. ed. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020, pp. 307-308.

⁴⁸ Cf. LOVELUCK, Benjamin. **Redes, Liberdades e Controle**: Uma Genealogia Política da Internet. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

formatação idealizada por Han, em alguns aspectos divergente daquela descrita por Deleuze e em outros tantos convergente, é marcada pela autoexploração, possibilitada pela hiperexposição e pela hipercomunicação digitais, aliada à subjetividade voltada ao desempenho característica do neoliberalismo.⁴⁹

A essas novas tecnologias de controle, possibilitadas pela exposição e pela comunicação digitais, Han as nominará sob o signo de panóptico digital, em alusão ao panóptico benthamiano anteriormente referido, panóptico, este, onde “[o]s habitantes do panóptico digital, por sua vez, se comunicam intensivamente uns com os outros e se expõe voluntariamente. A sociedade do controle digital faz uso intensivo da liberdade. Ela só é possível graças à autoiluminação e à autoexposição voluntárias.”⁵⁰ É dizer, o panóptico contemporâneo, digital, não se destina a vigiar e controlar tão somente determinados sujeitos selecionados (presos, enfermos, crianças, soldados, etc.) sobre quem o controle será exercido, mas sobre *todos* os sujeitos conectados em rede, sem distinção. A única distinção, como descrito anteriormente, residirá nos efeitos adversos dessa vigilância, afetando de forma mais severa a parcela mais vulnerável da população. No entanto, a vigilância afeta a todos que a ela se expuseram de forma voluntária ou não, cujos efeitos, por sua vez, fogem do horizonte de possibilidade do exercício da vontade humana, da voluntariedade.

Nesse sentido, Han sintetiza a conexão entre a hiperexposição e a hipercomunicação com o exercício da vigilância contemporânea:

Na época da contagem da população, houve intensos protestos contra o levantamento de dados. Por trás da contagem da população, supunha-se haver um Estado de vigilância que ameaçava a liberdade civil. Naquela época consultou-se, porém, sobre dados de uma perspectiva atual, consideravelmente inofensivos, como data de conclusão da escola, profissão ou religião. Ainda assim, estudantes foram às barricadas. Hoje, entregamos voluntariamente mesmo os dados pessoais íntimos. Não por coação, mas por carência interna,

⁴⁹ HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte**: Ensaios e Entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, pp. 70-71.

⁵⁰ HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte**: Ensaios e Entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p. 54.

expomos a nós mesmo. A dominação de consuma no momento em que coincide com a liberdade. Estamos, aqui, lidando com uma dialética da liberdade. A comunicação sem limites, como expressão da liberdade, inverte-se em uma vigilância total.⁵¹

A comunicação ilimitada, assim como a exposição voluntária, serão os instrumentos ideais para a vigilância totalizante.

3.3 O panóptico digital e as novas técnicas de vigilância

Por mais óbvio que o seja, a analogia com o romance clássico *1984*, de George Orwell, ainda domina o imaginário popular, em especial quando o assunto é vigilância. Na obra, o Ingsoc, acrônimo de “socialismo inglês”, partido governante e hegemônico em uma Inglaterra fictícia, exerce domínio absoluto sobre a população através de vigilância contínua, imposta de cima para baixo, do Estado aos sujeitos, como forma de controle social e manutenção perpétua no poder do partido. Outras formas de domínio ainda verificáveis na contemporaneidade também se fazem presentes na obra, como a constante alusão a inimigos (imaginários, diga-se) sempre na iminência de atacarem a nação. Diferentemente da vigilância contemporânea, sutil, a vigilância orwelliana é ostensiva. Seu poder persuasivo, assim como o panóptico benthamiano, reside justamente na sua ostentação. O sujeito vigiado deve modular o seu comportamento e adequar-se às exigências de condutas impostas justamente por saber estar sendo vigiado.⁵² A vigilância na obra de *1984*, apesar de exercida através de dispositivos eletrônicos/digitais, como a *teletela*⁵³, assemelha-se mais à vigilância disciplinadora antevista por Michel Foucault do que com a vigilância contemporânea, convergente com e dependente da

⁵¹ HAN, Byung-Chul. **Sociedade Paliativa**: A Dor Hoje. Tradução de Lucas Machado. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021, pp. 110-111.

⁵² Cf. ORWELL, George. **1984**. Tradução de Alexandre Hubner, Heloísa Jahn. Pós-fácios de Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.

⁵³ Na obra de Orwell, as *teletelas* são dispositivos semelhantes às televisões, através dos quais os sujeitos são espionados por agentes estatais enquanto assistem a este dispositivo da mesma forma como se assiste às televisões reais.

liberdade individual, na sua noção neoliberal, no estímulo ao consumo⁵⁴, à exposição e à comunicação.

Segundo Han, a diferença entre o Estado de vigilância orwelliano distingue-se do panóptico digital justamente pela forma como cada um *administra* a liberdade dos sujeitos. Diz o autor:

«Novafala» é o nome da língua ideal no Estado de vigilância criado por George Orwell em 1984. Ela teria que suprimir integralmente a «velhafala», com o objetivo claro de reduzir a liberdade de pensamento. Ano após ano, o número de palavras diminui e a liberdade de consciência se torna menor. Syme, amigo do protagonista Winston, se entusiasma com a beleza da destruição das palavras. Os delitos de pensamento são impossibilitados, já que as palavras necessárias para tanto estão ausentes no vocabulário. Assim, o conceito de liberdade também é abolido. Próprio desse ponto de vista, o Estado de vigilância de Orwell se diferencia fundamentalmente do pan-óptico digital, que faz uso excessivo da liberdade. É a multiplicação de palavras a principal característica da sociedade da informação atual. [...] Esse Estado de vigilância orwelliana, com suas teletelas e as suas câmeras de tortura, diferencia-se fundamentalmente do pan-óptico digital (com a internet, os smartphones e o Google glass), que é dominado pela aparência de liberdade e comunicação ilimitadas. Nesse pan-óptico não se é torturado, se é tuítado ou postado. Não há nenhum Ministério da Verdade. A transparência e a informação substituem a verdade. O novo objetivo do poder não consiste na administração do passado, mas no controle psicopolítico do futuro.⁵⁵

Para o autor, a sociedade contemporânea diverge daquela imaginada por Orwell não pela inexistência de vigilância e de controle sobre os sujeitos, mas sobre as

⁵⁴ Sobre o consumo, apesar de não ser objeto principal deste estudo, válida a menção que Han faz sobre o consumo no neoliberalismo e o estímulo ao consumo emotivo/emocional. Para o autor, o neoliberalismo incentiva não somente o consumo das coisas, mas também das emoções. Revestir as coisas de emoções serve de estímulo ao consumo. Quanto mais prazer momentâneo a mercadoria projeta, mais o consumo dela é desejado. O mesmo aplica-se também a produtos imateriais, como redes sociais e serviços de *streaming*. Cf. HAN, Byung-Chul. **La Desaparición de los Rituales**. Barcelona: Herder Editorial, 2020, p. 08. E-book. ISBN: 9788425444012.

⁵⁵ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, pp. 55-56.

formas em que estas técnicas são exercidas. No neoliberalismo, o consumo, a comunicação e a exposição são estimulados. Inexiste a necessidade de uma vigilância imposta, uma vez que o smartphone, substituto perfeito da câmera de vigilância, é voluntariamente carregado pelos sujeitos a todos os lugares, fornecendo dados até então impensáveis na época em que escrito 1984, como geolocalização, hábitos de deslocamento, reconhecimento facial e de voz, formação de perfis psicológicos a partir do uso de aplicativos, dentre outros. "O Grande Irmão", dirá o autor, "tem agora um rosto *amável*. A eficiência em sua vigilância está na sua *amabilidade*."⁵⁶ Para que a vigilância seja eficiente, ela deve ser voluntária, tornando a todos no panóptico de si mesmo. Byung-Chul Han adverte sobre os perigos iminentes – e já presentes – de uma sociedade profundamente marcada pela vigilância e pelo controle: "[u]ma sociedade que se sujeita ao controle e à vigilância em nome da segurança se deteriora em totalitarismo."⁵⁷

A analítica da sociedade contemporânea desenvolvida pelo autor é realizada em diversas frentes, mas todas interconectadas entre si e que se retroalimentam para formar a vigilância no século XXI que cunhou de "panóptico digital", em referência ao panóptico benthamiano⁵⁸, cuja análise realizada por Michel Foucault tornou-se célebre.

Para Han, o poder no regime neoliberal atua de forma positiva, fazendo-se passar por liberdade, age de forma mais invisível do que o poder disciplinar. O incentivo à comunicação e exposição irrestritas, apesar de flagrantemente subservientes à vigilância, passam despercebidas sob o manto da liberdade. É justamente através dos incentivos *positivos*, conforme delineado no primeiro capítulo, à hipercomunicação e à hiperexposição voluntárias, que a vigilância totalizante hoje percebida é possível. Sem estes fatores – voluntariedade e incentivo positivo – a vigilância moderna não seria possível. O sujeito do desempenho neoliberal esforça-se para manter uma presença permanente nas redes sociais, de

⁵⁶ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, p. 57.

⁵⁷ HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte**: Ensaios e Entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p. 46.

⁵⁸ Cf. BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. 2. ed. Organização de Tomaz Tadeu. Tradução de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno e Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

divulgar o próprio cotidiano, anunciar-se profissionalmente, valendo-se de sua liberdade para tanto, enquanto esta liberdade é convertida em ativos para gigantes da tecnologia e em dados que, devidamente tratados, servem aos Estados-nações para toda sorte de controle social, seja penal, seja sanitário, seja político.⁵⁹

Diferentemente da vigilância diagnóstica na obra de Michel Foucault, caracterizada pelo exercício hierárquico e cumulativo com a sanção, como bem descrito por Edgardo Castro⁶⁰, a vigilância agora é exercida de forma positiva, estimulada, consentida pelo indivíduo. Não obstante, apesar de Byung-Chul Han defender claramente uma *quebra* para com a biopolítica foucaultiana⁶¹, Sandro Chignola defende que, ainda que não realizando um debate com Han, mas objetando, ainda que involuntariamente, a extensão da categoria foucaultiana para além dos limites propostos pelo autor sul-coreano, a era da governamentalidade é aquela em que os governados demandam indisponivelmente o atendimento ao desejo e às paixões, reivindicando sempre por mais liberdade. São governados, portanto, na direção de uma ampliação e extensão da própria autonomia.⁶² A conclusão de Chignola, como verifica-se, converge com as conclusões de Byung-Chul Han sobre o controle na sociedade caracterizado pela positividade excessiva, no atendimento às demandas individuais e na liberdade e na autonomia instrumentalizadas como técnicas de controle social.

Ferreira, ao sintetizar a transição da vigilância e das formas de controle social foucaultianas para as versões contemporâneas, que a partir de Gilles Deleuze como um de seus principais pensadores passaram a ser teorizadas e pensadas a partir das novas tecnologias, especialmente as digitais, ainda que mantendo em perspectiva

⁵⁹ HAN, Byung-Chul. **Sociedade Paliativa**: A Dor Hoje. Tradução de Lucas Machado. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021, p. 27.

⁶⁰ CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. 4. reimp. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020, p. 93.

⁶¹ Sobre o tema, imprescindível a leitura dos capítulos "Biopolítica" e "O Dilema de Foucault" presentes na obra *Psicopolítica: O Neoliberalismo e as Novas Técnicas de Poder*, onde Byung-Chul Han defende a sua tese sobre a transposição das teorias foucaultianas da disciplina e da biopolítica para a sua teoria da psicopolítica. Cf. HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, pp. 33-44.

⁶² CHIGNOLA, Sandro. **Foucault além de Foucault**: Uma Política da Filosofia. Tradução, notas e revisão técnica de Augusto Jobim do Amaral (coord.), Evandro Pontel e André Rocha Sampaio. Porto Alegre, RS: Criação Humana, 2020, p. 97.

uma abordagem profundamente influenciada por Michel Foucault, assim descreve o funcionamento e as interseções entre a vigilância e o digital:

Com as redes digitais atingimos um nível de desenvolvimento tecnológico que permite a maior circulação de informações e de conhecimentos, muito embora isso implique, ao mesmo tempo, colocar em fluxo dados que dizem respeito à privacidade dos indivíduos que nutrem esses espaços virtuais com seu tempo e com suas vidas. De certa maneira, a superexposição parece ter se tornado prática já naturalizada na sociedade da informação, precipuamente diante do imperativo de que é preciso existir também na Internet, apesar de toda vigilância e de todo controle que essa experiência de sociabilidade represente. É assim que o condicionamento diário ao uso das tecnologias digitais e à conexão às redes se difunde por todos os lugares do globo, fazendo com que pessoas de diferentes grupos etários, gêneros, classes sociais e etnias se submetam a uma disciplina desejada pelo Estado e pelo mercado, na medida em que esses agentes buscam monitorar os civis e para capturar suas subjetividades e controlar sua potência de luta.⁶³

Para Zuboff, a vigilância no capitalismo tardio, cunhado pela autora de "capitalismo da vigilância", assume um novo modelo para o futuro e para o presente, modelo consistente em uma colmeia de máquinas responsáveis pela administração⁶⁴ a partir de um conhecimento "perfeito", isto é, algorítmico, no qual toda a liberdade humana é suprimida em prol do lucro de outrem.⁶⁵

⁶³ FERREIRA, Rubens da Silva. A sociedade da informação como sociedade de disciplina, vigilância e controle. **Información, cultura y sociedad**, n. 31, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2014, pp. 109-120. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17402014000200007&lng=en&tlng=en>. Acesso em: 27 out. 2021.

⁶⁴ Sobre a administração da população e a utilização de técnicas de controle social para tanto, imprescindível a remissão a Foucault. Cf. FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Chignola, por sua vez, assevera, na esteira de Foucault, que governar e administrar a população demanda a conjunção da disciplina e da governmentalidade, ambas categorias foucaultianas, agora exploradas, ainda que indiretamente, por Zuboff. In: CHIGNOLA, Sandro. **Foucault além de Foucault**: Uma Política da Filosofia. Tradução, notas e revisão técnica de Augusto Jobim do Amaral (coord.), Evandro Pontel e André Rocha Sampaio. Porto Alegre, RS: Criação Humana, 2020, pp. 44-45.

⁶⁵ ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: A Luta por um Futuro Humano na Nova Fronteira do Poder. Tradução de George Schlesinger. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2020, p. 499.

Enquanto para Zuboff a vigilância é concretizada a partir de uma “colmeia” de máquinas estruturadas para administrar os indivíduos e deles extrair lucros aos detentores desse maquinário, para Han isto é possível enquanto as massas tornaram-se um “enxame digital” de indivíduos. Para o autor, a massa, categoria hodiernamente utilizada para descrever o conjunto dos indivíduos em determinado agrupamento e/ou sociedade, agora necessariamente deve ser pensada a partir da categoria “enxame”, nos seguintes termos:

A nova massa é o *enxame digital*. Ela apresenta propriedades que a distinguem radicalmente da clássica formação dos muitos, a saber, da *massa*. O enxame digital não é nenhuma massa porque, nele, não habita nenhuma *alma* [Seele], nenhum *espírito* [Geist]. A alma é aglomerante e unificante. O enxame digital consiste em indivíduos singularizados. A massa é estruturada de um modo inteiramente diferente. Ela revela propriedades que não podem ser referidas aos indivíduos. Os indivíduos se fundem em uma nova unidade, na qual eles não têm mais nenhum *perfil próprio*. Um aglomerado contingente de pessoas ainda não forma uma massa. É primeiramente uma alma um ou espírito que os funde em uma massa fechada e homogênea. Uma alma de massa ou um espírito de massa falta inteiramente ao enxame digital. Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum *Nós*. Não lhes caracteriza nenhuma consonância que leve a massa a se unir em uma massa de ação. O enxame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma voz. Também falta ao *Shitstorm* a uma voz. Por isso ele é percebido como *barulho*.⁶⁶

É justamente desse isolamento do indivíduo do social para o digital, como descrito por Deleuze no *Post-scriptum sobre as Sociedade de Controle*⁶⁷, onde o indivíduo para a ser *dividual*, divisível através de diversas categorias e catalogado em um *perfil*, conforme descrito no primeiro capítulo, que é possibilitada a vigilância moderna, cuja incidência ocorre de forma a abranger características individuais as

⁶⁶ HAN, Byung-Chul. **No Enxame: Perspectivas do Digital**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, pp. 26-27.

⁶⁷ Cf. DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2013, pp. 223-230.

mais diversas possíveis, inclusive características pessoais das quais o indivíduo sequer tem consciência.⁶⁸

O panóptico digital de Han estrutura-se e perpetua-se a partir da liberdade como força motriz de seu funcionamento. O indivíduo inserido na sociedade digitalizada, cuja subjetividade é moldada para o desempenho, expõe-se, comunica-se, vende-se e consome no ambiente digital, ambiente este que, diferente do ambiente "real", obtém, com ou sem o seu consentimento, virtualmente todas as interações *online* deste indivíduo e converte-as em dados utilizáveis para fins comerciais e de controle social. A vigilância, contudo, não restringe-se à exposição voluntária do indivíduo que instrumentaliza a seu favor, mas vale-se dos dados obtidos a partir daí e aplica-os nas mais diversas formas de controle. A vigilância a partir da voluntariedade na exposição, ainda, não se restringe aos indivíduos que assim procederam, que voluntariamente expuseram-se em ambiente virtual, uma vez que com o avanço da digitalização das relações sociais – em todos os âmbitos: pessoal, profissional, político – a possibilidade de se fazer "ausente" do mundo virtual foi praticamente extinta. Hoje, *todos*, em maior ou menor escala, são identificáveis e monitoráveis através das novas tecnologias de vigilância.

⁶⁸ Apenas a título de exemplo, o governo chinês utiliza câmeras de vigilância que reconhecem o indivíduo até mesmo pelo seu jeito de andar, que através de um *software* denominado "gait recognition" identifica indivíduos através de características físicas e do jeito de caminhar, ainda que seus rostos não estejam visíveis. In: NEVES, Ariane. China usa tecnologia que reconhece pessoas pelo jeito de andar. **Exame**, São Paulo, SP, 08 nov. 2018. Tecnologia. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/china-usa-tecnologia-que-reconhece-pessoas-pelo-jeito-de-andar/>>. Acesso em: 31 out. 2021.

4. A ASCENSÃO DOS DADOS COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE E VIGILÂNCIA

O capital de outrora, como fora observado por Karl Marx na sua principal obra, *O Capital*¹, funcionava a partir de um modelo mecanicista, caracterizado, primordialmente, pelo surgimento das primeiras máquinas mecânicas de produção de bens de consumo de massa e de alimentos processados e industrializados. No entanto, contemporaneamente, o capital assumiu forma organicista. Para Yuk Hui, esta nova faceta do capital é levada a cabo por máquinas informacionais equipadas com algoritmos complexos, cujo combustível, que outrora na produção industrial identificada por Marx era o carvão, agora é a informação, cuja fonte são os dados. Esta capacidade de processamento de dados e sua transformação em informação é que confere a capacidade de estes modelos recursivos estarem em todo lugar e serem eficientes.² A função *orgânica* do capital refere-se, sobretudo, à sua capacidade autorreferencial e de se retroalimentar: quanto maior a capacidade de processamento de dados, maior a capacidade de obtenção de dados e, por corolário, maior o acúmulo de capital.³ Além disso, através de técnicas de *machine learning*, os algoritmos aperfeiçoam-se de forma autônoma, à semelhança – mas não identidade – de organismos biológicos. A tendência antevista por Marx permanece, alteram-se apenas as formas de funcionamento e de acumulação do capital.

¹ Cf. MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política: Livro I: O Processo de Produção do Capital. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2017.

² HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2020, p. 116.

³ Neste ponto, a abordagem de Domecq sobre a convergência das interpretações de Han e Marx sobre a reprodução do capital, cada um o interpretando no formato em que se apresenta à sua época, demonstra a persistência de determinadas características, apesar das diferenças inerentes às formas atuais de reprodução e criação do capital – e até mesmo dos próprios produtos produzidos – na economia moderna e da economia calcada primordialmente na produção industrial. Para o autor, “[o] neoliberalismo instala um discurso e dispositivos de poder que convertem o modelo do empresário individualista, cujo sucesso se mede pela sua capacidade de multiplicar o capital, num modelo que perpassa todas as atividades e todas as classes sociais. É o self-made man reduzido à self-made capital: a liberdade individual subjugada pelo mandato de reproduzir o capital. Neste ponto Han segue a Marx.” In: DOMECCQ, Martin. Sobre a Noção de Transparência em Byung-Chul Han e a Defesa de Nossa Desacreditada Opacidade. In: **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa - BA, v.20, n.3, p.342-361, outubro, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.31977/grifi.v20i3.1860>>. Acesso em: 09 dez. 2021.

Byung-Chul Han, por seu turno, identifica na crescente “euforia dos dados” uma das razões que possibilitam a ascensão vertiginosa e a expansão onipresente dos dados no cotidiano, cuja presença, hoje, é permanente. Para Han, não somente a tendência autorreferencial e retroalimentiva do capital sustenta a ascensão dos dados, mas também a subjetividade do sujeito neoliberal é peça fundamental deste fenômeno. Os viciados em dados, como denomina o autor, fornecem o material humano e, simultaneamente, a rede de consumo necessários e aptos a possibilitar a existência e persistência da situação. Segundo o filósofo sul-coreano:

Hoje se coleta dados para toda e qualquer finalidade. Não são somente a Agência de Segurança Nacional estadunidense, a Acxiom, o Google ou o Facebook que possuem uma fome desenfreada por dados. Os adeptos do *Quantified Self* também são viciados em dados. Equipam seus corpos com sensores que registram automaticamente todos os parâmetros corporais. Mede-se tudo, da temperatura do corpo, ciclos do sono, entrada e perda de calorias, perfil de atividade e até mesmo ondas cerebrais. Até durante a meditação os batimentos cardíacos são protocolados. Mesmo o que acontece durante o descanso conta, portanto, para o desempenho e eficiência, o que na verdade é um paradoxo.⁴

A partir da percepção de que os dados e sua coleta massiva subjagam o sujeito ao imperativo da transparência que afeta virtualmente todos os âmbitos da vida, voluntariamente ou não, Han define este fenômeno como “protocolamento total da vida”, categoria estreitamente vinculada e até convergente com a do *Quantified Self*⁵. O protocolamento total da vida consiste na catalogação virtual de todas as atividades desenvolvidas por determinado indivíduo, da construção de perfis psicológicos, da aferição de preferências como restaurantes favoritos, artistas prediletos, roupas e acessórios favoritos e até mesmo dados sensíveis como religião, orientação sexual e etnia, que são perfilados e acessíveis aos detentores destas

⁴ HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte**: Ensaios e Entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, pp. 72-73.

⁵ O Eu quantificado, em tradução livre.

informações. “Todo clique que eu faço é salvo. Todo passo que eu faço é rastreável. Deixamos rastros em todo lugar”, alerta o autor.⁶

Segundo Vicente Ordóñez Roig, vivemos em um momento de superprodução incessante, em que objetos de todas as espécies invadem constantemente nossas realidades física e virtual; alguns destes objetos são tangíveis, ocupam um espaço determinado e limitado, outros, contudo, são intangíveis, armazenam-se em uma rede informática interconectada que se distribui através de praticamente todos os computadores e dispositivos eletrônicos, de *smartphones* a *videogames*, até a geladeiras “inteligentes”, dispersados pelo planeta, em um protocolo de comunicação digital. Este material aglutina-se e forma uma espiral gigantesca e fantasmagórica de informação que, apesar de sua intangibilidade, consiste na principal, quiçá hegemônica, forma de transmissão de informações em âmbito global.⁷ Os objetos intangíveis, digitais, e portadores de informação descritos pelo autor são, justamente, os dados.

4.1 O big data e o protocolamento total da vida

O termo “big data” surgiu no ano de 2001 quando o analista Doug Laney assim o cunhou para definir as novas tecnologias de armazenamento e processamento de dados, diferente das tecnologias de processamento precedentes até então incapazes de processar uma quantidade massiva de dados. Para definir e delimitar as características que concederiam o *status* de “new data technology” a determinado *software* ou algoritmo de processamento de dados, Laney criou a técnica dos “3 Vs do big data”. Os 3 Vs do *big data*, características essenciais para a definição desta tecnologia, consistem em na capacidade de processo em alto volume (*high volume*), em alta velocidade (*high velocity*) e de alta variedade (*high variety*) de informações.⁸

⁶ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, pp. 121-122.

⁷ ROIG, Ordóñez Vicente. De Big Brother a Big Data: reflexiones a propósito de Im Schwarm. *Ansichten des Digitalen* de Byung-Chul Han. In: **Araucaria**. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales, año 20, nº 40. Segundo semestre de 2018. Pp. 759-771. ISSN 1575-6823 e-ISSN 2340-2199 doi: 10.12795/araucaria.2018.i40.30. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6927467.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2021.

⁸ RIVERA, Eduardo. **The V's of Big Data**. Marbella International University Centre, 20 mai. 2020. Disponível em: <<https://miuc.org/vs-big-data/>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

Segundo o glossário de informação da tecnologia Gartner Glossary, onde Doug Laney introduziu o conceito, o *big data* consiste em:

Big data são ativos de informação de alto volume, alta velocidade e/ou alta variedade que exigem formas inovadoras e econômicas de processamento de informações que permitem visão aprimorada, tomada de decisão e automação de processos.⁹

Nos últimos anos, além dos tradicionais 3 Vs de Doug Laney, mais dois Vs foram incorporados ao rol de características definidoras do *big data*: valor (*value*) e veracidade (*veracity*).¹⁰

Para a companhia Oracle Corporation, multinacional que atua na área de computação e informática, com desenvolvimento de bancos de dados e *softwares* corporativos, além de serviços de armazenamento de dados em nuvem, na sua definição oficial da tecnologia, o *big data* consiste em:

Simplificando, big data são conjuntos de dados maiores e mais complexos, especialmente de novas fontes de dados. Esses conjuntos de dados são tão volumosos que o software de processamento de dados tradicional simplesmente não consegue gerenciá-los. Mas esses enormes volumes de dados podem ser usados para resolver problemas de negócios que você não seria capaz de resolver antes.¹¹

Não obstante o conceito de *big data* oferecido pela companhia venha carregado de intenções corporativas (“esses enormes volumes de dados podem ser

⁹ Tradução livre de “Big data is high-volume, high-velocity and/or high-variety information assets that demand cost-effective, innovative forms of information processing that enable enhanced insight, decision making, and process automation.” *In*: Gartner (n.d.) **Information Technology Gartner Glossary** [Online]. Disponível em: <<https://www.gartner.com/en/information-technology/glossary/big-data>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

¹⁰ Oracle (n.d.) **What Is Big Data?** [Online]. Disponível em: <<https://www.oracle.com/big-data/guide/what-is-big-data.html>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

¹¹ Tradução livre de: “Put simply, big data is larger, more complex data sets, especially from new data sources. These data sets are so voluminous that traditional data processing software just can't manage them. But these massive volumes of data can be used to address business problems you wouldn't have been able to tackle before. *In*: Oracle (n.d.) **What Is Big Data?** [Online]. Disponível em: <<https://www.oracle.com/big-data/guide/what-is-big-data.html>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

usados para resolver problemas de negócios que você não seria capaz de resolver antes”), a conceituação da Oracle oferece uma perspectiva, ainda que superficial, das capacidades técnicas e das finalidades empresariais, ainda que de forma acrítica, possibilitadas pelo *big data*.

Estabelecido o conceito técnico de *big data*, aquele criado e empregado pela comunidade de profissionais da informática, necessário o retorno ao pensamento crítico sobre esta tecnologia na obra de Byung-Chul Han.

No tópico precedente aludiu-se ao “protocolamento total da vida”¹² anunciado por Byung-Chul Han, categoria segundo a qual a quantidade massiva de informações e dados hoje disponíveis e disponibilizadas através, principalmente, da internet proporcionaria uma abrangência tamanha de seu escopo que seria, e de fato é, capaz de alcançar virtualmente todos os aspectos da vida. Mas não só. A quantidade de dados de toda natureza imaginável tem o potencial de realizar um protocolamento total do mundo. Toda sorte de informação é coletada e armazenada, 24 horas por dia, 7 dias por semana, no mundo inteiro, seja por Estados-nações, empresas privadas ou indivíduos privados.

Para Han, o protocolamento total da vida humana através da extração ininterrupta de dados, proporcionada até mesmo pelas atividades mais banais, como a frequência e forma de uso da geladeira ou o ato de escovar os dentes, é característica central da sociedade da transparência, servindo de instrumento para sua consumação. Aduz o autor:

A internet das coisas realiza e conclui simultaneamente a sociedade da transparência, que se tornou indistinguível de uma sociedade de controle total. Observamos as coisas que nos cercam e elas nos observam. Envia informações sem parar sobre o que fazemos e o que deixamos de fazer. A geladeira, por exemplo, conhece e avisa sobre nossos hábitos alimentares. A escova de dentes conectada, sobre nossa higiene dentária. As coisas operam conjunta e ativamente no registro total da vida. A sociedade do controle digital também transforma os óculos de dados em uma câmera de vigilância, e o *smartphone* em um grampo de escuta secreta. [...]

¹² Cf. HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: Perspectivas do Digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 121-127.

No lugar do Big Brother, aparece o *big data*. O registro total e ininterrupto da vida realiza e executa a sociedade da transparência.¹³

Para o autor, o *big data* significará, ao fim e ao cabo, a completa manipulação e previsibilidade do futuro, através da possibilidade de previsão e do prognóstico do comportamento humano a partir de sua instrumentalização como ferramenta de predição¹⁴. O *big data*, diz Han, funciona como instrumento psicopolítico capaz de manipular as pessoas como marionetes ao intervir na psique humana e influenciá-la sem que elas saibam. Para o autor, o *big data* indica o fim da vontade livre¹⁵ como a conhecemos.¹⁶

Para André Perin Schmidt Neto, em obra onde analisa especificamente a relação entre o livre arbítrio, ou a vontade livre no termo empregado por Han, e o *big data*, a inteligência artificial, munida de tecnologias algorítmicas e de processamento massivo de dados, impõe uma nova subjetividade ao sujeito no século XXI, determinada, em maior ou menor grau, e severamente influenciada pela congregação destas tecnologias, que, através da extração de toda sorte de dados, especialmente aqueles de caráter privado, servirão como ferramenta de predição do comportamento. Alerta o autor:

Baseada em seu comportamento, a inteligência artificial, via algoritmos, é capaz de processar megadados e saber as preferências, desejos, medos, ideologias, relações, hábitos, emoções, inteligências, fraquezas, compulsões, etc. de todos aqueles que agem na rede mundial de computadores. Um sistema de processamento de dados que tem sua localização, sabe o que leu e as músicas que ouviu, o que comeu, com quem conversou, etc. Dependendo dos aplicativos que o consumidor baixou no seu celular, seu perfil pode acompanhar em tempo

¹³ HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte**: Ensaios e Entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, pp. 52-53.

¹⁴ Sobre tecnologias de vigilância e de armazenamento e processamento massivo de dados utilizados como forma de controle social e penal, imprescindível a menção à obra de Bernard Harcourt sobre o tema. Cf. HARCOURT, Bernard. **Against Prediction**: Profiling, Policing, and Punishing in an Actuarial Age. Reprint. Chicago, IL: Chicago University Press, 2016.

¹⁵ Especificamente sobre relação entre livre arbítrio e *big data*, Cf. SCHMIDT NETO, André Perin. **O Livre-Arbítrio na Era do Big Data**. 1. ed. São Paulo, SP: Tirant lo Blanch, 2021.

¹⁶ HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte**: Ensaios e Entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p. 40.

real sua temperatura corporal, glicose no sangue, calorias ingeridas, entre outras informações.¹⁷

Klaus Schwab, por outro lado, a partir de um ponto de vista economicista, defende que a ascensão do *big data* como ferramenta de governo da população será *inevitável*¹⁸, uma vez que a tecnologia permite tomadas de decisão de forma mais rápida e eficiente¹⁹, uma abrangência de aplicações industriais cada vez maior e proporciona novas e inovadoras formas de prover serviços, públicos e privados, a cidadãos e consumidores. Segundo o autor, ainda, a utilização do *big data* pelo setor público proporcionaria efeitos benéficos indiretos, além daqueles descritos pelos 3 Vs de Laney, como maior confiabilidade das decisões políticas, redução da burocracia, diminuição da complexidade para resolução de problemas inerentes ao exercício da vida civil, diminuição de custos e maior disponibilidade de dados, quantitativa e qualitativamente, para a inovação tecnológica. Além disso, sustenta o economista, quanto maior o emprego do *big data*, maior será a capacidade de compreensão e gerenciamento de informações e dados através desta tecnologia, gerando, conseqüente, seu aprimoramento exponencial.²⁰

Byung-Chul Han, contudo, alerta que hoje não somos mais “destinatários e consumidores passivos de informação”, informação esta essencialmente diversa

¹⁷ SCHMIDT NETO, André Perin. **O Livre-Arbítrio na Era do Big Data**. 1. ed. São Paulo, SP: Tirant lo Blanch, 2021, pp. 175-176.

¹⁸ Augusto Jobim do Amaral e Eduardo Baldissera Carvalho Salles alertam sobre a narrativa a respeito da anunciada “inevitabilidade” de tecnologias de controle e seu poder retórico utilizado como forma de neutralização de críticas e de construção de alternativas, vendidas ao grande público através do fenômeno denunciado por Evgeny Morozov como “solucionismo tecnológico”, fenômeno este em muito intensificado durante a pandemia de covid-19, a pretexto de serem estas tecnologias utilizadas para combate e controle ao novo coronavírus. Cf. AMARAL, Augusto Jobim do; SALLES, Eduardo Baldissera Carvalho. Pandemia, vigilância e “solucionismo tecnológico”. In: SOBRINHO, Liton Lanes Pilau; CALGARO, Cleide; ROCHA, Leonel Severo (Orgs.). **COVID-19: Ambiente e Tecnologia**. Itajaí, SC: Ed. da Univali, 2020. Disponível em: <<https://www.univali.br/vida-no-campus/editora-univali/e-books/Documents/ecjs/E-book%202020%20COVID-19%20E2%80%93%20AMBIENTE%20E%20TECNOLOGIA.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

¹⁹ A eficiência como força motriz e ideal objetivado pelo Estado administrativizado em ampla medida denunciado por Han já fora antevisto também por Foucault. Embora os autores apresentem abordagens diferentes do fenômeno, a crítica de ambos é centralizada no neoliberalismo como causa desse imperativo efficientista. Cf. BRANCO, Guilherme Castelo. **Michel Foucault: Filosofia e Biopolítica**. 1. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, pp. 25-26, e HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

²⁰ SCHWAB, Klaus. **The Fourth Industrial Revolution**. Genebra, CH: World Economic Forum, 2016, pp. 133-134.

das formas tradicionais de informação midiática ou transmitidas pela cultura e pela educação formal, pelo contrário, hoje somos, ao mesmo tempo, consumidores e produtores da informação. A participação do sujeito tornou-se ativa e necessária para a produção de informação, agora constituída sob o signo do dado. A informação transformada em dado é passível de processamento e reaproveitamento para outros fins que não aqueles aos quais inicialmente se propunha. A participação ativa, mas não necessariamente voluntária, na produção de informação encontra finalidades, divulgadas ou não, as mais diversas o possível. Aplicativos de e-mail podem rastrear o itinerário diário do sujeito e recomendar-lhe restaurantes na vizinha ou servir para a comprovação de sua participação ou não em um crime. A simultaneidade do papel do sujeito como produtor e consumidor aumenta exponencialmente a quantidade de informação disponível.²¹ Diante dessa crescente disponibilidade de informações e dados, somente tecnologias praticamente autônomas com capacidade de processamento de dados altíssima têm capacidade de dar conta de tamanho volume informacional²². Esta capacidade de armazenamento e processamento de dados, no entanto, não significa mais liberdade, mas pelo contrário, em um cerceamento absoluto da vontade livre. Para Yuval Harari, no mesmo sentido de diversos outros pensadores da tecnologia, a demanda por dados retroalimenta-se partindo do plano individual. O indivíduo é instigado a todo momento a produzir e consumir quantidades cada vez maiores. Por decorrência, seus pares também o são, já que o indivíduo, buscando compartilhar, acaba inundando as pessoas à sua volta com mais informações e, de igual forma, sendo inundado também com informações dos demais, faz surgir um ciclo perpétuo de produção e consumo de dados.²³ Segundo Han:

A crença na mensurabilidade e na quantificabilidade da vida domina toda a era digital. O *quantified self* também reverencia essa crença. O corpo é equipado com sensores que registram dados automaticamente. São medidos a temperatura

²¹ HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: Perspectivas do Digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, pp. 36-37.

²² SCHWAB, Klaus. **The Fourth Industrial Revolution**. Genebra, CH: World Economic Forum, 2016, pp. 133-134.

²³ HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: Uma Breve História do Amanhã. Tradução de Paulo Geiger. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016, p. 387.

corporal, os níveis de glicose no sangue, a ingestão e o consumo de calorias, os deslocamentos ou os níveis de gordura corporal. Durante a meditação os batimentos cardíacos são medidos. Até mesmo nos momentos de repouso o desempenho e a eficiência têm importância. Estados de ânimo, sensações e atividades cotidianas também são registrados. O desempenho corporal e mental deve ser melhorado através da autoaferição e do autocontrole. [...]

O lema do *quantified self* é: *Self knowledge through numbers* («autoconhecimento através de números»). [...]

O sujeito autoexplorador traz consigo um campo de trabalhos forçados, no qual é ao mesmo tempo carrasco e vítima. Como sujeito que expõe e supervisiona a si próprio, ele carrega consigo um pan-óptico no qual é, de uma só vez, o guarda e o interno. O sujeito digitalizado e conectado é um *pan-óptico de si mesmo*. Dessa maneira, o monitoramento é delegado a todos os indivíduos.²⁴

Harari, somando-se às asserções de Han sobre a necessidade de participação voluntária do sujeito, transformado em produtor e consumidor de informação simultaneamente, fenômeno anteriormente descrito como fomentado pela noção de positividade, afirma que “[a]s pessoas só querem ser parte um fluxo de dados, mesmo que isso signifique abrir mão da própria privacidade, da autonomia e da individualidade”. A crítica do autor reside nessa instrumentalização do indivíduo ao *big data*, conectado a uma rede onde servirá de matéria-prima e consumidor, funcionando, na analogia de Harari, como um chip dentro de um sistema gigantesco de um processador de dados.²⁵ Assim, quanto mais chips o sistema obtiver sob seu controle, isto é, quanto mais humanos conectados, compartilhando, expondo, fornecendo dados e consumindo informações existirem, maior a capacidade

²⁴ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, pp. 83-85.

²⁵ Neste ponto, imprescindível a referência ao clássico filme de ficção científica *The Matrix*, onde o protagonista, o hacker Neo, descobre que vive em uma simulação computacional e, em verdade, os seres humanos vivem em uma espécie de cápsula de imersão, onde sua energia vital é utilizada como fonte de energia para as máquinas que dominaram a Terra em futuro distópico, enquanto as pessoas são mantidas anestesiadas por esta realidade virtual para que não acordem da simulação. Cf. WACHOWSKI, Lana; WACHOWSKI, Lilly. **The Matrix**. Produção de Joel Silver e direção de Lana Wachowski e Lilly Wachowski. Village Roadshow Pictures e Silver Pictures. Estados Unidos da América, 1999. Filme. 136 min.

computacional de armazenamento e processamento desses dados o sistema obterá.²⁶

Se tudo é previsível e controlável, todas as possibilidades futuras encontram-se inacessíveis aos seres humanos, uma vez que a sua liberdade criadora do futuro desaparece. O *big data* é incapaz, contudo, de perceber e distinguir aquilo que é especificamente humano, singular, único, permeado de nuances, pois é estático e estatístico, alimentado por dados que utiliza para interpretar o mundo. Ao humano, porém, a realidade apresenta-se e é por ele construída de forma diversa, imprevisível em grande medida, naquilo que é estatisticamente improvável, singular, característico de seu ímpeto criador. Justamente por isso, Han anuncia o fim da vontade livre humana: quando tudo é controlado e conhecido de antemão, a liberdade e espontaneidade do agir humano são fulminados.²⁷

O *big data* é capaz, inclusive, de prever desejos os quais sequer o sujeito os tem conscientemente. Indo além da previsibilidade do comportamento, o *big data* ostenta a capacidade de moldá-lo de forma despercebida pelo indivíduo manipulado. Isto é possível, primeiramente, em decorrência da estratificação massiva de dados privados, fartos o suficiente a proporcionar aos algoritmos responsáveis pelo seu processamento um acesso a detalhes particulares da vida de determinada pessoa uma análise minuciosa de sua personalidade, de suas necessidades e de seus desejos. Assim, comportamentos possíveis tornam-se prováveis (e desejáveis na medida em que servem ao capital), servindo o *big data* como ferramenta que, devidamente instrumentalizada, pode ser convertida para fins alheios à vontade humana. Toda esta capacidade proporciona a possibilidade e concretização de exploração da vontade e do desejo humanos, teoricamente livres, mas condicionados pelo *big data*.²⁸ Segundo Han, a quantidade de dados angariada pelas tecnologias de *big data* atualmente contemplam uma gama de informações sobre o

²⁶ HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã**. Tradução de Paulo Geiger. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016, pp. 387-388.

²⁷ GALPARSO, José Ignacio. Big Data y Psicopolítica. Vía de escape: de la vida calculable a la vida como obra de arte. In: **DILEMATA**, año 9 (2017), nº 24, 25-43 ISSN 1989-7022. Disponível em: <<https://www.dilemata.net/revista/index.php/dilemata/article/view/412000099>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

²⁸ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, p. 88.

indivíduo maior do que todo o autoconhecimento que ele julga ter de si mesmo. Aduz o autor:

Hoje, cada clique que damos e cada termo que pesquisamos ficam salvos. Cada passo na rede é observado e registrado. Nossa vida é completamente reproduzida na rede digital. Os nossos hábitos digitais proporcionam uma representação muito mais exata do nosso caráter, e nossa alma, talvez até mais precisa ou mais completa do que a imagem que fazemos de nós mesmos.

Hoje, o número de endereços na web é praticamente ilimitado. Assim, é possível fornecer a cada objeto de uso um endereço internet. As próprias coisas se tornam emissoras ativas de informações: sobre a nossa vida, nosso fazer, nossos costumes. A expansão da internet das pessoas (web 2.0) para a internet das coisas (web 3.0) completa a sociedade do controle digital. A web 3.0 torna possível um registro total da vida. Agora também somos monitorados pelas coisas que utilizamos cotidianamente.²⁹

A expansão do *big data* sobre todos os âmbitos da vida privada não se deve mais, contudo, apenas à voluntariedade humana de fornecer informações e dados gratuitamente expondo-se e comunicando-se a partir da internet, como primeiramente descrito por Byung-Chul Han. A exposição voluntária serviu e ainda serve de fonte inesgotável de obtenção de dados, ou de superávit comportamental para Zuboff, porém não consiste mais na única e principal fonte de extração de dados. Na citação anterior, Han já adverte sobre a sobreposição da internet das coisas (web 3.0) sobre a precedente internet das pessoas (web 2.0). Hoje, com a expansão da internet para além do ambiente computacional, a vigilância e a extração de dados foram expandidas para níveis até então impensáveis, recaindo sobre aspectos da vida humana inimagináveis.

²⁹ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, pp. 85-86.

A partir deste poder silencioso³⁰, que atravessa os sujeitos, característica do poder identificada por Deleuze nos primórdios da sociedade de controle³¹, que será possível a solidificação daquilo que Byung-Chul Han denominou de psicopolítica.³² O *big data* consiste na ferramenta que tornou possível o acesso virtualmente irrestrito a aspectos não só da vida humana, mas da própria mente humana, servindo de instrumento para a predição de comportamentos, o condicionamento de condutas desejáveis (aos detentores do superávit comportamental), e o controle praticamente absoluto e despercebido, confundido com a própria noção de liberdade, do ser humano.

4.2 Dataísmo: a religião do culto aos dados

O termo "dataísmo" surgiu no ano de 2013, mais precisamente em 4 de fevereiro, quando o comentarista político do *The New York Times*, David Brooks, pioneiramente o utilizou em seu artigo para o periódico intitulado *The Philosophy of Data*. No texto, Brooks apresenta uma perspectiva otimista sobre a ascensão do *big data* em atividades profissionais como as análises política, esportiva e educacional, nas quais a leitura estatística obtida através de uma quantidade massiva de dados sobre essas atividades e processada por tecnologias de *big data* possibilitariam a tomada de decisões de forma melhor informada e, portanto, melhor orientada, privilegiando escolhas racionais em detrimento de escolhas emocionais ou intuitivas.³³ No artigo, o autor apresenta o dataísmo como a filosofia ascendente da atualidade. Aduz Brooks:

³⁰ Segundo Byung-Chul Han, "[u]m poder absoluto seria aquele que nunca aparecesse, que nunca fosse assinalado, que, ao contrário, se fundisse completamente na autocompreensividade. *O poder resplandece pela ausência.*" In: HAN, Byung-Chul. **O que é Poder?** Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, p. 92.

³¹ Cf. DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2013, pp. 223-230.

³² "O *Big Data* como instrumento biopolítico torna o comportamento humano prognosticável e controlável. A psicopolítica digital nos derruba em uma crise da liberdade." In: HAN, Byung-Chul. **Sociedade Paliativa: A Dor Hoje**. Tradução de Lucas Machado. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021, p. 110.

³³ BROOKS, David. *The Philosophy of Data*. **The New York Times**, Nova Iorque, NY, 04 fev. 2013. Opinion. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2013/02/05/opinion/brooks-the-philosophy-of-data.html>>. Acesso em: 24 dez. 2021.

Se você me pedisse para descrever a filosofia crescente da época, eu diria que é o data-ísmo. Agora temos a capacidade de coletar grandes quantidades de dados. Essa habilidade parece carregar consigo certas suposições culturais – que tudo o que pode ser medido deve ser medido; que os dados são lentes transparentes e confiáveis que nos permitem filtrar o emocionalismo e a ideologia; esses dados nos ajudarão a fazer coisas notáveis – como prever o futuro.³⁴

Yuval Harari, por seu turno, define o dataísmo como uma religião voltada ao culto dos dados, ou seja, não como uma filosofia supostamente racionalista, nos termos defendido por David Brooks. O dataísmo é voltado ao culto, principalmente, dos dados em sua versão mais extrema, o *big data*. O historiador israelense conceitua o dataísmo da seguinte forma:

Segundo o dataísmo, o Universo consiste num fluxo de dados e o valor de qualquer fenômeno ou entidade é determinado por sua contribuição ao processamento de dados. Isso pode soar como uma noção excêntrica e marginal, mas o fato é que ela já conquistou a maioria do estamento científico. O dataísmo nasceu da confluência explosiva de duas marés científicas. Nos 150 anos que transcorreram desde que Darwin publicou *A origem das espécies*, as ciências biológicas passaram a ver os organismos como algoritmos bioquímicos. Simultaneamente, nas oito décadas desde que Alan Turing formulou a ideia da máquina que leva seu nome, cientistas da computação aprenderam a projetar e fazer funcionar algoritmos eletrônicos cada vez mais sofisticados. O dataísmo reúne os dois, assinalando que exatamente as mesmas leis matemáticas se aplicam tanto aos algoritmos bioquímicos como aos eletrônicos. O dataísmo, portanto, faz ruir a barreira entre animais e máquinas

³⁴ Tradução livre de "If you asked me to describe the rising philosophy of the day, I'd say it is data-ism. We now have the ability to gather huge amounts of data. This ability seems to carry with it certain cultural assumptions – that everything that can be measured should be measured; that data is a transparent and reliable lens that allows us to filter out emotionalism and ideology; that data will help us do remarkable things – like foretell the future." In: BROOKS, David. *The Philosophy of Data*. **The New York Times**, Nova Iorque, NY, 04 fev. 2013. Opinion. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2013/02/05/opinion/brooks-the-philosophy-of-data.html>>. Acesso em: 24 dez. 2021.

com a expectativa de que, eventualmente, os algoritmos eletrônicos decifrem e superem os algoritmos bioquímicos.³⁵

Para Byung-Chul Han, o dataísmo, seja visto como religião, como filosofia ou como ideologia, faz emergir um "segundo Iluminismo", não mais movido pela razão, mas por dados, pelo "puro conhecimento movido a dados". Segundo o autor, em nome desta (pretensa) razão, foram suprimidos "a imaginação, a corporalidade e o desejo". O dataísmo, inserido no contexto da sociedade da transparência, conceitos que, conforme já descrito anteriormente a respeito das categorias trabalhadas por Han, sustentam um ao outro, fulmina as formas narrativas da linguagem, essencialmente humana. Os dados, agora imensuráveis e incognoscíveis aos seres humanos sem o auxílio das tecnologias de *big data*, são aditivos, numéricos, estatísticos, não narrativos. Dessa forma, ao soterrar a linguagem como chave interpretativa da realidade, o dataísmo converte-se em niilismo, retirando o fator humano, até mesmo fenomenológico, da interpretação da realidade, pois agora tudo – o Universo inteiro e a própria realidade como a conhecemos ou pretendemos conhecer – é descrito a partir de dados. Os dataístas, como Han denomina os adeptos do dataísmo, assim o são em decorrência de, atualmente, os números e os dados serem, além de absolutizados, sexualizados e fetichizados. A fetichização dos dados manifesta-se através do fenômeno do *quantified self*, intimamente relacionado com a subjetividade voltada ao desempenho característica da sociedade neoliberal do século XXI. Os dataístas e adeptos ao autoconhecimento a partir dos dados, "datassexuais" como ironicamente referido pelo autor, movem-se pelo desejo de obtenção e concessão de informações, desejo este, segundo Han, que desenvolve características libidinais e, ao extremo, traços pornográficos.³⁶

A transparência, ode da sociedade neoliberal digitalizada, fomenta a exposição pornográfica, completa, absoluta, livre de nuances e de espaços desconhecidos. A exposição, ou hipere Exposição como cunhado por Han, não se

³⁵ HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã**. Tradução de Paulo Geiger. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016, p. 370.

³⁶ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, pp. 82-83.

restringe apenas à imagem, mas a âmbitos outros da vida até então privada, como desempenho esportivo e laboral, saúde física e hábitos alimentares, dentre outros.

O dataísmo, através do *big data*, reifica o pensamento e o comportamento humanos, tornando-os cognoscíveis de formas incognoscíveis ao próprio sujeito, transformando-os em números, probabilidades, expectativas, possibilidades e instrumentos de manipulação. A voluntariedade, extensamente apresenta como elementar para este cenário, transforma a exploração dataísta em (pretensa) liberdade, subvertendo a vida à funcionalidade, a funções, padrões de desempenho, em corpos úteis e anestesiados pela sensação de liberdade, de livre-arbítrio. Para Han, o princípio do desempenho aproxima o ser humano da máquina.³⁷ A vida passa a ser regida pelos ditames da eficiência e da utilidade.

Assim, estes procedimentos de expansão da disponibilidade e da disponibilização de dados levam à algoritmização da vida social, remetendo todos os indivíduos a uma espécie de era de “barbárie dos dados”, onde a crença na mensurabilidade e na quantificação da vida domina toda o mundo digital. A simplificação da vida, dos processos sociais e políticos, e da própria realidade sob a ótica dos dados, cuja expansão assume a forma de máxima ética, reduz a sociedade, as pessoas e o mundo a números, estatísticas, gráficos e modelos computacionais, transformando tudo em objeto de verificação e cálculo, cujo manejo é restrito a programadores, via de regra vinculados a grandes corporações tecnológicas e governos, que obtêm para si o poder de manipular e influenciar, direta ou indiretamente, a forma de pensar e de agir dos seres humanos. O dataísmo, orientado pelo mantra da transformação de tudo em dados e pela noção de exercer o seu poder a despeito de qualquer ideologia, de forma neutra e racional, contradiz-se justamente neste ponto, ao, através de sua forma de conceber o mundo³⁸, transformar-se em

³⁷ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, p. 21.

³⁸ Sobre a categoria “ideologia”, nos referimos ao termo na concepção abordada por Marx e Engels, como uma concepção de mundo distorcida ou falsa, mas que o sujeito acredita ser a própria realidade em sua forma verdadeira. Cf. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. 1. ed. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2017.

ideologia, ainda que pretensamente amparada pela razão, tal como ocorrido com o “primeiro” Iluminismo.³⁹

Shoshana Zuboff descreve, ainda que de forma indireta, os efeitos e consequências da expansão dataísta sobre todos os aspectos da vida e do cotidiano na era por ela denominada de era do capitalismo de vigilância. Hoje, o poder totalizante dos dados e da renderização de pessoas através dos dados ultrapassaram o mundo virtual e expandiram-se, também, para o mundo real, através da internet das coisas, apta a concretizar a utopia dataísta como descrito por Han. Segundo a autora:

Hoje, a coisa real alimenta e inspira a retórica capitalista de vigilância conforme os líderes promovem as ferramentas e visão que darão vida às ideias do velho professor... ou melhor, trarão *para a nossa vida*. Os processos de normalização e habituação já começaram. Nós vimos que a busca de certeza pelo capitalismo de vigilância (o mandato do imperativo de predição) requer uma aproximação contínua da informação total como a condição ideal para a inteligência de máquina. Na trilha da totalidade, os capitalistas de vigilância ampliaram seu escopo do mundo virtual para o real. O negócio da realidade renderiza todas as pessoas, coisas e processos como objetos computacionais numa interminável fila de equivalência sem igualdade. Agora, à medida que o negócio da realidade se intensifica, a busca da totalidade necessariamente leva à anexação de “sociedade”, “relações sociais” e processos sociais básicos como novos terrenos para renderização, cálculo, modificação e predição.

A ubiquidade do Grande Outro é reverenciada como inevitável, mas este não é o objetivo final. Nessa nova fase, a meta é alcançar abrangente visibilidade, coordenação, confluência, controle e harmonização dos processos sociais na busca de escala, escopo e ação. Embora instrumentarismo e totalitarismo sejam espécies distintas, cada uma anseia pela totalidade, por mais que as formas desta sejam muito distintas. O totalitarismo a busca como condição política e se apoia na violência para abrir seu caminho. Já o instrumentarismo

³⁹ RAMÍREZ, Diego García; JIMÉNEZ, Dune Valle. Los impactos de la ideología técnica y la cultura algorítmica en la sociedad: una aproximación crítica. In: **Revista de Estudios Sociales**, v. 71, 2020, pp. 15-27, 2020, Bogotá, CO. ISSN: 0123-885X. Disponível em: <<https://revistas.uniandes.edu.co/doi/full/10.7440/res71.2020.02>>. Acesso em: 24 dez. 2021.

busca a totalidade como condição de dominação do mercado, e se apoia no controle dela sobre a divisão da aprendizagem na sociedade, possibilitada e aplicada pelo Grande Outro, para abrir caminho. O resultado é a aplicação do poder instrumentário à otimização da sociedade em nome de objetivos de mercado: a utopia da certeza.⁴⁰

O “Grande Outro” referido pela autora trata-se do “fantoche perceptível, computacional, conectado que renderiza, monitora, computa e modifica o comportamento humano”, em alusão ao Grande Irmão orwelliano, que, agora, em sua versão aprimorada, não serve mais somente para monitorar e vigiar a população, mas serve instrumento de engenharia comportamental capaz de prever e moldar o comportamento humano. O Grande Outro impõe a todos uma indiferença radical, uma equivalência sem igualdade, transformando pessoas e também objetos em informações legíveis ao sistema computacional, passível de processamento, predição e modelagem⁴¹, concretizando a diferenciação deleuzeana do *indivíduo*, característico da sociedade disciplinar foucaultiana, do *divíduo* moderno, caracterizado pela identificação através de uma *cifra*, de uma *senha*, e pela divisibilidade de suas particularidades em informações cognoscíveis ao sistema, característico da sociedade de controle, nos termos propostos por Deleuze.⁴²

No entanto, o conhecimento gerado através do *big data* e cultuado pelo dataísmo, anunciado como um conhecimento absoluto, é, em verdade, um conhecimento bastante rudimentar. O *data mining* ou a mineração de dados, isto é, a obtenção massiva de dados privados e públicos, apenas descobre e realiza as correlações existentes entre determinadas informações. Segundo Han, a correlação representa a forma mais precária de saber na lógica hegeliana, uma vez que a correlação não explica o *porquê* A sucede a B e vice-versa, apenas atesta esta sucessão. A correlação indica tão somente a probabilidade, não a necessidade, ou

⁴⁰ ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância: A Luta por um Futuro Humano na Nova Fronteira do Poder**. Tradução de George Schlesinger. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2020, p. 452.

⁴¹ ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância: A Luta por um Futuro Humano na Nova Fronteira do Poder**. Tradução de George Schlesinger. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2020, pp. 427-428.

⁴² DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2013, p. 226.

seja, não estabelece um conhecimento preditivo com precisão absoluta. O *big data* proporciona apenas possibilidades e probabilidades, consistindo, assim, em um conhecimento precário, ainda que cultuado e valorizado como o principal recurso tecnológico atualmente.⁴³

Para Han, apenas o *conceito* é suficiente para estabelecer um conhecimento concreto, categoria inexistente para o *big data*, uma vez que possui a capacidade de sintetizar a relação existente entre diversas categorias, enquanto o processamento de dados restringe-se a identificar correlações e padrões, sem, no entanto, estabelecer o vínculo essencial entre estes dados e informações. Sintetiza o autor:

Apenas o «conceito» captura a conexão entre A e B. É o C que conecta A e B. Por meio de C, se compreende a relação entre A e B. O conceito forma a estrutura, a totalidade, que reúne A e B e esclarece sua relação. A e B são apenas os «momentos de um terceiro superior». O conhecimento propriamente dito só é possível no nível do conceito: «O conceito é o que é inerente às próprias coisas, o que nos diz o que elas são e o que são e, portanto, compreender um objeto significa estar ciente de seu conceito». Somente a partir do conhecimento abrangente do conceito C é possível compreender a relação entre A e B. A própria realidade é transmitida ao saber quando é capturada pelo conceito.

O *big data* fornece conhecimento rudimentar. Restringe-se a correlações e reconhecimento de padrões, nos quais, no entanto, nada é compreendido. O conceito forma uma totalidade que inclui e compreende seus momentos em si. O todo é uma forma final. O conceito é uma conclusão. «Tudo é uma conclusão» significa «tudo é um conceito». A razão também é uma conclusão: «Tudo o que é racional é uma conclusão.» O *big data* é aditivo. O aditivo não forma uma totalidade, um fim. Falta o conceito, ou seja, o que une as partes em um todo. A inteligência artificial nunca atinge o nível conceitual de conhecimento. Você não entende os resultados de seus cálculos. O cálculo difere do pensamento porque não forma conceitos e não avança de uma conclusão para outra.⁴⁴

⁴³ HAN, Byung-Chul. **No-Cosas**: Quiebras del Mundo de Hoy. Traducción de Joaquín Chamorro Mielke. Madrid: Taurus, 2021, p. 36. E-book.

⁴⁴ Tradução livre e contextualizada de: "Solo el «concepto» capta la conexión entre A y B. Es la C que conecta A y B. Por medio de C, se comprende la relación entre A y B. El concepto vuelve a formar el marco, la totalidad, que reúne a A y B y aclara su relación. A y B solo son los «momentos de un tercero superior». El saber en sentido propio solo es posible en el nivel del concepto: «El concepto es lo

No entanto, apesar da precariedade do conhecimento gerado a partir dos dados, a sua fetichização coloca as coisas (físicas, tais como os objetos) em segundo plano, fazendo com que os dados assumam o lugar da fetichização das mercadorias outrora identificada por Marx.⁴⁵ A hiperinflação e a hiperprodução de coisas, ou mercadorias para Marx, que as torna excessivas em quantidades e, portanto, frívolas, faz crescer a indiferença quanto à sua existência e disponibilidade. A obsessão humana, portanto, é deslocada das coisas para a informação e para os

inherente a las cosas mismas, lo que nos dice que son lo que son, y, por tanto, comprender un objeto significa ser consciente de su concepto». Solo a partir del concepto omnicompreensivo C puede comprenderse plenamente la relación entre A y B. La realidad misma se transmite al saber cuando es captada por el concepto. El *big data* proporciona un conocimiento rudimentario. Se queda en las correlaciones y el reconocimiento de patrones, en los que, sin embargo, nada se comprende. El concepto forma una totalidad que incluye y comprende sus momentos en sí mismo. La totalidad es una forma final. El concepto es una conclusión. «Todo es conclusión» significa «todo es concepto». La razón también es una conclusión: «Todo lo racional es una conclusión». El *big data* es aditivo. Lo aditivo no forma una totalidad, un final. Le falta el concepto, es decir, lo que une las partes en un todo. La inteligencia artificial nunca alcanza el nivel conceptual del saber. No comprende los resultados de sus cálculos. El cálculo se diferencia del pensamiento en que no forma conceptos y no avanza de una conclusión a otra." In: HAN, Byung-Chul. **No-Cosas**: Quiebras del Mundo de Hoy. Traducción de Joaquín Chamorro Mielke. Madrid: Taurus, 2021, pp. 36-37. E-book.

⁴⁵ Segundo a descrição de Marx sobre o caráter fetichista da mercadoria, "[u]ma mercadoria aparenta ser, à primeira vista, uma coisa óbvia, trivial. Mas sua análise a revela como uma coisa muito intrincada, plena de sutilezas metafísicas e caprichos teológicos. Quando é valor de uso, nela não há nada de misterioso, seja do ponto de vista de que ela satisfaz necessidades humanas por meio de suas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem, por meio de sua atividade, altera as formas das matérias naturais de modo que lhe é útil. Por exemplo, a forma da madeira é alterada quando dela se faz uma mesa. No entanto, a mesa continua sendo madeira, uma coisa sensível e banal. Mas tão logo aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa sensível-suprassensível. Ela não se contenta em manter os pés no chão, mas põe-se de cabeça para baixo em relação a todas as outras mercadorias, e em sua cabeça de madeira nascem minhocas que nos assombram muito mais do que se ela começasse a dançar por vontade própria. [...] O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores. É por meio desse quiproquó que os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais. [...] É apenas a uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Desse modo, para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo religioso. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana, a isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável das produção de mercadorias. Esse caráter fetichista do mundo das mercadorias surge, como a análise anterior já demonstrou, do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias." In: MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política: Livro I: O Processo de Produção do Capital. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2017, pp. 146-148.

dados. Hoje, o indivíduo é literalmente intoxicado por informações em demasia⁴⁶ e as energias libidinais são transpostas das coisas para aquilo que Han cunhou como “não-coisas”⁴⁷. A consequência disto consiste naquilo que o autor cunhou de “infomania”⁴⁸, termo criado para conceituar a obsessão por informações e dados, tornando os sujeitos em “infômanos”⁴⁹, em seres datassexuais, dataístas, uma vez que o fetichismo das coisas, ou das mercadorias como antevisto por Marx, cedeu espaço para o fetichismo dos dados.⁵⁰

Ricardo Timm de Souza, por seu turno, identifica o fetichismo pela ciência e pela tecnologia como instrumento de idolatria e de idolatrização da técnica científica. Aduz o autor:

O “aparato lógico” que, com seu poder de abstração, permitiu o surgimento e o avanço da ciência moderna e da tecnologia tornou-se para si mesmo um *fetich*, o primeiro passo para a aberta constituição em ídolo da idolatrização. De instância crítica da realidade, se converteu em instrumento legitimador de um *reflexo* da realidade que teria como constitutivo principal a pretensão de substituir, com vantagem, à realidade mesma. O mundo, assombrado por esse fetich, procura a si mesmo, para falar com Rosenzweig, em algo totalmente diferente dele mesmo; o que ele realmente é permanece obscurecido por trás da falsa consciência que ele gera. Os dados que constam no disco rígido do computador são mais importantes do que as intenções de quem lá os colocou; a forma de como a máquina os organiza é mais importante do que saber o que pode significar, exame, “organização”. O mundo administrado – um grande

⁴⁶ Em 1996, o psicólogo britânico David Lewis utilizou, pela primeira vez, o termo “síndrome da fadiga por informação” para designar o distúrbio caracterizado por quem processa informações além do volume considerado saudável pelo cérebro. In: LEWIS, David. *Dying for Information? An Investigation into the Effects of Information Overload Worldwide*. **Reuters Studies**, 1996. Também no ano de 1996, o físico e especialista em inovação espanhol Alfons Cornella criou o termo “infoxicação” para designar o estado mental disfuncional de indivíduos expostos a uma quantidade de informação excessiva ao ponto de não ser processável pelo cérebro humano e, assim, causando os sintomas característicos deste distúrbio. In: CORNELLA, Alfons. *Cómo darse de baja y evitar la infoxicación en Internet*. Extra!-Net. **Revista de Infonomía**, 1996.

⁴⁷ Tradução livre.

⁴⁸ Tradução livre.

⁴⁹ Tradução livre.

⁵⁰ HAN, Byung-Chul. **No-Cosas**: Quiebras del Mundo de Hoy. Traducción de Joaquín Chamorro Mielke. Madrid: Taurus, 2021, p. 09. E-book.

Processo kafkiano – presta contas apenas a si mesmo de suas razões: o resto seria falsa consciência, ingenuidade ou pré-cientificidade.⁵¹

O culto aos dados, extremamente lucrativo para as *big techs*, é incentivado através da hipercomunicação e da hiperexposição na internet, conforme amplamente demonstrando por Byung-Chul Han, mas não só. Todos estes fenômenos – sociedade positiva, demanda por transparência, fomento à comunicação e à exposição, *big data* e dataísmo – estão estreitamente conectados, convergindo em fonte de controle e lucro virtualmente ilimitados.⁵² Dessa forma, hoje, na sociedade de controle digitalizada tal como descrita por Han, as pessoas não são mais apenas recursos humanos como na sociedade disciplinar industrializada tal como descrita por Michel Foucault, são fonte de dados economicamente exploráveis e manipuláveis, fenômeno sedimentado através da fusão entre mercado e o *surveillance*, a vigilância, estatal e privado, que encontra no dataísmo seu instrumento mais potente de legitimação, responsável por revestir a verdadeira natureza do *big data* e transformá-la em algo simpático à opinião pública e lúdico aos sujeitos, potencializando seus efeitos e normalizando a sua expansão a áreas cada vez mais abrangentes do cotidiano, da vida privada, criando uma sociedade digital que inclui e exclui consumidores e cidadãos conforme a conveniência do sistema, isto é, dos detentores do capital acumulado através dos dados e do Estado.⁵³

O dataísmo, portanto, caracteriza-se pela crença ideológica, apesar de negar tal condição como uma “não-ideologia” (o que por si só, como já demonstrou Marx, também é uma ideologia), na suposta virtude dos dados de substituir a razão humana, como um segundo Iluminismo, e funcionar como solução para toda sorte de problemas – políticos, sociais, econômicos, morais –, transformando-se,

⁵¹ SOUZA, Ricardo Timm de. **Crítica da Razão Idolátrica**: Tentação de Thanatos, Necroética e Sobrevivência. 1. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 246.

⁵² LOVELUCK, Benjamin. **Redes, Liberdades e Controle**: Uma Genealogia Política da Internet. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 298.

⁵³ MALLAMACI, Marco Germán. El poder psicopolítico en las sociedades postdisciplinarias del homo digitalis. Apuntes sobre el pensamiento de Byung-Chul Han. **Revista Latina de Sociología (RELASO)**. Vol. 7(1) (2017) pp. 74-94. ISSN-e 2253-6469. Disponível em: <<https://revistas.udc.es/index.php/RELASO/article/view/relaso.2017.7.1.2135>>. Acesso em: 04 jan. 2022.

entretanto, em totalitarismo digital, uma ideologia que almeja a abrangência total, absoluta, de todos os aspectos da vida humana, sejam aqueles particulares, privados e íntimos ou sejam aqueles de caráter público, coletivo e social, reduzindo e equalizando tudo na opacidade dos dados.⁵⁴

4.3 A psicopolítica e as técnicas de controle no regime neoliberal

Adotando a obra de Michel Foucault para introduzir sua teoria, Byung-Chul Han assevera que, desde o século XVII, o poder não se manifesta mais como o poder do soberano sobre a morte. A partir de então, o filósofo francês cunhou de biopoder, ou poder biopolítico, o poder que é exercido através do estímulo, do fortalecimento, da vigilância, dos ajustes comportamentais sobre a população – a massa de sujeitos reunidos, característico da sociedade disciplinar. O biopoder, portanto, é exercido de forma mais refinada, discreta, inferindo nos processos e leis biológicas para guiar e conduzir a população. Entretanto, para Han, o controle biopolítico é adstrito apenas a fatores e comportamentos externos, como a reprodução, taxa de mortalidade, saúde pública, controle da criminalidade, não sendo apto a intervir nos processos psicológicos, na *psyche*, dos sujeitos por ele afetado, tampouco apto a conhecer e revelar os seus pensamentos. Exemplifica o autor com a analogia do panóptico benthamiano, amplamente trabalhada por Foucault, onde a vigilância exercida incidiria apenas no comportamento externos dos prisioneiros, enquanto os seus pensamentos permaneceriam disponíveis somente a eles.⁵⁵ A biopolítica consiste na técnica de administração e governança da sociedade disciplinar, mas, segundo o autor sul-coreano, seria inadequada para o regime neoliberal que explora, principalmente, a *psyche*, uma vez que a biopolítica se restringe a estatísticas demográficas, amostragens, e, assim, não detém acesso ao psíquico, não fornece um psicograma da população. Justamente neste ponto reside uma das principais

⁵⁴ PIQUERAS, María Blázquez. Psicopolítica: la paradoja de la libertad en el último capitalismo. **Revista Laguna**, 46; 2020, pp. 122-125. Disponível em: <https://riull.ull.es/xmlui/bitstream/handle/915/21752/Laguna%20_46_%20%282020%29_10.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 jan. 2022.

⁵⁵ HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: Perspectivas do Digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, pp. 129-130.

diferenças entre a estatística e o *big data*, principal instrumento psicopolítico: a estatística não adentra na *psyche* do sujeito, enquanto o *big data* é capaz de extrair não apenas o psicograma individual do sujeito, mas também o psicograma coletivo da população.⁵⁶

Contudo, hoje, o poder seria exercido de forma ainda mais abrangente do que o poder biopolítico outrora identificado por Foucault. Agora, o poder é exercido não apenas sobre os corpos dos sujeitos e incidindo no seu comportamento externo enquanto sujeitos e no comportamento coletivo enquanto população. Agora, o poder de controle viabilizado pela tecnologia incidiria, também, sobre a *psyche*, sobre a mente dos sujeitos. Aduz o autor:

Hoje uma nova mudança de paradigma se realiza. O panóptico digital não é uma sociedade disciplinar biopolítica, mas sim uma sociedade da transparência psicopolítica. E, no lugar do biopoder, entra o *psicopoder*. A psicopolítica está em posição para, com ajuda da vigilância digital, ler e controlar pensamentos. A vigilância digital toma o lugar da ótica inconfiável, ineficiente e perspectivista do Big Brother. Ela é eficiente porque é *aperspectivista*. A biopolítica não permite nenhum acesso sutil à *psyche* de pessoas. O psicopoder, em contrapartida, está em condições de intervir nos processos psicológicos.⁵⁷

O poder psicopolítico não se serve mais da analogia com o panóptico benthamiano na descrição foucaultiana da sociedade disciplinar. O panóptico, agora, é digital. O panóptico digital de Han difere-se do panóptico extensamente analisado por Foucault, principalmente, por ser *aperspectivístico*. Não há mais uma vigilância centralizada unicamente no centro. A vigilância é difundida. O panóptico digital constrói-se de forma descentralizada e *aperspectivista* e justamente nessa característica reside sua maior eficiência em comparação com a analogia do panóptico de Bentham, onde são submetidos ao controle e estruturados de forma a permitir este controle presídios, fábricas, hospitais, escolas, quartéis. Na sociedade

⁵⁶ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, pp. 33-36.

⁵⁷ HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: Perspectivas do Digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, pp. 130-131.

de controle digital, os habitantes do panóptico não se imaginam sob supervisão e vigilância constante, pelo contrário, imaginam-se em pleno gozo da liberdade, liberdade esta instrumentalizada para os fins pretendidos por aqueles que detêm o controle das informações e dos dados voluntária ou involuntariamente cedidos pelos sujeitos.⁵⁸

Diferentemente do panóptico benthamiano, os habitantes do panóptico digital comunicam-se intensivamente e expõem-se voluntariamente uns aos outros de forma igualmente intensa. O poder psicopolítico, portanto, faz uso intensivo da liberdade, só sendo possível através dela, dando-lhe legitimidade, sustentação e matéria-prima. O poder psicopolítico se concretiza ali onde os sujeitos não mais se expõem e submetem-se ao seu jugo por coação externa, mas movidos por uma necessidade interna, dataísta (ou datassexual), "onde, portanto, o medo de renunciar à sua esfera privada e íntima dá lugar à necessidade de colocá-la à vista impudicamente, e onde liberdade e controle se tornam indistinguíveis".⁵⁹

Dessa forma, Han sintetiza a diferença entre o poder biopolítico e o poder psicopolítico da seguinte forma:

O Big Brother do panóptico benthamiano é capaz de observar os prisioneiros apenas em seu exterior. Ele não sabe o que se passa em seu interior. Não ser ler seus pensamento [sic]. No panóptico digital, ao contrário, é possível penetrar nos pensamentos de seus habitantes. É nisso que consiste a enorme eficiência do panóptico digital. Um controle psicopolítico da sociedade se torna, então, possível.⁶⁰

Segundo Han, faltou a Foucault, impedido de o fazer em decorrência de sua morte prematura, realizar a virada da biopolítica característica da sociedade disciplinar capitalista para a psicopolítica característica do regime neoliberal. Para o autor, Foucault vincula a biopolítica à forma disciplinar do capitalismo, ao controle

⁵⁸ HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, pp. 106-109.

⁵⁹ HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte**: Ensaios e Entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p. 54.

⁶⁰ HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte**: Ensaios e Entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p. 55.

do corpo propriamente dito, nos seus aspectos biológico e somático. Contudo, o regime neoliberal, como evolução ou mutação do capitalismo, não se ocupa primariamente com biológico, o somático e o corporal, mas, antes de tudo, com a *psyche* como força produtiva. Assim, a virada da biopolítica para a psicopolítica encontra-se vinculada às próprias formas de produção neoliberais, majoritariamente imateriais e incorpóreas, fazendo com que o corpo não seja mais a força produtiva central como o era na sociedade disciplinar. Agora, em vez de serem superadas resistências corporais, "processos psíquicos e mentais são *otimizados* para o aumento da produtividade. O disciplinamento corporal dá lugar à otimização mental."⁶¹

A psicopolítica se faz presente, então, nesta forma de controle invisível característica do regime neoliberal, especialmente em sua versão digital, exercida através da ausência de negatividade, obstáculos e privações, mas, pelo contrário, a partir de uma positividade pura, pela busca incessante por rendimento, pela necessidade de exposição, de informar-se, de comunicar-se irrestritamente, fazendo nascer um nova forma de controle alicerçada na dependência, na necessidade⁶², transformando a liberdade em instrumento eficiente de controle. As novas tecnologias digitais de comunicação promovem, desta forma, o compartilhamento sucessivo e crescente de conteúdo entre os usuários, consumidores e produtores de informação, ao passo que, enquanto consomem e produzem, ainda fornecem informações convertidas em dados que servem de combustível para o domínio gerado através de sua própria atividade, do próprio exercício de sua liberdade. A algoritmização do cotidiano acentua-se com o acúmulo de dados, obtidos em âmbitos da vida privada cada mais profundos e até mesmo do inconsciente do usuário, que servem de instrumento de dominação financeira e social.⁶³

⁶¹ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018, pp. 37-40.

⁶² LANDÁZURI, Manuel Cruz Ortiz de. De la Biopolítica a la Psicopolítica en el Pensamiento Social de Byung-Chul Han. **Athenea Digital** - 17(1): 187-203 (marzo 2017) -ARTÍCULOS- ISSN: 1578-8946. Disponível em: <<https://atheneadigital.net/article/view/v17-n1-cruz/1782-pdf-es>>. Acesso em: 07 jan. 2022.

⁶³ MELO, Marco César de Souza. Psicopolítica em Byung-Chul Han: Novas Formas de Controle na Civilização Tecnológica. In: **Revista Dialectus**, ano 9, n. 17, mai-ago/2020, pp. 68-81. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/60608/162099>>. Acesso em: 14 out. 2021.

A virada descrita por Han da biopolítica para a psicopolítica relega a corporeidade para o segundo plano, uma vez que as novas técnicas de poder características do regime neoliberal evoluíram paulatinamente para atuar sobre a psique humana. Assim, o autor justifica sua visão do poder que, por consistir em algo incorpóreo, só poderia ser coexistente, e até mesmo dependente, à liberdade assim sendo, uma vez que a liberdade não é análoga aos processos físicos. Se há coação física, inexiste liberdade. A liberdade, portanto, não coincide com objetos físicos, materiais, e, portanto, tampouco o poder poderia coincidir. O filósofo sul-coreano justifica a sua teoria sobre a eficiência e prevalência do poder psicopolítico no regime neoliberal justamente por conciliar liberdade e poder. O poder *eficiente* não consiste no poder de constranger, coagir ou punir, que necessita de recursos volumosos para o seu exercício. A eficiência do poder psicopolítico reside na ausência de resistência, na voluntariedade daqueles que são por ele atingidos, na liberdade de serem dominados e explorados através da promessa de liberdade.⁶⁴

Diferentemente da análise realizada por Foucault na descrição da sociedade disciplinar e da biopolítica, a característica central da sociedade de controle digital teorizada por Han reside em uma divergência fundamental entre ambas: aquela era marcada pela negatividade, isto é, pela utilização e pela presença de elementos externos voltados para o controle, para a repressão, para a coação, para a normação, dos sujeitos e da população. Por outro lado, esta, a sociedade do controle digital, da transparência, é marcada pela positividade, ou seja, pela eliminação da negatividade e pelo incentivo, pelo estímulo, pelo consumo, pela exposição, pela comunicação, pelo exagero, pelos *likes* (que, ironicamente ou não, são representados por um sinal de positivo com o polegar erguido no Facebook)⁶⁵, pela eliminação, inclusive, da dor.⁶⁶

⁶⁴ SASTRE, Alejandro Recio. Análisis crítico sobre las nociones de poder y psicopolítica en el pensamiento de Byung-Chul Han. **Revista Cientific**. - Ensayo Arbitrado - Registro nº: 295-14548 - pp. BA2016000002 - Vol. 4, Nº 13 - Agosto-October 2019 - pág. 240/260. ISSN: 2542-2987 - ISNI: 0000 0004 6045 0361. Disponível em: <http://www.indteca.com/ojs/index.php/Revista_Scientific/article/view/371/494>. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁶⁵ LANDÁZURI, Manuel Cruz Ortiz de. De la Biopolítica a la Psicopolítica en el Pensamiento Social de Byung-Chul Han. **Athenea Digital** - 17(1): 187-203 (marzo 2017) -ARTÍCULOS- ISSN: 1578-8946. Disponível em: <<https://atheneadigital.net/article/view/v17-n1-cruz/1782-pdf-es>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁶⁶ Cf. HAN, Byung-Chul. **Sociedade Paliativa: A Dor Hoje**. Tradução de Lucas Machado. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

“Quem quiser alcançar um poder absoluto deverá fazer *uso não* da violência, mas da liberdade do outro”⁶⁷, aduz Byung-Chul Han. Segundo o autor em sua obra dedicada à analítica do poder *O que é Poder?*, é justamente onde o poder não aparece como coerção que ele passa despercebido e no consentimento sua percepção desaparece.⁶⁸ Segundo o autor:

O hábito orienta as ações de tal modo que as relações dominantes de poder se reproduzem no interior de uma fundamentação racional de uma maneira quase mágica. A teoria do hábito de Bordieu torna subitamente mais claro que o poder não precisa aparecer como coerção. Ao contrário, mais poderoso, o mais estável, de todos os poderes está ali onde se produz a sensação de liberdade, onde nenhuma violência é preciso. A liberdade pode ser um fato ou uma aparência. Mas opera estabilizando o poder, ela lhe é constitutiva.⁶⁹

A efetividade da psicopolítica reside justamente na ausência de sua percepção, na sutileza de sua atuação, por agir de forma despercebida. O sujeito do desempenho, empreendedor de si mesmo, ocupa, agora, o lugar do trabalhador industrial, ainda existente, mas coadjuvante na economia do regime neoliberal. A subjetividade, como já demonstrado por Foucault e reforçado por Byung-Chul Han, ocupa o centro da analítica do poder na sociedade disciplinar e, atualmente, na sociedade da transparência (do desempenho, do controle...). A produtividade, estreitamente vinculada à subjetividade dos sujeitos, desde Marx já constitui, de igual forma, categoria essencial para a compreensão dos processos sociais e econômicos. Nesse sentido, Han assevera a respeito da sociedade do desempenho, onde elabora sua principal analítica sobre a subjetividade do sujeito neoliberal, e as suas implicações na subjetividade voltada à autoexploração, resultando na transformação do indivíduo em empreendedor de si mesmo:

⁶⁷ HAN, Byung-Chul. **O que é Poder?** Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, p. 16.

⁶⁸ HAN, Byung-Chul. **O que é Poder?** Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, p. 21.

⁶⁹ HAN, Byung-Chul. **O que é Poder?** Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, pp. 80-81.

A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o *inconsciente social*, o desejo de maximizar a produção. A partir de determinado ponto de produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade.⁷⁰

Há, portanto, não uma completa *substituição* da biopolítica foucaultiana para a psicopolítica, mas em verdade uma *continuação* entre ambas. As prisões, os manicômios, as escolas, as fábricas e os quartéis não deixaram de existir. Contudo, se faz presente, de forma onipresente e virtualmente invisível, uma nova forma de poder, ainda mais aguda do que aquela forma de poder cujo exercício recaía diretamente sobre o corpo dos sujeitos a serem normados, no termo de Foucault, mas, antes de tudo, incide sobre os processos psíquicos e opera instrumentalizando a liberdade, subvertendo-a em autoexploração, em uma violência praticada a partir do próprio indivíduo contra si mesmo⁷¹. A vigilância psicopolítica, diferentemente daquela biopolítica, é aperspectivística e, apesar de também ser realizada de forma indiscriminada por entes públicos e privados, muitas vezes em conluio, também o é realizada pelos próprios sujeitos uns em detrimento dos outros, uns possibilitando e colaborando para com a vigilância de si e dos outros.

⁷⁰ HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, pp. 25-26.

⁷¹ Cf. HAN, Byung-Chul. **Topologia da Violência**. Tradução de Enio Paulo Gianchini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

O poder psicopolítico é exercido sobre o indivíduo sem oposição, mas através de sua colaboração. A transparência, elevada a imperativo ético na administração pública e transposta à vida privada, fornece a legitimação da exposição em rede que sustenta a vigilância online. A subjetividade voltada ao desempenho alimenta a necessidade de exposição e de autoaprimoramento constante, em uma busca incessante por produtividade e acúmulo de capital. Tudo isso é fomentado pela eliminação da negatividade, da coerção, do constrangimento ao indivíduo, fenômeno que Byung-Chul Han identificou como causa no excesso positividade, traduzido em um estímulo constante ao uso da liberdade: liberdade para consumir, interagir, comunicar, expor, de forma livre de obstáculos, enquanto estas atividades geram lucro ou matéria-prima (dados) a conglomerados empresariais e órgãos governamentais, mas não só. O próprio sujeito, agora empreendedor de si, encontra-se dependente destes mesmos mecanismos.

Hiperexposição e hipercomunicação integram estes instrumentos de dominação absoluta, induzindo o sujeito a, voluntariamente, ceder seu tempo e sua intimidade em prol dos detentores do conglomerado digital que preenche a quase totalidade das interações em rede, dando forma àquilo que Byung-Chul Han denominou de panóptico digital.

O *big data*, por seu turno, forneceu a capacidade necessária à consolidação deste domínio ao permitir o processamento de quantidades de dados até então inimagináveis, servindo de fonte inesgotável de lucro ao interpretar e redirecionar para fins alheios à vontade dos sujeitos informações privadas – e até mesmo informações desconhecidas dos próprios sujeitos sobre si mesmo. O dataísmo, por fim, confere a legitimação ideológica ao uso desenfreado e crescente do *big data* como instrumento de controle, vendido através da bandeira da necessidade, da eficiência, da inevitabilidade e da razão, de uma nova razão, não-humana e insuscetível a erros.

A psicopolítica, aduz o autor, veio para substituir a biopolítica como técnica de poder dominante – ainda que não exclusiva –, tendo em vista a crescente digitalização da sociedade, terreno fértil para o controle psicopolítico.

A psicopolítica se empodera do comportamento social das massas ao acessar a sua lógica inconsciente. A sociedade digital de vigilância, que tem acesso ao inconsciente-coletivo, ao comportamento social futuro das massas, desenvolve traços totalitários. Ela nos entrega à programação e ao controle psicopolíticos. A era da biopolítica está, assim, terminado. Dirigimo-nos, hoje, à era da psicopolítica digital.⁷²

Assim como em toda a obra do autor sul-coreano, seus conceitos entaleçam-se e dão forma, ao fim e ao cabo, à psicopolítica, conceito onde reúne de forma sutil e integrada as categorias trabalhadas ao longo de seus principais escritos.

⁷² HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: Perspectivas do Digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 134.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o trajeto percorrido ao longo da presente dissertação, foi possível identificar, inicialmente, a continuidade entre os conceitos de poder biopolítico e a biopolítica desenvolvidos por Michel Foucault em sua obra e os conceitos de poder psicopolítico e psicopolítica desenvolvidos por Byung-Chul Han. Ao longo da obra de Michel Foucault foi possível identificar os conceitos embrionários posteriormente utilizados por Byung-Chul Han na construção da sua teoria.

A analítica de Foucault sobre as origens do neoliberalismo nos seus cursos finais no *Collège de France* identifica no desejo a força motriz do controle e da administração da população. Para os economistas fisiocratas e utilitaristas, idealizadores dos ideais liberais, a economia é vista como algo natural, que deve ser desenvolvida de forma orgânica e livre de influências e que a ação individual desimpedida promoveria o maior bem-estar possível ao maior número de pessoas. A partir de então, a liberdade passa a ser instrumentalizada e gerida em decorrência de seu potencial produtor de riqueza e o indivíduo passa a ser estimulado a produzir, aumentar sua renda e seu patrimônio e a otimizar-se para concorrer de forma mais eficiente com os seus pares.

A subjetividade identificada por Foucault como profundamente marcada pela noção de concorrência e que, por corolário, resultará nas necessidades de otimização e desempenho por parte dos indivíduos, conforme posteriormente desenvolvido por Byung-Chul Han, constitui um dos pilares da psicopolítica, como uma das formas de controle eficiente característica do psicopoder.

No entanto, com o desenvolvimento tecnológico constante durante o regime neoliberal, o controle, seus instrumentos e técnicas, foram, de igual forma, aprimorando-se e infiltrando-se de forma cada vez mais aguda na vida privada dos sujeitos e na administração da população como um todo. A transparência, expressivamente ampliada em razão da cibernética e da internet, propõe e impõe um novo dogma, aceito voluntariamente pelos sujeitos apesar de seus efeitos violadores da privacidade. Agora, tudo deve ser exposto e visto, surgindo a possibilidade e a

necessidade de uma vigilância não mais apenas centralizada e exercida por empresas privadas ou governos, mas de forma interpessoal entre os próprios sujeitos, transformando-os em vigias e vigiados. A necessidade surge da demanda por exposição por um melhor posicionamento individual diante do mercado de trabalho, da busca por relacionamentos afetivos e da gratificação advinda das interações online, da concorrência e da competição com os outros sujeitos através da gamificação de toda sorte de atividades.

Para Han, é justamente nessa presença ostensiva do incentivo à exposição, à comunicação, ao desempenho individual e da supressão de obstáculos, de negatividades, que consiste na positividade caracterizadora do regime neoliberal e principal instrumento de controle psicopolítico. A maior eficiência do poder positivo em comparação com o poder calcado na negatividade, na supressão, na punição, reside justamente na ausência de resistência ao ser exercido. O poder psicopolítico é internalizado pelo sujeito, que se acredita livre enquanto é explorado e controlado.

O incentivo à hipercomunicação e à hiperexposição funcionam como instrumento de controle autoimposto ao sujeito que, ao assim agir, fornece voluntariamente cada vez mais dados próprios para a cognição de sua personalidade, de seus processos psicológicos, de sua saúde, hábitos e atividades laborais, ao sistema, que de posse desses dados, processados e transformados em informação, os utiliza para fins de acúmulo de capital, através de marketing direcionado, e para fins de controle social, através do acúmulo dessas informações e de suas destinações as mais diversas por parte de órgãos governamentais. Dessa exploração constante – autoimposta ou presente de forma despercebida – surgiu aquilo que Shoshana Zuboff cunhou de superávit comportamental, os dados obtidos a partir das interações online dos sujeitos ou de suas interações com tecnologias de extração de dados, como, por exemplo, através de objetos “inteligentes”, voltados a, supostamente, facilitar o cotidiano e promover conforme, agilidade e *eficiência*, enquanto, em verdade, serve de fornecimento gratuito de matéria-prima a ser transformada em capital.

O controle psicopolítico, no entanto, só foi possível de ser concretizado através das tecnologias desenvolvidas ao longo das últimas décadas, especialmente através do *big data*, capaz de obter, processar e otimizar uma quantidade massiva

de dados sobre qualquer indivíduo e instrumentalizar estes dados para prever ou induzir seu comportamento, através da cognição de processos psíquico-subjetivos ignorados até mesmo pelos próprios sujeitos, tamanho o poder de processamento e captação de informações. O dataísmo, por seu turno, fornece a legitimação ideológica – até mesmo àqueles que ignoram o termo – ao acúmulo de dados como algo inevitável e até mesmo desejável, diante da potência facilitadora do cotidiano gerada pelos dados.

Assim, ao longo desta pesquisa, foi possível identificar na obra de Byung-Chul Han a psicopolítica como uma nova forma de poder, possibilitada através da expansão das tecnologias digitais, e que atua, agora, não mais apenas nos corpos dos sujeitos como outrora aludiu Foucault a respeito da biopolítica.

A psicopolítica atua de forma ainda mais incisiva, na *psyche* dos sujeitos, através da cognição dos processos psíquicos e psicológicos, uma vez que a quantidade de dados cedida voluntariamente pelos sujeitos e/ou captada de forma despercebida pelas tecnologias de *big data* fornece os instrumentos necessários para possibilitar a existência deste poder. As tecnologias digitais possibilitaram o acesso ao indivíduo, às suas preferências, rotina, hábitos, até então inimaginável, fazendo surgir aquilo que Han chamou de protocolamento total da vida. A quantidade de informações obtidas sobre cada sujeito alcançou um patamar tão extraordinário a ponto de ser possível a completa cognição de todos os aspectos de sua vida, sejam eles fisiológicos, psicológicos ou acidentais. Através desta variedade virtualmente ilimitada de dados, de informações, o controle até então biopolítico expandiu-se para transformar-se em poder psicopolítico, ainda que não tenha deixado de coexistir, uma vez que o comportamento dos indivíduos passa a ser moldado não mais apenas através de intervenções corporais, *negativas*, como punições, mas através de estímulos *positivos*, como a constante busca por aceitação social promovida através das redes sociais. O controle até então externo passa ser exercido, também, internamente, fazendo surgir uma violência e um controle autoimpostos, muito mais eficientes e muito menos dispendiosos.

Diversos fenômenos umbilicalmente conectados entre si prepararam o ambiente ideal para o surgimento deste poder, conforme é possível perceber ao longo da obra de Byung-Chul Han e demonstrado nesta obra. A positividade, a

transparência, a hipercomunicação, a hiperexposição, a subjetividade voltada ao desempenho e o surgimento das tecnologias de *big data*, internet das coisas, dos algoritmos de processamento de dados, funcionam, hoje, de forma integrada para o exercício do poder psicopolítico, um poder que se alimenta da liberdade e faz dela seu principal instrumento.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Augusto Jobim do; SALLES, Eduardo Baldissera Carvalho. Pandemia, vigilância e “solucionismo tecnológico”. *In*: SOBRINHO, Liton Lanes Pilau; CALGARO, Cleide; ROCHA, Leonel Severo (Orgs.). **COVID-19: Ambiente e Tecnologia**. Itajaí, SC: Ed. da Univali, 2020. Disponível em: <<https://www.univali.br/vida-no-campus/editora-univali/e-books/Documents/ecjs/E-book%202020%20COVID-19%20%E2%80%93%20AMBIENTE%20E%20TECNOLOGIA.pdf>>.

ARELLANO, César Alcázar. Byung-Chul Han y la Positivización de la Sociedad: El Sentido, la Verdad y la Libertad en la Era Digital. *In*: **Argumentos de Razón Técnica**, nº 19, 2016, pp. 179-191. Disponível em: <<https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/64154/Byung-Chul%20Han%20y%20la%20positivizaci%3b3n%20de%20la%20sociedad.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

AUGUSTO FILHO, Florêncio; ROSA, Pablo Ornelas; MARCHIORI, Giovanna Rosario Soanno. From homo oeconomicus to the performance subject: the trajectory of the subject in the neoliberal model in the thoughts of Foucault and Byung-Chul Han. *In*: **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. e130942964, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2964>>.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: Vigilância e Resistência na Dadosfera**. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021.

BENAVIDES, Pablo Severiano. Neoliberalismo, Psicopolítica e Capitalismo da Transparência. *In*: **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, e164064, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100244&lng=pt&nrm=iso>.

BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. 2. ed. Organização de Tomaz Tadeu. Tradução de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno e Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BERARDI, Franco. **Asfixia: Capitalismo Financeiro e Insurreição da Linguagem**. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2020.

BRANCO, Guilherme Castelo. **Michel Foucault: Filosofia e Biopolítica**. 1. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BROOKS, David. The Philosophy of Data. **The New York Times**, Nova Iorque, NY, 04 fev. 2013. Opinion. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2013/02/05/opinion/brooks-the-philosophy-of-data.html>>.

BYUNG-CHUL Han: "**Si un sistema ataca mi libertad, debo resistir**". Entrevista a Byung-Chul Han, publicada el 7 de septiembre del año 2014, realizada por la revista *ZEIT Wissen*. Bloghemia, 2020. Disponível em: <<https://www.bloghemia.com/2019/06/byung-chul-han-si-un-sistema-ataca-mi.html?m=1>>.

CÁRCAMO, Nicolás Orrego. Negatividad como Resistencia: Una Respuesta a la Positividad de Byung-Chul Han. *In: Revista Bricolaje*, (5), 21-26. Disponível em: <<https://revistas.uchile.cl/index.php/RB/article/view/54239>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. 4. reimp. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020.

CHIGNOLA, Sandro. **Foucault além de Foucault: Uma Política da Filosofia**. Tradução, notas e revisão técnica de Augusto Jobim do Amaral (coord.), Evandro Pontel e André Rocha Sampaio. Porto Alegre, RS: Criação Humana, 2020.

CORNELLA, Alfons. Cómo darse de baja y evitar la infoxicación en Internet. Extra!-Net. **Revista de Infonomía**, 1996.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

DOMECQ, Martin. Sobre a Noção de Transparência em Byung-Chul Han e a Defesa de Nossa Desacreditada Opacidade. *In: Griot: Revista de Filosofia*, Amargosa - BA, v.20, n.3, p.342-361, outubro, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.31977/grirfi.v20i3.1860>>.

EIRAS, Natália. Os Filtros do Instagram estão Mudando nossa Aparência na Vida Real? **Elle Brasil**, São Paulo, 25 mai. 2020. Beleza. Disponível em: <<https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais/particle-2>>.

FERREIRA, Rubens da Silva. A sociedade da informação como sociedade de disciplina, vigilância e controle. *In: Información, cultura y sociedad*. 2014, pp. 109-120. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17402014000200007&lng=en&tlng=en>.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**. Tradução de Maria Thereza de Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 9. ed. Rio de Janeiro, RJ/São Paulo, SP: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**: curso dado no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, População, Território**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GALPARSO, José Ignacio. Big Data y Psicopolítica. Vía de escape: de la vida calculable a la vida como obra de arte. *In: DILEMATA*, año 9 (2017), nº 24, 25-43 ISSN 1989-7022. Disponível em:
<<https://www.dilemata.net/revista/index.php/dilemata/article/view/412000099>>.

Gartner (n.d.) **Information Technology Gartner Glossary** [Online]. Disponível em:
<<https://www.gartner.com/en/information-technology/glossary/big-data>>.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. A (auto)exploração do sujeito em rede digital: a liberdade em crise?. *In: Pro-Posições*, v. 31, Campinas, 2020, pp. 1-7. e-ISSN 1980-6248. Disponível em:
<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072020000100702&tlng=pt>.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. Psicopolítica, Neoliberalismo e as Novas Formas de Poder. **Reflexão e Ação**, v. 28, n. 2, Santa Cruz do Sul, 2020, pp. 304-309. e-ISSN 0104-6578. Disponível em:
<<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14275>>.

HAN, Byung-Chul. **A Salvação do Belo**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte**: Ensaios e Entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **La Desaparición de los Rituales**. Barcelona: Herder Editorial, 2020. E-book. ISBN: 9788425444012.

HAN, Byung-Chul. **La Expulsión de lo Distinto**: Percepción y Comunicación en la Sociedad Actual. Traducción de Alberto Ciria. Barcelona: Herder & Herder, 2021.

HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: Perspectivas do Digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **No-Cosas**: Quiebras del Mundo de Hoy. Traducción de Joaquín Chamorro Mielke. Madrid: Taurus, 2021. E-book.

HAN, Byung-Chul. **O que é Poder?** Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade Paliativa**: A Dor Hoje. Tradução de Lucas Machado. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da Violência**. Tradução de Enio Paulo Gianchini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: Uma Breve História do Amanhã. Tradução de Paulo Geiger. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016.

HARCOURT, Bernard. **Against Prediction**: Profiling, Policing, and Punishing in an Actuarial Age. Reprint. Chicago, IL: Chicago University Press, 2016.

HOLANDA, Mariana Assunção Figueiredo. O cansaço é também colonial? Crítica à Sociedade do cansaço, de Byung-Chul Han, desde o Pluralismo Bioético. *In: Revista Brasileira de Bioética*, 2018;14(e18):1-14. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbb/article/download/21958/20154/38953>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2020.

KAUFMAN, Dora, SANTAELLA, Lucia. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. *In: Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 27, pp. 1-10, jan.-dez. 2020. e-ISSN: 1980-3729. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.34074>>.

KELSEN, Hans. **A Teoria Comunista do Direito**. Tradução de Pedro Davoglio. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Contracorrente, 2021.

LANDÁZURI, Manuel Cruz Ortiz de. De la Biopolítica a la Psicopolítica en el Pensamiento Social de Byung-Chul Han. **Athenea Digital** - 17(1): 187-203 (marzo 2017) -ARTÍCULOS- ISSN: 1578-8946. Disponível em: <<https://atheneadigital.net/article/view/v17-n1-cruz/1782-pdf-es>>.

LEWIS, David. Dying for Information? An Investigation into the Effects of Information Overload Worldwide. **Reuters Studies**, 1996.

LOVELUCK, Benjamin. **Redes, Liberdades e Controle: Uma Genealogia Política da Internet**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MALLAMACI, Marco Germán. El poder psicopolítico en las sociedades postdisciplinarias del homo digitalis. Apuntes sobre el pensamiento de Byung-Chul Han. **Revista Latina de Sociología (RELASO)**. Vol. 7(1) (2017) pp. 74-94. ISSN-e 2253-6469. Disponível em: <<https://revistas.udc.es/index.php/RELASO/article/view/relaso.2017.7.1.2135>>.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política: Livro I: O Processo de Produção do Capital**. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. 1. ed. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2017.

MELO, Marco César de Souza. Psicopolítica em Byung-Chul Han: Novas Formas de Controle na Civilização Tecnológica. *In: Revista Dialectus*, ano 9, n. 17, mai-ago/2020, pp. 68-81. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/60608/162099>>.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A Ascensão dos Dados e a Morte da Política**. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2018.

NEVES, Ariane. China usa tecnologia que reconhece pessoas pelo jeito de andar. **Exame**, São Paulo, SP, 08 nov. 2018. Tecnologia. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/china-usa-tecnologia-que-reconhece-pessoas-pelo-jeito-de-andar/>>.

NICKERSON, Raymond S. Confirmation Bias: A Ubiquitous Phenomenon in Many Guises. *In: Review of General Psychology*. 1998, p. 175-220. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1037/1089-2680.2.2.175>>.

NOYAMA, Samon. Da repressão das pulsões da vida aos "sujeitos-projetos": A servidão voluntária no mundo contemporâneo de Marcuse a Han. *In: AMITRANO, Georgia; VIESENTEINER, Jorge L.; BARBOSA, Mariana de Toledo (orgs.). In: Deleuze, Desconstrução e Alteridade*. São Paulo: ANPOF, 2019. pp. 175-182. Disponível em: <https://www.academia.edu/42179451/Da_repress%C3%A3o_das_puls%C3%B5es_

de_vida_aos_sujeitos_projetos_a_servid%C3%A3o_volunt%C3%A1rio_no_mundo_co
ntempor%C3%A2neo_de_Marcuse_a_Han>.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de Destruição Matemática**: Como o Big Data Aumenta a Desigualdade e Ameaça a Democracia. Tradução de Rafael Abraham. 1. ed. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020.

Oracle (n.d.) **What Is Big Data?** [Online]. Disponível em:
<<https://www.oracle.com/big-data/guide/what-is-big-data.html>>.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Alexandre Hubner, Heloísa Jahn. Pós-fácios de Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.

PEREIRA, Juliana Martins. MBEMBE, Achille. Necropolítica. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p. *In: Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 25, n. 55, pp. 367-371, set./dez. 2019. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832019000300367&lng=en&nrm=iso>.

PIQUERAS, María Blázquez. Psicopolítica: la paradoja de la libertad en el último capitalismo. **Revista Laguna**, 46; 2020, pp. 122-125. Disponível em:
<https://riull.ull.es/xmlui/bitstream/handle/915/21752/Laguna%20_46_%20%282020%29_10.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

POITRAS, Laura. **Citizenfour**. Produção e direção de Laura Poitras, Mathilde Bonnefoy e Dirk Wilutzky. Praxis Films. Estados Unidos da América, 2014. Documentário. 114 min.

RAMÍREZ, Diego García; JIMÉNEZ, Dune Valle. Los impactos de la ideología técnica y la cultura algorítmica en la sociedad: una aproximación crítica. *In: Revista de Estudios Sociales*, v. 71, 2020, pp. 15-27, 2020, Bogotá, CO. ISSN: 0123-885X. Disponível em: <<https://revistas.uniandes.edu.co/doi/full/10.7440/res71.2020.02>>.

REGATIERI, Ricardo Pagliuso. HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. São Paulo: Vozes, 2015, 136 p. *In: Trans/Form/Ação*, Marília, v. 42, n. 4, pp. 223-226, Out./Dez., 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0101-3173.2019.v42n4.12.p223>>.

RIVERA, Eduardo. **The V's of Big Data**. Marbella International University Centre, 20 mai. 2020. Disponível em: <<https://miuc.org/vs-big-data/>>.

ROIG, Ordóñez Vicente. De Big Brother a Big Data: reflexiones a propósito de Im Schwarm. Ansichten des Digitalen de Byung-Chul Han. *In: Araucaria*. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales, año 20, nº 40. Segundo semestre de 2018. Pp. 759-771. ISSN 1575-6823 e-ISSN 2340-2199 doi: 10.12795/araucaria.2018.i40.30. Disponível em:
<<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6927467.pdf>>.

ROSA, Alex da. Psicopolítica e Neoliberalismo. In: **Revista Direitos Humanos & Sociedade**, v. 1, n. 2, Criciúma, 2019, pp. 228-232. ISSN 2595-8348. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/dirhumanos/article/view/5559>>.

RUSSELL, Bertrand. **História da Filosofia Ocidental – Livro 3: A Filosofia Moderna**. Tradução de Hugo Langone. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SASTRE, Alejandro Recio. Análisis crítico sobre las nociones de poder y psicopolítica en el pensamiento de Byung-Chul Han. **Revista Scientific**. - Ensayo Arbitrado - Registro nº: 295-14548 - pp. BA2016000002 - Vol. 4, Nº 13 - Agosto- Octubre 2019 - pág. 240/260. ISSN: 2542-2987 - ISNI: 0000 0004 6045 0361. Disponível em: <http://www.indteca.com/ojs/index.php/Revista_Scientific/article/view/371/494>.

SCHMIDT NETO, André Perin. **O Livre-Arbítrio na Era do Big Data**. 1. ed. São Paulo, SP: Tirant lo Blanch, 2021.

SCHMITT, Carl. **Constitutional Theory**. Translated and edited by Jeffrey Seitzer. Foreword by Ellen Kennedy. Durham/London: Duke University Press, 2008.

SCHWAB, Klaus. **The Fourth Industrial Revolution**. Genebra, CH: World Economic Forum, 2016.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Crítica da Razão Idolátrica: Tentação de Thanatos, Necroética e Sobrevivência**. 1. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

SMITH, Adam. **Teoria dos Sentimentos Morais**. Tradução de Lya Luft. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2015.

WACHOWSKI, Lana; WACHOWSKI, Lilly. **The Matrix**. Produção de Joel Silver e direção de Lana Wachowski e Lilly Wachowski. Village Roadshow Pictures e Silver Pictures. Estados Unidos da América, 1999. Filme. 136 min.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Tradução de Mário Moraes. São Paulo, SP: Martin Claret, 2013.

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância: A Luta por um Futuro Humano na Nova Fronteira do Poder**. Tradução de George Schlesinger. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2020.

